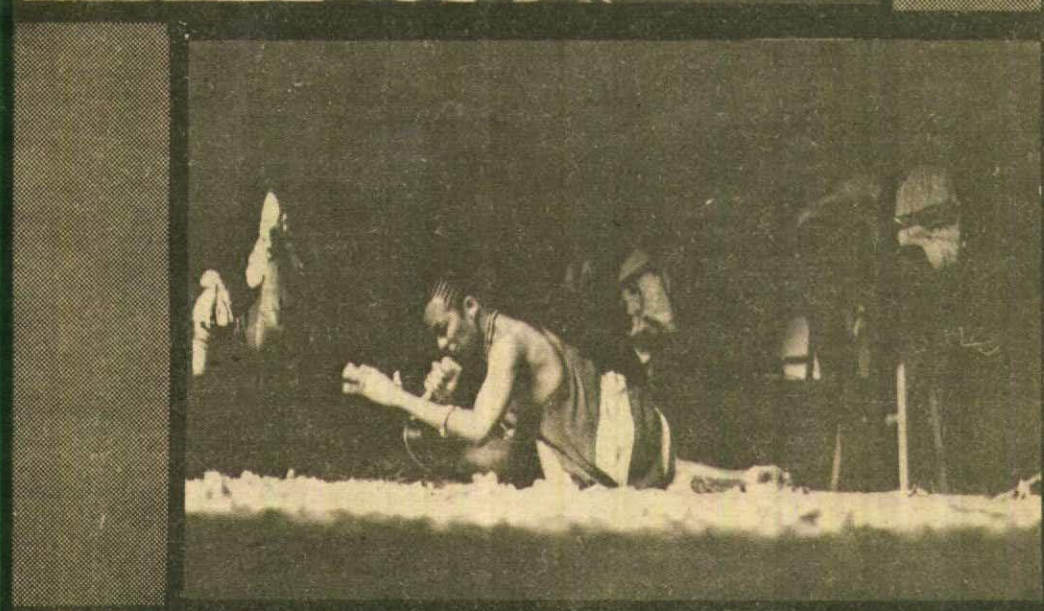
LAMPIÃO da esquina

ANO 3 ■ Nº 25 — Rio de Janeiro, junho de 1980 — Cr$ 30,00

● Leitura para maiores de 18 anos

A VOLTA DO ESQUADRÃO MATA-BICHA

três crimes abalam a comunidade guei

BIXÒRDIA II O SHOW

O racha no Somos paulista

O aborto segundo Pasolini

Negros contra o 13 de Maio

Centro de Documentação
Prof. Dr. Luiz Mott

O Aborto Segundo Pasolini

Eu sou pelo referendo em oito pontos do Partido Radical (pela liberação do aborto) e estarei disposto a colaborar numa campanha, mesmo imediata, a seu favor. Partilho com este partido a pressa de que seja ratificado rapidamente: este é o primeiro princípio da democracia.

Contudo, sinto-me traumatizado pela legislação que diz respeito ao aborto, porque a considero, como muitos, uma legislação de homicídio. Nos meus sonhos e no meu comportamento cotidiano — e isto é comum a todos os homens — eu vivo a minha vida pré-natal, aquela feliz imersão nas águas maternas: sei que já existia lá. Limito-me a dizer isto, porque, a propósito do aborto, tenho coisas mais urgentes a dizer. Que a vida é sagrada, é óbvio; é um princípio ainda mais forte que qualquer princípio da democracia e é inútil repeti-lo.

Contudo, a primeira coisa que quero dizer é a seguinte: o aborto é o primeiro e único assunto acerca do qual os radicais e todos os outros democratas seus defensores, os mais puros e rigorosos, fazem apelo ao casuísmo, recorrendo a perversão cínica dos dados e do bom senso.

Eles, que sempre colocaram antes de tudo a questão de saber quais são os **verdadeiros princípios** a defender, desta vez não o fizeram.

Ora, como eles sabem perfeitamente, não há um único caso em que esses **verdadeiros princípios** coincidam com aquilo que a maioria considera propriamente direitos. No contexto democrático, luta-se, é certo, pela maioria, ou seja, pelo consenso de todos os cidadãos, mas acontece que a maioria, na sua santidade, nunca tem razão, porque o seu conformismo é por natureza brutalmente repressivo.

Por que considero não-verdadeiros os princípios pelos quais os radicais e progressistas em geral baseiam, por conformismo, a sua luta pela legalização do aborto?

Por uma série caótica, tulmutuosa e emotiva de razões. Eu sei contudo, que a maioria já está toda, desde já, a favor da legalização. O aborto legal é de fato de uma enorme comodidade para a maioria das pessoas. Sobretudo porque torna ainda mais fácil o coito — a cópula heterossexual — para a qual não haveriam mais obstáculos. Mas esta liberdade de cópula para o casal — essa maravilhosa permissividade — quem é que tacitamente a desejou, tacitamente a promulgou e tacitamente a fez entrar de forma irreversível, nos nossos hábitos? A sociedade de consumo, o novo fascismo. Apoderou-se das exigências de liberdade liberais e progressistas, e, fazendo-as suas, esvaziou-as e mudou sua natureza.

Hoje a liberdade sexual da maioria é, na realidade, uma convenção, uma obrigação, um dever social, uma característica da qualidade de vida a que o consumidor não pode renunciar. Em suma, a falsa liberalização do bem-estar criou uma situação tanto e talvez mais absurda que nos templos da pobreza: Vejamos:

I — O resultado de uma liberdade sexual oferecida pelo Poder é uma verdadeira neurose geral. A facilidade criou a obsessão, porque se trata de uma facilidade imposta. Protege unicamente o casal, e o casal acabou assim por se tornar uma condição imperativa, em lugar de um sinal de felicidade e liberdade, segundo as esperanças democráticas.

II — Pelo contrário, tudo que é sexualmente diferente é repelido, com uma violência só comparável à dos nazistas nos campos de concentração. Em palavras, é verdade, o novo Poder estende sua falsa tolerância até as minorias (mais cedo ou mais tarde as deixarão entrar na TV). De resto, as elites são muito mais tolerantes do que outrora para com as minorias sexuais. Em compensação, a massa tornou-se de uma intolerância tão rasteira, violenta e infame, como jamais aconteceu na história deste país. O povo parece querer esquecer, com a pobreza, a sua autêntica tolerância. São essas massas, prontas à chantagem, ao espancamento, ao linchamento, que — por decisão do Poder — ultrapassam o antigo tabu clerical — fascista e estão dispostas a aceitar a legalização do aborto e daí a abolição de qualquer obstáculo às relações do casal.

Todos, quando falam do aborto, abstêm-se de falar daquilo que o precede, ou seja, o coito. Omissão extremamente significativa. Não se pode falar concreta e politicamente do aborto, sem considerar o coito político. Não é possível ver no aborto sinais de uma determinada situação social e política, sem ver os mesmos sinais no seu precedente imediato — o coito.

O contexto em que deve inserir-se o problema do aborto é bem mais amplo e ultrapassa a ideologia dos partidos. O contexto em que o aborto se insere é precisamente ecológico: é a tragédia demográfica que se apresenta como a mais grave ameaça à sobrevivência da humanidade. Neste contexto, a figura ética e legal do aborto muda de forma e natureza e em certa medida pode até justificar-se uma forma de legalização. Qual o verdadeiro quadro que deveria inserir-se essa nova forma do crime de eutanásia?

Ei-lo: antigamente o casal era bendito, hoje é maldito. O motivo de todas estas coisas horríveis que estou dizendo é claro: antigamente a espécie tinha de lutar para sobreviver e por isso os nascimentos tinham de ser mais numerosos do que as mortes. Hoje, pelo contrário, tem de fazer com que o número dos que nascem não ultrapassem os óbitos, se quer sobreviver. Antigamente, cada criança que nascia, sendo garantia de vida, era bendita. Hoje, cada uma que nasce, contribuindo para a destruição da humanidade, é maldita. Chegamos assim ao paradoxo de que antes o que era antinatural é hoje considerado natural, e vice-versa. Lembro-me de um crítico declarando que as relações homossexuais eram inadmissíveis porque eram inúteis para a sobrevivência da raça; ora, devia dizer na verdade o contrário: as relações heterossexuais é que representam um perigo para a espécie.

Conclusão: antes do universo do parto e do aborto, existe o universo do coito, e é este que condiciona aqueles. O pior é que nesses últimos dez anos apareceu a sociedade de consumo, novo Poder falsamente tolerante. Mas esse Poder não está interessado num casal gerador de prole proletária, mas de um casal consumidor e pequeno burguês — daí a idéia da legalização. Não me parece que os defensores do aborto tenham posto isso em discussão.

A minha opinião, extremamente razoável, é a seguinte: em vez de lutar contra a sociedade do plano do aborto, é preciso lutar no plano de sua causa, ou seja, no plano do coito. Trata-se de duas lutas a longo prazo, mas ao menos a segunda tem uma potencialidade infinitamente maior de implicações.

É preciso lutar, antes de mais nada, contra a falsa tolerância com a indignação que merece. E depois, é necessário impor à facção mais reacionária deste país toda uma série de liberalizações autênticas no plano do coito. Bastava que tudo isso fosse democraticamente difundido pela imprensa e sobretudo pela TV, para que o problema do aborto se tornasse essencialmente irrelevante, embora permanecendo um crime, e portanto, um dever de consciência. Será isto utópico? Será loucura esperar que uma "autoridade" apareça nas telas de TV a fazer publicidade de técnicas amorosas "diferentes"? Muita gente acusará meu artigo de ser pessoal, particular e minoritário. E depois? (**Pier Paolo Pasolini**)

(Resumo por João Carlos Rodrigues do artigo publicado no **Corriere della Sera** em janeiro de 1975)

A palavra das mulheres

O aborto está na ordem do dia. E não é para menos, com as ameaças as mais variadas e disfarçadas do Poder de assumir como programa oficial o controle da natalidade e o planejamento familiar, assuntos tão delicados quanto o aborto. Por isso é importante que as mulheres discutam e apresentem suas idéias em todas as oportunidades possíveis. Com a finalidade de contribuir para esse debate a nível nacional, transcrevemos abaixo trechos de uma conferência pronunciada recentemente no teatro Casa Grande, Rio, por Mary Garcia Castro, do Coletivo de Mulheres, intitulada "Controle da Natalidade, Legalização do Aborto e Feminismo":

"O feminismo postula o direito da mulher de decidir sobre o processo de reprodução, o que estará tão mais de acordo com os desejos de seu companheiro quanto mais livre e afetiva for a relação entre ambos. O feminismo é contra o poder das instituições do Estado, da Igreja, do saber constituído, isto é, da medicina, sobre o nosso corpo, nossa sexualidade. Reivindica, friso, a separação entre sexualidade e reprodução. Sendo o feminismo um movimento que visa a transformação social, ele tem uma série de reivindicações imediatas, como a legalização do aborto, que são constituintes do movimento e que não se esgotam aí.

"Defende-se o direito ao aborto dentro de uma linha de conscientização e pelo exercício de outros direitos: ao prazer, ao questionamento do papel da mulher nas sociedades de cunho patriarcalista, contra o caráter classista das leis e dos poderes. Sabemos bem que com a legalização do aborto continuaremos, por outras formas, a sermos manipuladas pelos poderes. Maior será esta manipulação quanto mais baixo for o nosso nível de conscientização desta dinâmica, quanto mais pressionadas formos por condições objetivas de adversidade e pobreza.

"O Coletivo de Mulheres do Rio de Janeiro é a favor da legalização do aborto, mas considera a aprovação de uma lei num ponto de um processo de luta. Preocupa-nos, neste sentido, a campanha, antes e depois da legalização do aborto, a tomada de consciência pela mulher de sua opressão, a sua participação nesse processo. Para um projeto novo são necessárias novas formas de luta; pela reflexão coletiva das experiências individuais gera-se impulso e ação. A melhor lei sobre direito à concepção, contracepção e aborto será aquéla discutida, exigida e votada pelas mulheres.

"Para terminar, frisamos que nós, mulheres feministas, somos a favor da legalização do aborto, do acesso à contracepção, do direito de termos os filhos que desejarmos, na perspectiva não da realização de metas político-econômicas, de defesa de determinados interesses de grupos no poder, ou de um bem-estar de uma população em abstrato, mas tendo como princípio que, a cada mulher deve ser dado o direito de decidir sobre sua vida. Contudo, constata-se que a luta pelo exercício desse direito exige o reconhecimento das formas que assume nossa opressão e a perspectiva de que é no dia-a-dia que se vai gastando o futuro, o projeto da sociedade nova que se quer."

LAMPIÃO

Conselho Editorial — **Adão Acosta, Aguinaldo Silva, Antônio Chrysóstomo, Clóvis Marques, Darcy Penteado, Francisco Bittencourt, Gasparino Damata, Jean-Claude Bernadet, João Silvério Trevisan e Peter Fry.**

Coordenador de Edição — **Aguinaldo Silva**

Colaboradores — **Leila Míccolis, Rubem Confete, Antônio Carlos Moreira, João Carlos Rodrigues, Luiz Carlos Lacerda, Agildo Guimarães, Frederico Jorge Dantas, Alceste Pinheiro, Paulo Sérgio Pestana, José Fernando Bastos, Henrique Neiva, Mirna Grzich, João Carneiro e Aristóteles Rodrigues (Rio); José Pires Barroso Filho e Carlos Alberto Miranda (Niterói); Mariza, Edward MacRae (Campinas); Glauco Mattoso, Celso Cúri, Edélcio Mostaço, Paulo Augusto, Cynthia Sarti, Francisco Fukushima (São Paulo); Eduardo Dantas (Campo Grande); Amylton de Almeida (Vitória); Zé Alburquerque (Recife); Luiz Mott (Salvador); Gilmar de Carvalho (Fortaleza); Alexandre Ribondi (Brasília); Políbio Alves (João Pessoa); Franklin Jorge (Natal); Paulo Hecker Filho (Porto Alegre); Wilson Bueno (Curitiba); Edvaldo Ribeiro de Oliveira (Jacareí);.**

Correspondentes — **Fran Tornabene (San Francisco); Allen Young (Nova York); Armando de Fulvia (Barcelona); Ricardo e Hector (Madri); Addy (Londres); Celestino (Paris); Anton Leicht e Nestor Perkal (Frankfurt).**

Fotos — **Billy Aciolly, Dimitri Ribeiro, Cyntia Martins (Rio); Cris Calix e Fanny, Dimas Schitni (São Paulo) e Arquivo.**

Arte — **Dimitri Ribeiro (coordenador), Nelson Souto (Diagramação), Mem de Sá (capa), Patricio Bisso, Hildebrando de Castro, José Carlos Mendes, Hartur e Levi.**

Arte Final — **Antônio Carlos Moreira**

Publicidade — **César Augusto de Almeida Campos**

LAMPIÃO da Esquina é uma publicação da Esquina — Editora de Livros, Jornais e Revistas Ltda.; CGC (MF) 29529856/0001 — 30; Inscrição Estadual, 81.547.113.

Endereço — **Rua Joaquim Silva, 11, s/707, Lapa, Rio. Correspondência: Caixa Postal 41031, CEP 20400, Santa Teresa, Rio de Janeiro, RJ.**

Composto e Impresso na Gráfica e Editora Jornal do Commercio S.A. — Rua do Livramento, 189/203, Rio.

Distribuição — Rio: **Distribuidora de Jornais e Revistas Presidente Ltda. (Rua da Constituição, 65/67)**; São Paulo: **Paulino Carcanheti**; Salvador: **Livraria Literarte**; Florianópolis e Joinville: **Amo, Representações e Distribuição de Livros e Periódicos Ltda.**; Belo Horizonte: **Distribuidora Riccio de Jornais e Revistas Ltda.**; Porto Alegre: **Coojornal** Curitiba: **J. Chignone e Cia Ltda.**; Vitória: **Angelo V. Zurlo**; Campos: **R.S. Santana**; Jundiaí: **Distribuidora Paulista de Jornais e Revistas Ltda.**; Campinas: **Distribuidora Campineira de Jornais e Revistas Ltda e Distribuidora Constanzo de Jornais e Revistas Ltda.**; Ribeirão Preto: **Centro Acadêmico de Filosofia**; Juiz de Fora: **Ercole Caruso & Cia. Ltda.**; Brasília: **Anazir Vieira da Silva**, Goiânia: **Agrício Braga & Cia. Ltda.**; Recife: **Diplomata Distribuidora de Publicações e Representações Ltda.**; Fortaleza: **Orbras — Organização Brasileira de Serviços Ltda.**

Assinatura anual (doze números): Cr$ 360,00. Números atrasados: Cr$ 40,00. Assinatura para o Exterior: US$ 25,00.

As matérias não solicitadas e não publicadas não serão devolvidas. As matérias assinadas publicadas neste jornal são de exclusiva responsabilidade dos seus autores.

Centro de Documentação
Prof. Dr. Luiz Mott

Um roteiro turístico: os buracos do Rio

Desde o Império, o Rio de Janeiro sempre foi considerado como um dos centros da badalação homossexual do Brasil. Talvez pela grande quantidade de lugares ao ar livre, os ditos buracos, onde as bichas mais audaciosas sempre procuraram saciar seus desejos carnais. A busca do prazer nunca foi relegada a segundo plano, mesmo que isso custasse umas boas cacetadas ou uma prisão por vadiagem — isto se alguns contos de réis não resolvessem o problema. Fazer pegação nas terras de São Sebastião do Rio de Janeiro é algo mais velho do que ser chamado de viado.

No início do século, a Praça da República, mais conhecida como Campo de Santana, compreendia uma área três vezes maior do que a atual demarcação, incluindo em seus jardins o Ministério da Guerra. Os extensos jardins ornados de lagos e de grutas artificiais, ladeados de bancos e de lampiões a querosene, eram freqüentados ao entardecer por galantes e nobres senhores e por senhores nem tão galantes, e muito menos nobres, que tinham em mente os mesmos propósitos: esperar a saída dos recrutas e, quem sabe, conquistar um ou alguns para assim esquecer seus problemas provincianos e ter alguns momentos de prazer.

Tais paragens eram intensamente freqüentadas todos os dias, ao mesmo entardecer. Os senhores que moravam com suas famílias e não possuíam lugares para levar os apetitosos mancebos, dirigiam-se a um famoso beco das redondezas, conhecido pelo nome de Rua da Pouca Vergonha, atualmente Rua 20 de abril, ou a não menos conhecida gruta do lugar, e lá realizavam seus sonhos eróticos. Certo dia porém, vendo tanta sacanagem, um certo oficial do Ministério, encarregado de policiar as redondezas do Campo de Santana, resolveu acabar de vez com tais atos pecaminosos e ordenou aos soldados de serviço que prendessem todos os pederastas que por ventura se encontrassem na região. Ao final de uma semana, para espanto deste mesmo oficial, observou que ninguém havia sido preso, e pelo contrário, continuavam a esperar os jovens e a trepar com eles pelas redondezas. Indignado, chamou a equipe de serviço e indagou o porquê de não ter sido feita nenhuma prisão. Um dos soldados, muito nervosamente, responde que era impossível prendê-los, pois no que ameaçavam agarrá-los, eles saíam correndo, e segundo o mesmo soldado, corriam mais do que veados. A partir daí passou a constar da ordem do dia que todos os veados fossem perseguidos e presos.

Com o progresso, a cidade foi sendo ampliada, novas ruas construídas e a paisagem mudando rapidamente. O que resta hoje do saudoso Campo de Santana são as pegações à tarde feita pelos moleques que ainda freqüentam tais paragens. Em compensação, muitas opções surgiram em seu lugar, desde a conhecidíssima Via Ápia, até o mais recente buraco da rua da Quitanda.

Situada na confluência das ruas Santa Luzia, Av. Marechal Câmara, Av. Gal. Justo entre a Santa Casa da Misericórdia, a Secretaria da Receita Federal, o Museu Histórico e a Agência Castelo do INAMPS, situa-se talvez um dos maiores buracos de pegação que o Rio de Janeiro já teve, a **Via Ápia**. Surgida por volta dos anos 50 e numa área estritamente comercial e militar, a **Via Ápia** ou **Picópolis**, para os mais antigos, tal como Roma, teve seu grande auge e encontra-se atualmente na fase de total decadência.

No período das vacas gordas, as várias regiões deste complexo buraco encontravam-se sempre superlotadas, e apesar das constantes investidas da **Tia Miquita** (patrulinha) ou da **Tia Cleide** (camburão) muitas orgias aconteceram. No não menos conhecido **Curral das Éguas**, em frente a Aeronáutica, coberto antigamente por enormes cartazes publicitários, todos trepavam as mil maravilhas. Freqüentado basicamente por bichas novas e com grande disposição, propiciava festas que só terminavam por volta das seis da manhã. Para os que curtiam emoções mais fortes, nada melhor do que arriscar uma ida até o **Beco do Chupa-Chupa**, que ficava nas colunas do prédio do INAMPS. Lá a freqüência era de bichas ninfomaníacas, que não se contentando com um só parceiro, faziam rodinhas e pediam bis. Para os mais recatados o programa era dar umas voltinhas pelas travessas que ligavam o largo da Misericórdia com o Museu Histórico. O resultado normalmente era uma saída de carro. Mas a grande atração era uma certa calçada em frente à Avenida General Justo, onde um bando de bichas, entre 15 e 18 anos, faziam seu encontro diário para curtir um bom papo e marcar programas para o fim de semana. Era um bando frenético, que nos períodos negros da década de 70, exorcizava a alienação promovendo desfiles e brincadeiras, tal qual a molecada de rua. Para eles, ser homossexual não passava de uma festa, e na grande maioria das vezes dispensavam altas transações para poderem participar das festividades juvenis e curtir uma saudável bichice. Não era raro um ou outro soldado de plantão alí perto convidar um dos garotos para dar uma trepadinha.

Tempos bons aqueles, que segundo alguns jamais voltarão. Hoje resta da Via Ápia, ruas vazias e bastante iluminadas e poucos são os que se arriscam andar por estas bandas, pois a crescente onda de assaltos faz qualquer um perder o tesão.

Considerado como uma das maiores atrações turísticas do Rio de Janeiro, o **Buraco da Maísa** permanece incólume apesar de sua longa existência. Espremido entre enormes edifícios situado entre as Av. Nilo Peçanha, Almirante Barroso e Rua México, de dia abriga dezenas de carros de grandes executivos e ao anoitecer transforma-se, como por mágica, num recanto de amores e prazeres.

Seus freqüentadores, em busca de emoções mais fortes, costumam freqüentá-lo durante toda a semana e quase sempre encontram o que procuram, salvo quando são presos pela polícia que, num trabalho de anos e anos a fio, cerca as três saídas do recanto, distribui porradas a três por quatro e fatura alto.

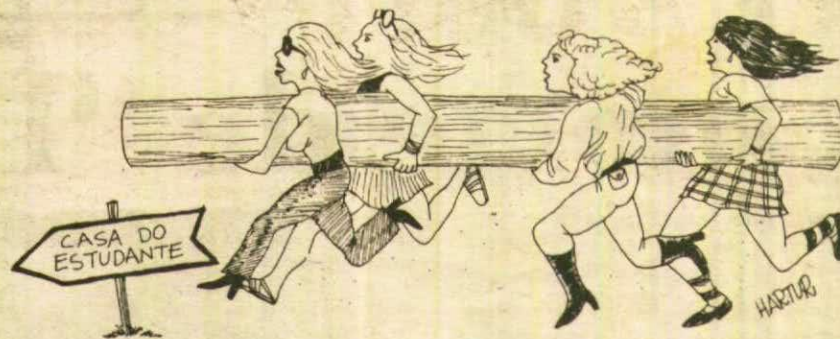
Muitas histórias rondam os vários cantos escuros do **Buraco da Maísa.** Não se sabe ao certo qual a origem do seu nome, mas tudo leva a crer que haja uma profunda ligação com o sentimento de fossa, que Maísa muito bem transmitia em suas canções. Não é à toa que as pessoas classificam as pegações do **Buraco da Maísa** de "fins de noite", quando não há mais nada a perder depois de uma noite de freqüentes insucessos.

O espírito feliniano sempre presente é reforçado nos quatro dias de carnaval, quando uma multidão fantasiada e muito louca, invade as terras do prazer e compactua com as mais exóticas orgias carnavalescas. Outrora, ainda era possível buscar esta mesma forma de prazer nas aragens do **Buraco do Cauby**, situado entre a Av. Nilo Peçanha e a Erasmo Braga. Mas por motivos alheios aos seus freqüentadores, o buraco foi fechado com enormes grades, restando aos mesmos as pilastras situadas à sua entrada.

Como na natureza, os buracos do Rio também usam e abusam da lei da compensação. Apesar da decadência da **Via Ápia** e da extinção do **Buraco do Cauby**, surge um novo espaço: **O Buraco da Rua da Quitanda.** Compreendendo as Ruas da Quitanda, Carmo, Ouvidor, Rosário, Buenos Aires, Alfândega, Candelária e Trav. do Ouvidor, no quadrante entre Sete de Setembro, Pres. Vargas, Rio Branco e 1.º de Março, este novo buraco pode ser considerado como sendo o segundo grande lugar de pegação do Rio de Janeiro, após a **Via Ápia.** Surgido há aproximadamente três anos, sua freqüência após as 22h é a das mais intensas possíveis. Possuindo uma variedade de espaços e de tipos físicos, segundo estimativas, deverá se transformar num dos maiores pólos de pegação de rua de nossa terra.

Devido sua extensão e as várias saídas, correr da polícia se torna mais fácil. Ainda não se notou nenhuma grande operação por aquelas bandas, mas é bom ficar à espreita, pois como dizem alguns: "a justa tarda mais não falta". Não é raro ver-se marinheiros vigilantes, jornaleiros (que se reúnem ao lado da Igreja da Candelária), pescadores, porteiros e faxineiros noturnos fazendo uma e outra pegaçãozinha. Taí um bom programa para quem curte o proletariado.

Não se tem notícias de assaltos e curras pelas bandas da Rua da Quitanda, mas não se deve arriscar muito, pois quando menos se espera alguma coisa pode acontecer.

Não é à toa que a cidade do Rio de Janeiro é chamada de **Cidade Maravilhosa!!!** Não fosse a bichice do Santo padroeiro e o grande contingente homossexual, poderia-se dizer que o slogan ao ser criado não passava de um mero apelo publicitário. **(Antônio Carlos Moreira)**

Mulheres e Bichas Gaúchas Invadem o Movimento Estudantil

O que os estudantes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul queriam era muito pouco: a livre entrada feminina na CEU (Casa do Estudante Universitário) de Porto Alegre. Esse simples desejo (que se realizou finalmente no dia 25 de abril, com uma festa de confraternização e um debate sobre vários temas dizendo respeito diretamente aos moradores da casa) despertou no entanto a ira e a truculência do reitor Homero Sá Jobim, homem acostumado aos velhos tempos do autoritarismo. O reitor não só ameaçou os estudantes com a polícia militar e seus cães, como também com intervenção de tropas federais, expulsão de líderes do movimento (que não tinha líderes: todas as decisões eram tomadas por consenso e a luta foi travada por quase todos os moradores) e, no melhor estilo caudilhesco, o professor Jobim chegou a dizer que se os estudantes queriam fornicar com suas colegas que fossem para a praça em frente.

Tudo começou quando uma turma de moças universitárias (transformado a seguir em Grupo de Mulheres Estudantes) resolveu saber por que estavam impedidas de passar da cantina da CEU para os andares superiores. Os rapazes lhes explicaram que um regulamento, de 1971, vetava a entrada feminina na casa, inclusive de mães ou irmãs. As únicas mulheres com acesso eram as faxineiras e uma assistente social, assim mesmo observadas de perto pelos guardas. Conta Rua, um estudante de Geologia:

— Nós não podemos sequer sentar nas camas durante o dia, para não desarrumá-las. Nossas assembléias nunca tinham mais de oito moradores. O clima era de tensão. Todo o regulamento visa a reprimir ao máximo, principalmente no terreno sexual. O que estava acontecendo ali era uma verdadeira deformação social.

Dunga, estudante de teatro, interfere:

— A rapaziada vivendo na CEU desaprende a conviver com mulher. Eu sou um dos moradores mais antigos, mas sempre me defendi como pude. Transo quase todo o tempo fora da casa, tenho muitas amigas, e lá dentro impus minha condição de homossexual e ninguém se mete comigo. Ao contrário, eles querem até me protejer, coisa que eu dispenso, né?

— O Dunga é o único certo aqui — diz Dinah, estudante de Matemática.

Esta conversa se passou no dia 26 de abril, antes portanto da tomada da casa, na Livraria Combate, no centro de Porto Alegre. A cantina da CEU, ponto de reunião de estudantes de todas as faculdades, transformou-se de repente num centro de ativismo feminista quando as moças se deram conta de que estavam não só vivendo como colaborando para a manutenção de um regime altamente repressor e machista. Muitas delas são namoradas dos rapazes da casa e, através de um trabalho lento e persuasivo, acabaram por trazer para a sua causa o conjunto dos moradores.

— Quando começamos a fazer as nossas assembléias conjuntas para tratar da invasão da casa pelas mulheres, os homens ficaram ansiosos e inseguros, conta Dinah. Eles pensavam que não sabiam tratar direito as mulheres. Faltava-lhes naturalmente uma estrutura de relacionamento feminino e achavam que nós nos sentiríamos insultadas se não fôssemos tratadas como senhoritas.

O grupo de bichas que mora na casa foi o que mais se entusiasmou com a revolução que estava se armando. Dunga liderou seu grupo como ponta de lança do movimento, ora ajudando as mulheres, ora ensinando os homens a não perder as estribeiras diante da invasão. Isso levou alguns heteros impedernidos a se perguntarem qual era o proveito que as bichas iram tirar dessa invasão. Dunga é sem dúvida a figura mais popular da casa e enquanto as feministas o aceitam com a maior naturalidade, os rapazes têm as mais variadas reações.

— Os reacionários isolam os homossexuais e não querem a presença de mulher na CEU — explica Rua, que é namorado de Dinah (é uma graça). — São eles que ficaram mais perplexos com a atitude entusiasmada das bichas com a nova situação.

— As pessoas se preocupam muito mais comigo do que eu mesmo — afirma Dunga. Nos murais da casa estão sempre falando em mim. Eu sou homossexual por todos os outros. Todas as notas falam em mim. Quando estão sem inspiração ou não têm o que dizer, lá venho eu: "E o Dunga vai bem, obrigado".

Quando Dunga resolveu aparecer na CEU com um casinho a tira-colo, abateu-se sobre ele uma verdadeira tempestade de ciúme. "Esse ciúme chegou a níveis insuportáveis, como se eu fosse propriedade deles." Ainda no que toca às bichas, quando começou a campanha feminista pela invasão da casa, uma das primeiras palavras de ordem surgida no mural foi "Abertura para os homossexuais." Quer dizer, já eram todos os pequenos grupos e as mais variadas tendências que começavam a falar.

Dinah conta que um dos trabalhos realizado pelo grupo misto que lutou pela "feminização" da Casa do Estudante foi uma estatística sobre sexualidade entre os moradores. Resultado: 90 por cento deles já tinham praticado o homossexualismo. Infelizmente a estatística não entrou em maiores detalhes para saber onde, como e quando. Com o correr da campanha, conta Dinah, a sexualidade foi assumindo um papel cada vez mais importante. Numa das últimas assembléias os participantes chegaram à conclusão unânime de que "toda a relação que se aprofunda acaba sempre na cama." Com isso já se pode ver que os rapazes estavam bem menos tímidos.

— Mas tímidos eles nunca foram, apenas enrustidos — diz o venenoso Dunga. — Nos bailes masculinos que nós fazemos dentro da casa tem sempre tanta gente que temos de sair dos quartos para o corredor. E a coisa foi felizmente tão longe que a nossa comunidade passou a dançar entre si também fora da casa, onde há mulheres.

— É, eles dançam bastante com a gente, intervém Dinah, mas acabam sempre entre eles. Tem de tudo, até beijo na boca.

Foi por isso que, após a invasão, pacífica, diga-se de passagem, os temas debatidos pela primeira assembléia mista da Casa do Estudante Universitário da UFRGS foram: 1) homossexualismo, 2) prostituição, 3) questão da família e 4) questão da mulher.

Depois dos debates, com muito chimarrão e caipirinha, chegou-se ao ponto crucial de toda aquela luta, ou seja, os quartos dos moradores, como observou muito bem o jornal "Zero Hora". Eles foram abertos e as visitantes entraram. **(Francisco Bittencourt)**

Centro de Documentação
Prof. Dr. Luiz Mott

PORTO ALEGRE:

A morte de "Luisa Felpuda"

"Espero que alguém faça uma matéria sobre o brutal crime de que foi vítima "Luisa Felpuda", pessoa querida nesta cidade. Os jornais encheram manchetes com o "assasinato dos irmãos **homossexuais**", sabendo-se que o irmão de Luís era um excepcional de vida semivegetativa que só sabia obedecer ordem, como um robô.

Volto a frisar que urge uma matéria sobre o assassinato da "Luisa Felpuda", pois a imprensa daqui está fazendo um escândalo e envolvendo todos os que puderem, já citou nomes de homossexuais importantes. Um detalhe: não se trata da velha história que só depois de morrer o sujeito era bom. A "Luisa Felpuda", realmente, era uma boa pessoa e uma prova é que tratava do seu irmão com extremo carinho, dispensando-lhe atenção, brincando com ele, enquanto tantas outras pessoas, — às vezes pais —, o internariam numa clínica e ponto final. **Márcio André Peterson**" — Porto Alegre (07.05.80).

Um **michê**, ex-soldado do Exército, chamado Jairo Teixeira Rodrigues, de 19 anos, teria assassinado na madrugada de 30 de abril, em Porto Alegre, o homossexual Luís Luzardo Corrêa, de 58 anos, e seu irmão Luidoro Luzardo Corrêa, de 60 anos. Com uma rapidez pouco habitual em sememelhantes casos, a polícia (2ª DP) gaúcha demorou apenas cerca de 48 horas, para descobrir e prender o presumível assassino. Por coincidência...as vítimas eram sobrinhos do Embaixador Batista Luzardo.

Em confissão, Jairo declarou sua intenção de roubar; apanhando em flagrante, matara os dois irmãos com requintes de sadismo, castrara o Luís e tentara incendiar a casa.

PROFISSIONAL DO SEXO

Jairo, **michê** de profissão e biscateiro, freqüentava a casa de Luís, para transar com clientes homossexuais, aos quais cobrava alto.

Quando, na noite de 29 para 30 de abril, chegou para trabalhar, teria levado uma cantada de Luís. Aceitando, fez seu preço e transaram.

Mais tarde, aproveitando uma ida de Luís ao banheiro, Jairo teria começado o saque: anel, relógio, dinheiro. Foi flagrado. Abateu os dois irmãos com golpes de uma enxada, castrou o quase-cliente, fez a casa pegar fogo, fugiu.

LOCAL DO CRIME

O velho casarão fica no número 525 da Rua Barros Cassal, em Independência, Porto Alegre. **Luisa Felpuda**, nome artístico do Luís, vivia com seu irmão, e cinco cachorros de guarda. Era impossível entrar sem ser nòtado.

A casa funcionva como **rendez-vous** de bichas, que pagavam oitenta cruzeiros por quarto, para uma trepada mais segura e discreta. Entre os freqüentadores habituais, estavam conhecidos nomes de empresários gaúchos, políticos locais, turistas do Prata. Muita gente colunável e "respeitável", que tremeu com o crime e terá pressionado para a imediata descoberta e prisão do presumível assassino.

GENTE FINA...

"Luisa Felpuda" fornecia o **michê**, quando necessário, e alugava os quartos aos viados gaúchos. Para os mais afortunados, mediante uma grana mais alta, havia quarto com geladeira, música, refrigeração e lençóis coloridos. E bebida à vontade, por conta da casa, enquanto se esperava vaga.

Todos os hóspedes eram recebidos pessoalmente pelo proprietário, a quem a bicharada dedicava um carinho especial e chamava de **Tia Velha**.

Luís Luzardo Corrêa, a "Luisa Felpuda"

Segundo alguns, Luís, que era fiel aposentado do Porto de Porto Alegre, repartia a casa para completar sua reduzida renda; segundo outros, era rico, tinha vários apartamentos, emprestava dinheiro.

Poucos viados famosos nunca terão ido à **Mansão da Tia Velha**, por cuja porta, noutros tempos, passava o bonde da Carris. De qualquer modo, curiosamente, sumiu a famosa **agenda de trabalho** do angariador: muitos são os enrustidos que podem dormir mais tranqüilos.

TELEFONEMA ANÔNIMO

Durante as investigações policiais, foi recebido um telefonema anônimo, afirmando que o anel roubado era falso: o verdadeiro, de brilhantes, estaria penhorado na Caixa Econômica Federal. Parece claro que outras pessoas estão metidas neste rebu.

AFINAL, A HERANÇA

Apenas alguns dias depois do crime, apareceu um tal senhor Manuel Bento Luzardo, de 52 anos, tio da "Felpuda", reclamando **a fortuna deixada pelo sobrinho.** Justificando seu tardio aparecimento, afirmou que **todos condenavam o comportamento da bicha e por isso não ligaram para a notícia de seu assassinio.**

SUSPEITOS E TRAVESTIS

Fernando Lacerda Noronha, vizinho dos irmãos, teria sido a primeira pessoa a se aperceber do fogo, que tentou apagar com um extintor que transportava; auxiliando-o nesse tarefa, um rapaz não identificado: Jairo???

Mas, no dia seguinte ao crime, a polícia afirmava que o principal suspeito era um travesti. No dia 2 de maio, porém, a Delegacia de Homicídios informava que apontava para Antônio Carlos Vorlar, vizinho das vítimas, que chegara a ser detido.

Na manhã do dia 2 de maio, Jairo se apresentava na 2ª DP, confessando o crime e devolvendo o fruto de seu roubo (um anel de fantasia, um relógio e cerca de dois mil cruzeiros em dinheiro).

UMA VELHA ESTÓRIA

Acompanhado de seu advogado, Nei Soares de Oliveira, o criminoso confesso passou a se comportar friamente, sem emoção, desapaixonadamente. Profissionalmente???

Para Nei, **a morte foi homicídio e não latrocínio; não houve agiotagem, nem uso de faca, nem empalamento. Apenas Jairo matou em um momento de forte emoção. Ele nem mesmo tenta negar o crime. É um rapaz calmo, dócil, delicado. Temos de redistribuir a culpa com a sociedade**. O doutor vai defender a tese de pressões familiares e desequilíbrio mental, em júri popular.

Jairo, que se diz vítima do ambiente familiar, afirma que até tentou o suicídio, após seu pretenso crime. Teria conhecido "Luisa Felpuda" durante o serviço militar, na Praça da Alfândega e no cinema Imperial. Depois disso passara a trabalhar no **rendez-vous**, como prostituto, cobrando de duzentos a quinhentos cruzeiros por trepada.

Imediatamente antes do crime, transando com o patrão, Jairo teria se mostrado impotente, causando com isso a briga que levaria ao duplo assassinato.

Disciplinadamente, o jovem **michê** só fala após consultar seu advogado. Tudo muito certinho, muito arrumadinho. Muito preparadinho???

VERDADEIRO MACHO

Jairo enfatiza, em todas as suas declarações, que é **homem e macho**. Que o ambiente de trabalho era bom, na **Mansão da Tia Velha**. Que sempre sentia nojo, quando transava com viados. Que nunca deu e sempre comeu. Por outras palavras, está muito preocupado em provar que não é bicha. Um papo furado que só poderá enganar os que não conhecem o mundo dos putos.

Daí a acusar os outros homossexuais, de serem responsáveis por tudo de mau que lhe aconteceu na vida, todos sabemos por experiência, vai um passo bem pequeno. Alguém vai se surpreender, se este garotão for absolvido?

"SÓ ENFERMEIRO"

Assustado com o boato de que o assassino seria um travesti, Joel Borges da Silva, enfermeiro e travesti que usa o nome de Joelma, apresentou-se dia 2 na Delegacia de Homicídios, acompanhado de seu advogado, Cláudio Brito. Disse nada ter a ver com o duplo assassinato, e que, no dia do crime, deixara o bordel às sete e meia da noite, como sempre fazia, após seu trabalho diário como enfermeiro de Luidoro, **que sofrera derrame e enfarte** e de quem cuidava desde 1976.

O jornal "Folha da Tarde", porém, logo informava que Joelma administrava os bens de "Luisa Felpuda" (cujo dinheiro seria guardado em casa) e gerenciava o **rende-vouz**.

Simultaneamente, a polícia desmentia ter havido castração ou empalamento, no crime, enquanto o Instituto Médico Legal anunciava que ambas as mortes foram devidas a **hemorragia cerebral consecutiva a múltiplas fraturas dos ossos do crânio.**

DINHEIRO E APÓLICES

Dia 7 de maio, o jornal "Zero Hora" publicava várias denúncias de Joelma: que o anel devolvido não era o que Luís usava no dia do crime; que o morto tinha mais de dois milhões de cruzeiros em apólices de seguro de vida, salvas do fogo; que a "Felpuda" emprestava dinheiro a juros a base de dez por cento. Simultaneamente, o delegado Valnei, encarregado do inquérito, deixava transparecer que não acreditava que só tivesse um matador, nem que Luidoro, doente, tivesse reagido, como afirma Jairo.

Valnei, que negou o propalado uso de uma enxada como arma do crime, não escondeu estar pensando em solicitar a prisão preventiva do michê, ainda em liberdade.

TERCEIROS

Segundo Joelma, nenhum cliente estaria na Casa de Luís, no começo da noite do crime. De acordo com a versão do presumível assassino, porém, lá estavam três homens, um dos quais seria uma bicha conhecida por Júlio. A acreditar em Joelma, Jairo e Júlio seriam bons amigos, sendo que este último tinha o hábito de dar dinheiro ao bofe.

O travesti-enfermeiro já revelou alguns freqüentadores famosos do bordel; entre outros, segundo a "Zero Hora", estariam um ator e um carnavalesco.

O PAPO DE SEMPRE

Dia 8 de maio, ao mesmo tempo que a polícia tornava público que o relógio não tinha sido apenas roubado, mas violentamente arrancado do pulso de Luís, o doutor Nei gritava: **Jairo é uma das vítimas da vida depravada de "Luisa Felpuda", que mantinha um bordel de vícios e corrupção, arruinando a vida sexual de centenas de jovens, levando-os à depravação.** Estava finalmente montado o cenário habitual: o culpado do crime teria sido o morto. Uma tentativa de repetição do escandaloso julgamento que absolveu Doca Street? Tudo leva a crer que sim.

VERGONHA OU HIPOCRISIA?

Só na tarde do dia 7, acompanhado de um advogado, apareceu na DH um parente dos assassinados, Manuel Bento Luzardo, **para receber os pertences dos mortos.** Recusou falar à imprensa e disse ser representante de todos os parentes, função atribuída por conselho de família.

O tio envergonhado não deixou de acusar Luís: **Eu quase nunca o via, nem o visitava, pouco posso falar sobre ele. Mas adianto, que não aprovava seu modo de vida...**

Além de Manuel Bento e do Embaixador Batista Luzardo, foram divulgados os nomes dos outros parentes ausentes por vergonha: Mário Luzardo, Zélia Luzardo Masia, Hermes Bento Luzardo, Brígido e Aristóteles Luzardo, e João Batista Luzardo.

Centro de Documentação
Prof. Dr. Luiz Mott

VIOLÊNCIA

A QUESTÃO DOS TÓXICOS

O defensor de Jairo, doutor Nei, acabou desencadeando uma campanha difamatória, anunciando que o consumo de tóxicos era habitual no bordel. Porém, anteriormente, o próprio assassino presumível declarara que jamais se drogara e que isso não acontecia nunca no **rendez-vous**; reforçando e confirmando declarações de Joelma, o miché informara que **o Luis não bebia, não fumava e não se dopava.**

Aliás, essa é uma constante, entre quanto se diz e escuta no meio homossexual de Porto Alegre: não havia drogas na casa da "Felpuda".

CAÇA AOS HOMOSSEXUAIS

Misturando tudo, o doutor Nei passou a pregar, de fato, uma caça às bichas, cujos resultados não devem se fazer esperar. Vejamos um pouco da prosa arrasoada do ilustre advogado: **A vida pregressa da vítima tinha etapas que vão desde a iniciação de menores no homossexualismo até as festas de embalo onde os tóxicos eram uma constante.**

Num caso desta natureza, será preciso saber quem era a vítima e quem é o autor. De um lado, a vítima se constituía uma sacerdotiza que iniciava seus servidores na prática de aberrações sexuais. E não se pense que o homossexual é um elemento delicado e avesso à violência. Ele pode aparentar docilidade, mas é violento. Basta citar a quantidade incrível de ocorrências envolvendo travestis, que se munem de facas, giletes, navalhas e são violentos até na hora da prisão. O seu Luiz Luzardo Correa, a "Luisa Felpuda", é de domínio público que mantinha uma casa que era considerada um templo sagrado, onde a depravação, a corrupção e as aberrações sexuais eram permanente tônica dos relacionamentos. "Luisa Felpuda", na sua vida depravada, deve ter arruinado a vida sexual de centenas de jovens, menores, cuja formação não era férrea. Portanto, quem semeia vento, colhe tempestade: aquele que, ao longo de vários anos, espargiu violências, corrupção, angústia, depravação, teve um fim trágico mas não surpreendente.

Jairo é uma das muitas vítimas de "Luisa Felpuda", pelos danos morais causados pelo sadomasoquista à sociedade atual.

Quis o destino que a purificação da sociedade se fizesse através de um menor, religioso e exacerbadamente responsável, pois sua conduta se justifica quando "Luisa Felpuda", após o uso de tóxicos, tentou inverter o relacionamento sexual. Se Jairo aceitasse, mediante pagamento, seria mais um prostituído pelo desespero que esta sociedade injusta oferece a uma geração. Se formos buscar as causas remotas da morte de "Luiza Felpuda", há de se reconhecer que seus gestos estão justificados.

AS TESES CIENTÍFICAS DO DOUTOR NEI

O jovem advogado, aliás muito bem apessoado e de excelente visual, continua em sua cruzada anti-freudeana, em verborréias como esta: **Quanto ao ambiente não há dúvidas: eram festas de embalos, freqüentados por aleijões sexuais que buscavam aquele ambiente para liberar sua depravação, deformações, sua miséria de seres humanos.**

Aquilo lá servia para a prática de toda a espécie de vício. Era um pequeno hospício dominado pela fantasia insana dos pederastas, traficantes, prostitutas e toxicômanos. Estes eram os freqüentadores do local, um pernicioso bordel. Ali, muitos menores eram iniciados na prática homossexual e esta responsabilidade a sociedade tem que cobrar do passado de "Luisa Felpuda", embora esteja morto.

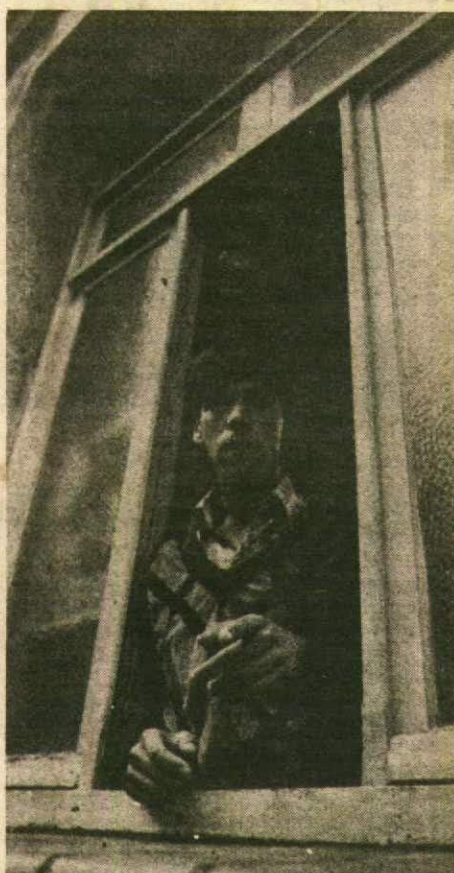
ALGUMAS CONCLUSÕES

Perante este espantoso quadro, aterrador, mil e uma conclusões podem e devem ser tiradas desde já. Tentemos algumas.

Tudo se prepara para que Jairo, assassino oficialmente confesso, seja julgado por um Júri Popular e, apelando para o mais piegas sentimentalismo, seja absolvido; isto se, entretanto, ele não for dado como doente mental.

Se houve mais envolvidos no assassinio, parece que ninguém vai se preocupar em os descobrir. E a herança, como fica?

"Luisa Felpuda", assassinado, acabará sendo apontado como culpado de sua própria morte. E os parentes hipocritamente envergonhados, vão calar?

Os travestis, pelo simples fato de serem travestis, são mais uma vez apontados como os

Jairo, miché e assassino confesso

primeiros suspeitos.

Joelma, enfermeiro de Luidoro, não recusou dedurar os nomes de vários freqüentadores famosos do **rendz-vous.**

A grande imprensa, o rádio e a TV gaúchos, além de darem honras de herói ao miché Jairo, tiveram um comportamento sensacionalista, difamatório e profundamente lamentável.

Os homossexuais, todos os homossexuais, foram apontados como criminosos potenciais, de altíssima periculosidade social, merecendo prisão e/ou tratamento psiquiátrico.

Travestis, prostituição, tóxicos e homossexualismo foram metidos num mesmo saco de anormalidade e criminalidade, a exigir feroz repressão médico-policial.

As bichas de Porto Alegre vão passar um mau bocado. Já reagiram, realizaram alguma gestão em defesa de quantos fizeram, fazem ou farão a opção homossexual? Que estão esperando?

A guerra foi desencadeada, contra nós. Vamos nos preparar para a luta. **(João Carneiro)**

Réquiem para Luiza Felpuda, depois dos nossos comerciais

Porto Alegre perdeu uma das figuras mais curiosas do seu folclore homossexual: Luiza Felpuda. Conheci-a (o) pessoalmente. Mais: fui duas vezes cliente do seu bordel masculino. Não cabe aqui, num elogio fúnebre, fazer uma análise da prostituição, seja feminina ou masculina: sem ser necessária, ela é inútil e neste momento basta. Cada um que faça o seu julgamento.

Não me constrange, juro, dizer que usei os trabalhos profissionais da Luiza Felpuda. Um bordel é um bordel e na função está dito tudo e tudo justificado. Fui ao da Luiza à procura de emoções diferentes (?) e obtive-as, de um certo modo, utilizando a imaginação no sentido de estravazar o lado promiscuo da minha identidade sexual; e não foi má a experiência, tanto que a repeti uma segunda vez.

Quase trinta anos à serviço do público, fizeram famosa a "maison" Felpuda, por onde passou também muita gente famosa. Dizem os jornais gaúchos que o travesti Joelma, que funcionava como gerente, organizou para o delegado de polícia encarregado do assassinato, um carnet de nomes: personalidades das artes, política, sociedade, etc. Um listão! E este resultou tão "vip" que além de fazer inveja à agenda de endereços do Gasparotto, já existe um plano para incluir essa lista na próxima edição do "Who's who". Um curioso detalhe é que apesar de ter sido visitada, no decorrer desses anos, por tantas pessoas ilustres, Luiza Felpuda nunca resultou vaidosa, soberba ou "snob" permanecendo sempre fiel à sua modéstia e simplicidade, qualidade aliás da sua melhor fé e formação cristãs (Lembro-me vagamente da estampa de um Sagrado Coração numa das paredes).

Conheci-a então e à sua casa de encontros masculinos há oito anos atrás, por indicação de um caro amigo de Porto Alegre. Quando entrei no seu living**, ela estava com outros dois senhores (possivelmente um deles fosse o seu irmão, também assassinado): todos de olhos grudados à televisão, novela das dez. Senti-me imediatamente um importuno naquele ambiente de recolhimento, mas mesmo assim apresentei-me, citando o nome desse amigo (um nome que abre todas as portas de Porto Alegre!) e, como resposta recebi um sorriso e um gesto em direção a uma cadeira. "Sente-se por favor. No próximo comercial conversaremos." Os outros mal me olharam, preferindo a Ioná Magalhães. Logo após durante os comerciais:**

— O Senhor veio só?

— Sim, mas o meu amigo disse que o senhor teria aqui...

— Tenho sim. Mas agora é tarde, todos foram embora. O senhor compreende: alguns dos rapazes moram longe e acordam cedo; e outros, quando não chega logo um cliente, vão encontrar as namoradas. Querendo, providencio para amanhã.

Voltei na noite seguinte, prudentemente mais cedo (durante a novela das oito) e encontrei, conforme o combinado, vários rapazes igualmente concentrados à volta da tevê. Escolhi e aconteceu o normalmente previsto. Mas o ambiente, os odores, os móveis, os ângulos misteriosos do quarto iluminado por uma luz vermelha, e a própria situação que deveria ser constrangedora, reconheço que foram muito excitantes, apesar dos diálogos da novela, que vinham da sala ao lado, fazerem o possível para cortar toda a onda de erotismo.

Na segunda vez que visitei Luiza Felpuda (às oito da noite) ela me cumprimentou pela entrevista inteligente que a Tânia Carvalho havia feito comigo naquela tarde. Agradeci em meu nome e da Tânia, escolhi a pessoa, fomos levados para o mesmo quarto contíguo à sala (deveria ser o das personalidades...) e, como da vez anterior, foi como se o elenco danovela estivesse deitado comigo na cama, tão alto eu ouvia suas vozes. A novela evidentemente era outra porque haviam se passado dois anos. E Luiza Felpuda progredira na vida: a teve era a cores, creio até que com controle remoto. (Darcy Penteado)

RECIFE:
"Bamba" assassinado

"Esse quadro estarrecedor, mais uma vez, acontecido com um de nossos irmãos. Fruto puro, para não dizer pútrido, do nosso sistema criativamente machista, onde **bicha tem mais é que morrer**...

'Os assassinos nada irão sofrer. Vocês vão ver! Há pouco mais de um mês, um medicozinho de boa família matou o seu amante (dois anos de cama e mesa), um belo jovem bailarino. Nada sofreu. E nem vai sofrer. A coisa anda nesse pé.

"Precisamos lutar até conseguirmos mudar esta porcaria."

Jota Elle"
Recife (08.05.80)

Músico atuando no Grande Hotel e no Miramar, foi assassinado em Recife, o pianista Evar Lemoine Silva, o "Bamba", com cerca de 40 anos. O crime aconteceu na manhã do dia 6 de maio, terça-feira, em seu apartamento (1.324) do Edifício Holliday, no elegante bairro da Boa Viagem. Além de uma pancada forte na cabeça, o corpo estava cravado de facas, garfos e chaves de fenda, em verdadeira orgia de sadismo. O principal suspeito começou sendo João Batista da Silva Neto, filho de um policial, logo preso, seguido de um desconhecido de 1m80cm de altura, que habitualmente usa roupa branca e uma touca preta.

Segundo os vizinhos, "Bamba" e João seriam caso há vários anos, embora não morassem juntos. Cerca de um mês antes, a vítima teria se ligado com o segundo suspeito, estando disposto a se liberar de João. Até agora, quando escrevemos, o terceiro homem ainda não foi preso nem sequer identificado.

O assassinato foi descoberto de noite, quando um dos diretores do Hotel Miramar encontrou o corpo. A vizinhança afirma nada ter visto ou escutado de anormal, na hora presumível do crime, apesar da porta ter ficado entreaberta o dia todo.

O criminoso, que usou luvas para matar, roubou as jóias, os perfumes e todo o dinheiro do "Bamba". Novamente falam as vizinhas: **João não tinha emprego fixo...**

PRISÃO DE JOÃO

O chefe da portaria do Holliday, Geraldo Rosa e Silva, apontou João à polícia, na noite do crime, quando ele chegou para encontrar o "Bamba". Segundo Geraldo, o companheiro do pianista esteve no apartamento na manhã do assassinato, mudou de roupa, tomou um carro e sumiu.

Posteriormente, a polícia deteve Fernando Ferreira dos Santos, para averiguações, mas acabou libertando o homem, que dizia ter ido cobrar, de "Bamba", uma dívida de duzentos cruzeiros, pela venda de um quadro.

Sidnei Granja Pires, moradora do Holliday, assegura que **João é uma pessoa equilibrada, habitual freqüentador do apartamento, que nunca demonstrou ser má pessoa.** Mas, acrescenta que acredita que foi João quem esteve com o pianista na manhã da morte, e que também crê que o matador poderia ser ele.

EXCELENTE PESSOA

Para Luis José, **maitre** do grande Hotel, "Bamba" **era uma excelente pessoa. Não porque morreu, mas pelo que representava em vida. Todos adorávamos ele. Jamais o esquecerei.**

Segundo Vanildo Pascoal, **maitre** do Miramar, o músico era **um excelente profissional e uma criatura humana maravilhosa. Só fazia amizades, com o pessoal e os clientes. Estamos todos desapontados.**

Os proprietários do Miramar e do Grande Hotel, confirmando tais versões, providenciaram o funeral, que teve grande acompanhamento, serviço religioso e a presença de dois irmãos e alguns sobrinhos do morto.

Ele não tinha inimigos, escreveu, Alex, colunista social do "Jornal do Comércio", de Recife.

SONO DA MORTE

A polícia diz que "Bamba" foi abatido enquanto dormia e que não deve nem ter se apercebido de nada. **Ninguém tinha nada contra ele, não sei como ele foi assassinado dessa maneira,** lamentam os porteiros Mendes e Edilson. Mas, se "Bamba" tiver sido morto dormindo, como explicar as manchas de sangue espalhadas pelo apartamento?

Parece ser geral, no Edifício Holliday, a convicção de que João, **que vivia às custas de "Bamba", teria sido o criminoso, por ciúme do novo namorado do músico.**

Para Geraldo, o **assassino deve ter sido um desses desocupados que vivem às custas de homossexuais.**

FAMÍLIA REPRESSORA

Íntimo de três vizinhas (Maria Barbosa, Sidnei Pires e Kátia de Lima), o "Bamba" sempre se queixava de sua família, que não lhe perdoava sua assumida homossexualidade: **Eles não me procuram para nada e isso me dói muito. Com**

Centro de Documentação
Prof. Dr. Luiz Mott

Resta esperar que, dessa vez, o crime não fique impune, como acontece cada vez que a vítima é um homossexual

Edvar Lemoine Silva, o "Bamba"

excepção de um sobrinho, os demais não ligam para mim, porque sou assumidamente livre.

"Bamba" tentava preencher o vazio deixado por sua família. Em seu apartamento, almoçava diariamente com uma mulher, sua amiga, que seria sua maior confidente e que muito ajudou no desenvolvimento do inquérito policial.

Entretanto, tudo começou ficando mais claro (ou menos?), quando o amante de "Bamba", João, denunciou o suspeito desaparecido, como sendo o verdadeiro criminoso.

Resta esperar que, desta vez, o crime não fique impune, como geralmente acontece quando a vítima é um homossexual.

NA HORA DA BRIGA

Aproveitando este assassinato, o jornal "Diário de Pernambuco", pela mão do senhor Marcos Túlio, em sua edição de 12 de maio, desencadeava uma virulenta campanha anti-homossexual, uma proposta de **caça às bichas**, tal qual está já acontecendo em Porto Alegre.

Sob a manchete **No homossexualismo a paixão libera a violência sádica**, foram publicadas mentiras e agressões como estas: **O médico psiquiatra Lidemberg Isac de Macedo diz: "Inicialmente, não existe o homossexual passivo ou ativo. O que existe é uma unidade sexual distorcida, ou mesmo pode-se admitir o termo pervertido, e como é lógico, se não houvesse os dois componentes, não havia homossexualismo. Partindo dessa premissa de que ambos são portadores de distúrbios psíquicos, toda a seqüência de ações pertinentes à vida na sociedade obrigatoriamente são pervertidas. O homossexualismo é realmente um crime sexual, parte de vigência psíquica oriunda de distúrbios, estando dessa maneira, propícios em casos de homicídios ocorrerem de maneira mais violenta e mesmo perversa.**

Isto é, para os senhores Túlio e doutor Lidemberg, somos seres distorcidos e pervertidos, portadores de distúrbios psíquicos, de vivência social obrigatoriamente pervertida; somos, ainda, criminosos sexuais e violentos. Cientificamente falsas, tais afirmações denotam uma desonestidade e uma má fé que merecem um belo processo por calúnia e difamação, a ser assumido pelos homossexuais pernambucanos, ou outros, com exigência de reparação de danos. Quem compra essa briga?

QUEM ESTÁ LOUCO?

E o senhor Túlio e seus amigos prosseguem em sua paranóia antibichas. Um deles, o major Manoel Pimenta (professor de Educação Física e Relações Públicas da Polícia Militar de Pernambuco), não hesita em inventar coisas assim: **Na realidade, o homossexualismo é uma anomalia e que resulta viverem essas pessoas na fronteira da loucura. Daí a razão dos crimes dessa natureza serem praticados com tamanha brutalidade. Quando ocorre o homicídio, o indivíduo exterioriza todos os seus recalques e frustrações com que vinha convivendo e, naquele momento, levado por uma verdadeira crise de loucura, retorna à época do homem da caverna e, impulsionado por uma totalidade de sentimentos bestiais, pratica uma série de brutalidades.**

Quanto a nós, no **Lampião**, fazemos questão de denunciar todo este maquiavélico plano repressivo, arquitetado por certos médicos, certos advogados e certos policiais. Esperamos poder continuar contando com a preciosa ajuda dos leitores que nos enviam material informativo, como o que possibilitou as matérias desta seção.

Sabemos nos defender. Combateremos quem quer nos esmagar e calar. Sabemos que ser homossexual não é ser doente, nem anormal, nem criminoso, nem violento, nem prevertido, nem aleijão. Somos homossexuais e nos orgulhamos disso. (**João Carneiro**)

O médico e o bailarino: mistério?

Na edição de 26 de maio (n.979) da revista "Fatos & Fotos / Gente", a repórter Iracema Rodrigues escrevia: No Recife, há algum tempo que os homossexuais estão sendo vítimas de uma bruxa, no mínimo, preconceituosa. Há menos de dois meses, o bailarino Tôni Vieira foi assassinado por seu ex-amante, o médico Clóvis Marques Filho. Entretanto, apesar de se saber o nome do assassino, as investigações continuam paradas e nada de concreto foi descoberto.

Não sabemos onde foi esta colega buscar tal certeza absoluta, de ser Clóvis o criminoso; porém, nosso leitor Jota Elle (ver carta nesta seção) faz a mesma afirmação. Daí deduzimos que, em Recife, essa opinião está generalizada. É preciso apontar o assassino, sem dúvidas, julgar e, se for o caso, punir. Ninguém pode matar em vão.

A propósito, recordemos o acontecimento.

VÁRIAS HIPÓTESES

Dia 9 de março, domingo, no número 352 da Rua Amélia, Edifício Sta. Margarida, Aflitos, Recife, morreu o bailarino Antonio Carlos Cunha Vieira, o Tony. Saiu ferido o médico obstetra Clóvis Marques Filho, em cujo apartamento ocorreu a tragédia. O morto estava com duas balas no peito e uma na cabeça; o ferido estava também baleado.

Ao detetive José Edson Barbosa, da DH, colocava-se três hipóteses principais: tentativa de homicídio, seguida de suicídio; homicídio, seguido de tentativa ou simulação de suicídio; tentativa de homicídio contra Clóvis, seguida de suicídio, de Tony, com uma ação homicida sucessiva e concorrente de terceiros.

O mais importante, hoje, e o mais grave, é que ninguém está preso, como suspeito. E, é desse impasse que precisamos sair. Ou será que alguém consegue se suicidar com três tiros?...

E A MATEMÁTICA?

Para Irene Barbosa da Silva, empregada do médico, oficialmente a única testemunha, Toni tentara abater Clóvis e depois se suicidou, disparando dois tiros de cada vez. Ora, foi encontrado um revólver Rossi, calibre 38, modelo para cinco projéteis; a arma disparara quatro balas e mantinha uma na câmara: de onde veio o outro tiro?

No Hospital Geral de Urgências, para onde fora levado no dia do crime, por seu pai, Clóvis entrou em pânico na quarta-feira, dia 12 dizendo que tinham sido feitos dois telefonemas anônimos, ameaçando sequestrar e linchar o médico. Logo foi destacado um policial, para garantir a sua segurança.

DEPOIMENTOS

Tony, que dirigia uma Academia de Dança, tinha um filho de cinco anos, Ricardo. Entre suas amigas mais íntimas, estava a estudante Maria Gorete Alves de Souza, de 19 anos, sua aluna; durante janeiro, ela se hospedou na casa do casal homossexual, e declara: Brigavam muito, Tony tinha ciúme, sempre se insultavam e batiam, quando Clóvis chegava tarde. Tony me pediu, uma vez, que se acontecesse "alguma besteira", tomasse conta das suas coisas e cuidasse do Ricardo.

E prossegue: quando cheguei no apartamento, depois do crime, estavam lá pessoas que não conheço, e Irene e Agostinho. Estava tudo fora dos lugares e o telefone no chão. Havia sangue na sala, na cozinha e no quarto.

Logo foi desfeita a versão que dava como motivadora do crime a difícil situação financeira **do bailarino; além de ter comprado um apartamento recentemente, Tony tinha um bom saldo bancário, como se comprovou pelo levantamento policial.**

UM DESAFIO

Até agora, nada ou quase nada, de novo, foi apurado pela polícia. Tudo parece ter sido esquecido no segredo das "boas famílias pernambucanas", como aquela a que pertence o doutor Clóvis. E Tony? Quem luta por sua memória? Que esperam as bichas e os sapatões pernambucanos, frangos e pitombas, para se organizar e lutar? (João Carneiro);

Lições Políticas do Caso Marli

No dia 13 de setembro do ano passado, a residência de Airton Burity no Parque Fluminense, Campos Elíseos, município de Nova Iguaçu, foi invadida por oito homens armados que diziam-se da polícia. Depois de ameaçar a família, saquear e destruir tudo, levaram o filho do proprietário José Carlos, ao qual fuzilaram.

Em 13 de outubro, em Vila Paulina, Belfort Roxo, município de Nova Iguaçu, um grupo de oito homens fez as mesmas atrocidades na casa de Marli Pereira Soares, assassinando o irmão desta, Paulo Pereira Soares Filho. Dias depois, um tal de Carlinhos Capeta, amigo de Paulo e namorado de Marli, foi morto em circunstâncias semelhantes.

No dia 26 de fevereiro deste ano, oito soldados da PM invadiram a casa de Laura Maria de Souza em Rosa dos Ventos, Morro Agudo, Nova Iguaçu e seqüestraram o filho desta, José de Souza, e Adilson da Silva, amigo deste. Ambos estão até o momento dados como desaparecidos.

Todos esses crimes foram atribuídos ao fictício Mão Branca. Todos possuem características comuns: o número de invasores, o saque e depredação da residência das vítimas, e o fuzilamento destas. Todos igualmente tenderiam a ser arquivados como "autoria desconhecida", não fosse Marli Pereira Soares, a irmã da segunda vítima. Sua coragem e personalidade estão sendo decisivas para o desmascaramento de mais uma polícia mineira, um esquadrão da morte.

Durante meses ela tentou identificar na Polícia Militar os assassinos do irmão. O 20º Batalhão tudo fez para desencorajá-la. Finalmente, há um mês e pouco atrás, a juíza Ana Maria Faber Barbalat determinou que a tropa fosse formada para ser vista por Marli. Ela reconheceu então, o cabo Adalvo Crescêncio (cumprindo pena na cozinha do batalhão por ter assassinado um operário a socos e pontapés) e o soldado Jorge Alves dos Santos.

Foi a gota d'água. Policiais civis e militares começaram abertamente a tumultuar o caso. O delegado Amin Chaim, encarregado do inquérito, acusou o diretor da Polícia Metropolitana, Heraldo Gomes, de tentar influir no curso do processo. Foi imediatamente substituído. O comércio da cidade fechou as portas em solidariedade a ele, mas nada adiantou.

No dia 08 de maio, um violento tiroteio até agora mal esclarecido entre policiais civis e militares e até membros das Forças Armadas marcou o último dia de Chaim no cargo. No dia seguinte, empossado o delegado Milton da Costa, a 54ª Delegacia foi literalmente invadida pelo capitão Alípio Bastos da PM. Com a omissão do novo delegado e a cumplicidade do promotor da 4ª Vara de Nova Iguaçu (José Pires Rodrigues), Marli, sem a presença de seu advogado, foi então, coagida a reconhecer quatro acusados confessos e o caso foi dado por encerrado. Os assassinos seriam apenas quatro e não oito. Há entre eles apenas um PM (Jairo dos Santos Filho). Os outros são guardas de segurança ou coisa parecida: Moisés Luiz da Silva, João Batista Gomes e João Gomes Amorim. Todos acusaram Marli de prostituta, seu irmão de assaltante e o delegado Chaim de corrupto. Até uma falsa testemunha foi apresentada pelo capitão.

Desta vez o escândalo foi tão grande que outros setores acabaram mobilizando-se a favor de Marli. Na imprensa, foi dada grande cobertura de reportagem e o assunto chegou até a editoriais no Globo, JB, Folha de SP e Veja. O Centro da Mulher Brasileira, entidade feminista, decidiu ajudá-la. E a Ordem dos Advogados do Brasil-seção Rio, requereu ao procurador geral da república a designação de um promotor especial para companhar o caso, colocando em suspeita o de Nova Iguaçu.

Apesar do Capitão Alípio Bastos, .. o caso Marli não terminou aí. Dia 12, familiares do PM Jairo tomaram a delegacia. Vinham num ônibus cedido pela Viação Vera Cruz (a qual Jairo vendia proteção) e decididos a provar que o irmão de Marli era mesmo assaltante. As testemunhas apresentam tantas contradições que nada ficou provado.

Dia 13 de maio, os parentes de José Carlos Burity e Edson Motta reconheceram pela TV João Batista Gomes e João Gomes Amorim, assassinos confessos do irmão de Marli, como dois dos seus seqüestradores. Na própria delegacia apontaram o detetive Benedito Abel e denunciaram um tal de Leléu. Por outro lado, dona Laura de Souza e dona Deise Rodrigues, mães dos desaparecidos José e Adilson, começam a tentar repetir a via crucis de Marli em reconhecer os soldados assassinos (um teria o sobrenome Teixeira). E como se não bastasse, a mãe de José Carlos Adel, dona Elionette, denunciou os acusados de caso Marli como invasores da sua casa, ao lado de outro PM (Renato Maia) e dois alcagüetes. A Polícia Civil tem dificultado o andamento desses novos processos, segundo denunciaram os advogados.

Nesta confusão, estão acusadas nada menos de 13 pessoas, das quais seis pertencem ao 20º Batalhão da PM, três são da Polícia Civil e quatro paisanos. Do fato, podemos (e devemos) tirar algumas conclusões políticas.

I — Antes de mais nada, a comunidade deve sentir-se grata à Marli Teixeira Soares, sem cuja coragem nada poderia ter acontecido. Ela prova como uma pessoa triplamente discriminada (como mulher, como negra e como pobre) pode forçar uma tomada de posição apenas com sua persistência.

II — A entrada em cena da OAB e do Centro da Mulher Brasileira é importante porque pode marcar o início de uma campanha pelo saneamento da justiça e pelo preso comum. Não pode, portanto restringir-se apenas à Marli. Tem de ser estendida as outras mulheres do caso — e a outras regiões do país. Estranho aqui entretanto a omissão da diocese de Nova Iguaçu, cujo bispo dom Adriano Hipólito já sofreu mais de um atentado direitista e cujos inquéritos não deram em nada. E também das entidades negras, mais ocupadas talvez na semana da Abolição com showzinhos e conferências.

III — A imprensa foi importantíssima, apesar das declarações do comandante da PM, coronel Aníbal Mello. Foi através de fotos e TV que as outras mulheres reconheceram os acusados. Mas os jornalistas não devem esquecer que uma das principais causas da corrupção nos meios policiais são os baixos salários. Recentemente, os movimentos reivindicatórios da classe (tanto civil quanto militar) foram reprimidos energicamente pelo governo e não encontraram uma linha sequer de simpatia na imprensa. Antes pelo contrário.

IV — A Polícia Militar deve compreender que formar o batalhão para que possíveis soldados criminosos sejam reconhecidos, não denigre de forma alguma a corporação. O que pode denegri-la, isto sim, é a existência de criminosos ocultos nas suas fileiras (veja-se as cifras de expulsão anuais), a obstrução da justiça e atitudes como as do capitão Alípio. O mesmo se aplica, na Polícia Civil, aos que tentam dificultar o andamento dos processos. São funcionários públicos, pagos com o dinheiro dos contribuintes para cumpir a lei, e não pra violá-la ou emperrá-la.

V — A opinião pública deve vigiar o decorrer do processo. O caso Marli não acabou. Agora é que está começando. (**João Carlos Rodrigues**)

Centro de Documentação
Prof. Dr. Luiz Mott

Beleza pura

Fotos: Dimitri Ribeiro

Centro de Documentação
Prof. Dr. Luiz Mott

O racha no SOMOS/SP

No dia 17 de maio ocorreu o que já se esperava há algum tempo: o estilhaçamento do grupo SOMOS, de São Paulo. A situação dentro do grupo vinha se deteriorando desde o surgimento entre seus participantes de antagonismos aparentemente irreconciliáveis durante os debates do I Encontro Brasileiro de Homossexuais. "Lampião" passa aos seus leitores os documentos enviados pelas facções em conflito, ao mesmo tempo que publica um esclarecedor depoimento sobre o assunto de Eduardo Guimarães, do grupo SOMOS carioca.

DOCUMENTO 1

São Paulo, 19 de maio de 1980.

"Ao Movimento Homossexual: Em reunião geral no Mistura Fina, dia 17 de maio, o grupo Lésbico-Feminista separou-se do grupo SOMOS. Assumimos esta posição com base em experiências concretas de um ano de trabalho e através das quais acreditamos hoje, poder afirmar que:

1) a participação de lésbicas em grupos mistos tem impedido o desenvolvimento de uma conscicência feminista, essencial, a nosso ver, para o próprio M.H. Dada a especificidade da discriminação que sofremos, enquanto mulheres e homossexuais, consideramos o processo de afirmação somente possível em reuniões separadas das dos homens. As mulheres não podem descobrir o que têm em comum a não ser em grupos só de mulheres;

2) é falsa a idéia de que um grupo homossexual precise de lésbicas para levar a questão feminista. Sempre nos colocaram a necessidade de existirem mulheres no grupo para ensinar feminismo e apontar atitudes machistas. Achamos que a conscientização, embora em níveis diferentes para homens e mulheres, se dá da mesma forma, isto é, por meio de leituras, pesquisas e da reflexão contínua sobre a reprodução dos papéis heterossexuais de masculinidade e feminilidade. Acreditamos ainda que qualquer grupo realmente interessado em feminismo pode iniciar uma discussão sobre o tema, independente da participação das mulheres. Inclusive, a presença de lésbicas não só não implica numa postura feminista, como tampouco serve como uma estratégia de combate ao machismo que todos reproduzimos;

3) os grupos formados exclusivamente por lésbicas ou bichas não dividem o M.H., pelo contrário, podem enriquecê-lo, apontando novas propostas na direção de um verdadeiro crescimento da consciência homossexual. A nossa atuação externa, participações em congressos e manifestações, vem desmonstrar não haver qualquer empecilho no sentido de uma ação conjunta, desde que sejam preservados nossos objetivos e autonomia.

"Temos a oferecer, para troca de informações, uma prática de atividades, efetuadas desde maio de 79, que inclui contatos com outros grupos discriminados (grupo feminista) e um processo efetivo de aglutinação de mulheres homossexuais." Grupo Lésbico-Feminista.

DOCUMENTO 2

"CONSIDERANDO que a imagem externa do Grupo Somos está irreversivelmente associada ao grupo Convergência Socialista;

"CONSIDERANDO que a autonomia do Grupo Somos está comprometida pelo caráter da atuação de elementos filiados a organizações politico-partidárias;

"CONSIDERANDO que o Grupo Somos foi desviado de sua definição como grupo de **homossexuais** interessados **basicamente** em discutir nossa **sexualidade** e lutar contra a discriminação **sexual**.

"NÓS, abaixo nomeados, nos declaramos **DESLIGADOS** do Grupo Somos a partir desta data, e passamos a construir um novo grupo que se propõe a afirmar a definição de grupo homossexual autônomo e interessado prioritariamente na questão homossexual. São Paulo, 17 de maio de 1980." Assinado: Cacá, Celso I, Emanoel, Evaristo, Glauco, Reynaldo I, Ricardo III, Tosta, Zezé.

DOCUMENTO 3

"Desde a realização do 1.º EGHO, evidenciou-se uma divergência dentro do Somos-SP: que se discutia política, manobras partidárias, tudo em detrimento das questões específicas homossexuais. Essa divergência foi radicalmente demonstrada na 6.ª Reunião Geral deste ano, ocorrida em 17 de maio, quando nove elementos apresentaram uma denúncia e a sua renúncia em continuar no Somos-SP.

"A radicalidade a que nos referimos é porque essas pessoas não discutiram a denúncia e nem a sua renúncia, dando como definitiva a retirada do grupo. Tal denúncia, entretanto, não foi considerada pelo grupo, tendo a reunião prosseguido e chegado ao consenso que a continuidade da estrutura do Somos-SP não sofreria, de imediato, qualquer modificação. O objetivo desta carta é aclarar os motivos que determinaram essa renúncia.

"O grupo Somos-SP, que mantém a definição que a homossexualidade não sofre restrições pelas diferentes formas de participação dos seus elementos e que esta participação pode até mesmo ser em partidos políticos, a nível individual, concluiu que as acusações sobre a filiação partidária de algumas pessoas não interfiriria em seu desenvolvimento. Ao contrário, considerou que a homossexualidade deveria estar refletida também nas demais relações sociais como trabalho, religião e educação. Concluiu-se que a disposição de discutir programas partidários deveria ser iniciativa individual e em local distanciado das Reuniões Gerais.

"O grupo Somos-SP não abdicou em nenhum momento da discussão da questão homossexual. A não ser que se considere desvio a discussão fomentada pelos renunciantes quanto à possível influência externa. Ou sobre o trabalhador homossexual do ABC. Ou sobre o negro homossexual.

"Lamentamos esta denúncia grupal porque a argumentação foi, no mínimo, irreal. Acreditamos porém, na sinceridade dos elementos que se retiraram; eles realmente acreditam no que dizem.

"O que demonstra basicamente essa decisão que marcou a retirada dos nove elementos foi a realização do 1.º EGHO. No encontro, a constatação de que alguns elementos se colocavam como apolíticos e exigiam do grupo essa definição, teve como contrapartida a opção da maioria pela qualidade política do grupo. Após o encontro, a entrada de novos elementos trouxe novamente a discussão política para o interior do Somos-SP. Isso porque, em relação com a nossa realidade sócio-econômica, os integrantes do grupo passam necessariamente por todas as outras manifestações sociais. Impossível, portanto, estabelecer, na realidade brasileira, hoje, um grupo discriminado por todas as políticas e que se defina como apolítico. Por isso a reiterada afirmação de que o grupo Somos-SP não é um grupo de filiação partidária, mas é um grupo político.

"Admitimos a possibilidade de que os elementos que se afastaram se constituam num grupo que atenda às suas necessidades particulares. Entretanto, refletimos que a crítica do processo do grupo Somos-SP por estes mesmos elementos, seria de inestimável valia, tanto para nós, como a finalidade de não repetirmos as mesmas condições, como para o novo grupo, a fim de que estabeleça claramente sua posição em relação à política homossexual frente à realidade social, visando não sofrer mais as contradições no seu objetivo." Grupos Somos de Afirmação Homossexual.

UM DEPOIMENTO

"No dia 20 de maio, às quatro da tarde, quando eu voltava de um debate sobre homossexualismo na PUC, o telefone toca: Eva, uma repórter de **Veja**, me pede declarações sobre as relações do Somos-RJ com os partidos políticos. Não preciso dizer que tive enorme curiosidade em saber porque ela queria saber justamente **aquilo**. Invertendo as posições, passei a entrevistá-la, e já agora queria também saber como ela tinha conseguido meu telefone, porque não sou o porta-voz do grupo Somos-RJ.

"Se sua primeira resposta — dizendo que o contato tinha sido feito através de amigas do Coletivo de Mulheres — foi tranqüilizante, a segunda me jogou sentado numa cadeira e me devolveu à posição definitiva de entrevistado. Ela sabia que algo se passava com o Somos-SP e declarou ter conhecimento que partidos políticos haviam demonstrado interesse pelo Somos (e que eventualmente teriam até mesmo tomado a liderança do grupo). Eu ficara sabendo no sábado da saída de 14 rapazes do Somos-SP e da separação definitiva da facção Lésbico-Feminista do mesmo grupo. As razões alegadas: a atuação de elementos filiados a organizações político-partidárias havia distanciado o grupo da discussão primordial — a da sexualidade — e associara a imagem (do grupo) à da Convergência Socialista, especificamente.

"Embora surpreso com a rapidez com que a notícia chegara à redação de **Veja**, assim como com o súbito interesse da revista por um tema tão debatido durante o Encontro de São Paulo, resolvi simplesmente acreditar que bichas e lésbicas haviam finalmente conquistado um espaço físico e político neste país. Assim, falei pra ela sobre o nosso tema AUTONOMIA — tão discutido em abril. Se a lição entre os movimentos e a política partidária era novidade para repórter, pra nós não é. O grupo Somos-SP está marcado pela luta político-partidária. A presença da Convergência dentro do Somos ficou efetivamente marcada no Encontro. O fato assume importância ainda maior com a saída dos 14 rapazes, que não são absolutamente o que se poderia chamar de bucha de canhão. Aliás, se algum nome tivesse de ser dado à maioria deles, acredito que o mais próprio seria o de bichas históricas — não enquanto registro morto, mas como memória viva, atuante e determinante na cena dos movimentos brasileiros.

"Não pretendo ser imparcial em minhas considerações, nem me distanciar das pessoas que nos trazem tais fatos à baila, daí a pouca precisão desta análise. Munido de toda a simpatia pessoal e teórica, me proponho a comentar a última entrevista dada pelo Somos-SP ao jornal **Em Tempo**, antes da crise atual. Em primeiro lugar, fica claro que tanto o grupo de São Paulo como o do Rio — independentes um do outro — têm um longo caminho a percorrer antes de ter um discurso próprio, em contraposição a um discurso pessoal de seus membros. (Impossível saber se algum dia teremos tal discurso).

"As alianças que virão fortalecer nosso movimento — proclamadas na citada entrevista por um dos rapazes que não saiu do Somos e que durante o Encontro se identificou como membro da Convergência — serão obviamente conseqüência das características próprias do movimento. Ora, se tais alianças não só dificultam como impedem o pleno andamento do Somos-SP, ou de outro grupo qualquer, me parece que tais alianças são indesejáveis.

"Finalmente, me pergunto como ficam os demais grupos diante de tais acontecimentos? Evidentemente temos aqui material para longo debate. Mas, imediatamente, como ficam as relações dos demais grupos com o Somos-SP? Pretensão minha ter resposta para esta pergunta. Como membro do Somos-RJ acho recomendável uma atitude prudente, de escuta, em relação a este **Somos Convergente**. As idéias dentro de qualquer movimento tomam corpo, tornam-se ação. Eu me vejo aliado a este novo Somos enquanto seus atos forem marcados pelo timbre da luta homossexual. Fica aqui meu voto para que o Somos-SP não reedite entre nós o papel de departamentos femininos dos diversos partidos e sindicatos dentro do cenário feminista." **Eduardo Guimarães**.

Escolha Seu Grupo

TERCEIRO ATO/BH — **Caixa Postal, 1.720, CEP 30.000, Belo Horizonte, MG.**

GRUPO GAY DA BAHIA — **Caixa Postal 2.552, CEP 40.000, Salvador, BA.**

Grupo de SANTO ANDRÉ — **(em formação) Caixa Postal 426, CEP 09.000, Santo André, SP. (a/c Carlos Roberto).**

BEIJO LIVRE/Brasília — **Caixa Postal 070.812, CEP 70.000, Brasília, DF.**

SOMOS/RJ — **Caixa Postal 3.356, CEP 20.100, Rio de Janeiro, RJ.**

AUÊ/RJ — **Caixa Postal 16.218/25.029 ou 65.022, CEP 20.000, Rio de Janeiro, RJ.**

GRUPO LÉSBICO-FEMINISTA/SP — **Endereço Provisório: Caixa Postal 22.196, CEP 01.000, São Paulo, SP. (a/c Teca)**

GRUPO SOMOS DE AFIRMAÇÃO HOMOSSEXUAL/SP — **Caixa Postal 22.196, CEP 01.000; São Paulo, SP.**

EROS/SP — **Caixa Postal 5.140. CEP 1.000, São Paulo, SP**

SOMOS/Sorocaba — **Rua Fuad Bachir Abdala, 53/31, CEP 18.100, Sorocaba, São Paulo.**

LIBERTOS/Guarulhos — **Rua Cabo Antônio P. da Silva, 481, Jardim Tranqüilidade, CEP 07.000, Guarulhos, São Paulo (a/c Osvaldo Izidoro)**

Atenção turma de Pernambuco: A libertária Irineide está organizando um grupo por estas bandas. Para entrar em contato com ela basta escrever para Rua Pedro Melo, 591 - San Martin - 50.000 - Recife.

Centro de Documentação
Prof. Dr. Luiz Mott

Troca Troca

VOCÊ tem menos de 30 anos, é introvertido e quer corresponder-se para relacionar-se, etc., com alguém independente? Então escreva-me. Tenho 1,64m, 68 kg, sou moreno-claro, 43 anos. Severino G. da Silva. Rua Conselheiro Nébias, 561, 4º andar. apto. 43. CEP 01203 São Paulo, SP.

PROFESSORA, nível universitário, cabelos e olhos castanhos, 32 anos, definida, procura amigas inteligentes, adultas (de idade ou mente), femininas. A.C. Caixa Postal 552, Santa Maria, CEP 97100 RS.

I AM traveling to Bogotá, Quito, Iquitos, Lima, Cuzco, Santiago, Buenos Aires, Iguassu Falls and Rio de Janeiro, September 20 to October 11. I would love to have some pen pals, in or near these cities. I am 29 years, 5 feet 10 1/2 inches tall, 155 pounds, blonde hair, blue eyes. I only speak english and very little spanish. Bill Matthias, 5236 "A" Cleon Avenue, North Hollywood, California, USA.

SEMI-ALFABETIZADO (curso do Mobral) de 50 anos, relativamente feio, baixo e mancando de uma perna, 90 quilos, amante em músicas de tango e bolero, e na literatura de José Mauro de Vasconcelos (Meu Pé de Laranja Lima), procura companheiro do mesmo nível de fealdade, inclusive de cor esverdeada (que na carteira de identidade chama-se "parda") como ele. Paulinho Amarante. Caixa Postal 2476, Cidade de Deus, Rio.

UNIVERSITÁRIO, 23 anos, bonito, moreno-claro, 1,77m, discreto, deseja trocar cartas com rapazes de 18 a 30 anos para amizade sincera e algo mais. JMS. Caixa Postal 572. CEP 36.100 Juiz de Fora, MG.

PARAIBANO, desejo fazer amizade com o que pintar, independente de preconceitos e outras frioleiras. Me escrevam, gente. João. Rua Vigário Virgínio, 363, Campina Grande, Paraíba.

DESEJO corresponder-me com rapazes e moças entendidos de todo o Brasil, especialmente do Rio e Belô. 29 anos, 1,76m, 70kg, moreno, nível universitário. Prefiro pessoas discretas, até 40 anos. A.E. Caixa Postal 1423, 30000 Belo Horizonte, MG.

JOVEM universitário, mignon, bonita, bissexual, 24 anos, quer corresponder-se com outras bissexuais. Peço carta franca e desinibida e foto, que será devolvida com a minha. CVC. Caixa Postal 12055. CEP 22020 Rio.

ACADÊMICO de engenharia, 21 anos, descendência germânica, 1,82m. quer corresponder-se com jovens de toda a parte, dos 20 aos 40 anos. Stefano Koing, Rua 7 de Setembro, 1.535. CEP 89.100 Blumenau, SC.

ESTUDANTE, 21 anos, 1,77m, 70kg, olhos verdes, cabelos claros, apaixonado por música e pintura. Quero me corresponder com gueis de todo o Brasil. Beto. Caixa Postal 22196. CEP 0.1000 São Paulo, SP.

GAÚCHO, 23 anos, 1,72m, 62 kg, gosto de política, futebol e música nacional. Desejo corresponder-me com pessoas inteligentes do mundo gay. Fradique. Caixa Postal 895. CEP 90.000 Porto Alegre, RS.

ESTUDANTE de Adm. de Empresas, 25 anos, gordinho, 1,79m, deseja conhecer gente e amigos com desinteresse ou interesse em transas de cuca e corpo. Gordon Rua Braga, 168, Penha, CEP 21.011 Rio de Janeiro.

CARIOCA, bancária, procura amizade sincera através de suas correspondentes. Aguardo a sua cartinha, se possível. Girl Mary, Caixa Postal 04269. CEP 70.000 BRASÍLIA, DF.

UTILIDADE

A partir deste número LAMPIÃO oferece um novo serviço aos seus leitores: em UTILIDADE publicaremos anúncios de pessoas que estejam à procura de emprego, ou oferecendo empregos a homossexuais. No primeiro caso, o anúncio será publicado gratuitamente. No segundo, será cobrada uma taxa mínima: Cr$ 120,00, e o anúncio não poderá ultrapassar um total de 20 palavras. Só excepcionalmente é que oferecemos a caixa postal de LAMPIÃO ao primeiro anunciante (vide abaixo). Isso não mais se repetirá.

GARÇON — oferece-se. Restaurante ou residência. Jovem, boa aparência, experiência e referências. Cartas com propostas para a caixa postal deste jornal.

Por uma política menor: bichas e lésbicas inauguram a utopia

aos seres que ousam, ousaram e ousarão
(com copyright para Ângela Ro-Ro)

Se eu for pensar em termos do possível, nós dos chamados movimentos minoritários temos não apenas condições de transformar a sociedade como podemos realizar essa transformação através de formas políticas alternativas e transgressoras, por nós inauguradas. Acredito que isso só será possível mediante uma profunda crítica aos partidos políticos tais como existem em nossas democracias burguesas e cujos modelos são basicamente copiados pelos grupos socialistas que disputam o poder.

Existem diferenças básicas entre nós e os partidos políticos. Estes se organizam para **conquistar o poder,** falando, inclusive em nome de outras classes, como ventríloquos. Em contrapartida, numa práxis política homossexual (parte de uma política de grupos discriminados) falaremos em nome de nós mesmos do nosso quotidiano, com um posicionamento **contra o poder.** Para isso não existem receitas, mas apenas sugestões, já que as novas formas estão apenas sendo inauguradas. Ora, só é possível iniciar o novo se o aceitarmos como possível. Desse nada é que nascerá nossa política original: da crítica permanente ao poder e também aos críticos institucionalizados do poder.

Para mim, política alternativa é forma de práxis fora dos quadros partidários e para além do mero jogo de disputa de poder. Em outras palavras, um movimento homossexual realmente autônomo estaria buscando contrapor-se ao antiquado estilo de agremiação partidária que nos é apresentado como única alternativa de participação política de esquerda. Seguindo por aí, acabaremos por rediscutir, inclusive, o conceito corrente de democracia, criticando esses mecanismos de persuasão que levam uma determinada atitude a se tornar padrão da maioria. Ou seja, iremos descobrir que, por detrás do "aparato democrático" existe a manipulação nada democrática, na medida que os donos do poder são também donos do aparato. Além disso, parece-me cada vez mais inaceitável uma forma de consenso em torno de um porgrama partidário que, por ser universal e definitivo, passa a se rotular de "democrático". Seria preferível optar por pequenos consensos em torno de programas de grupos específicos, onde a rede política se teceria num amplo quadro social de solidariedade entre os diversos discriminados — resguardadas todas as diferenças fundamentais que um programa universal tende a nivelar. Assim se evitaria um consenso que na realidade acaba sendo uma ditadura da suposta maioria.

CONTRA O PODER, CONTRA A NORMALIDADE

O que seria estar contra o poder? Acho que é estar mais preocupado com a forma de fazer política do que propriamente com rígidos objetivos estabelecidos a partir de manuais revolucionários. Ou seja: as novas formas de práxis e questionamento começarão pela discussão das velhas formas políticas presentes dentro de **nossas cabeças,** tão velhas quanto as de nossos pais, ancestrais. Elas são formadas dentro dos mesmos padrões de competição, normalidade e conquista, típicos de uma civilização assentada sobre o falo, o Patriarca. Nossa política é patriarcal, vale dizer, estruturada sobre o culto ao Herói, ao Líder, ao Santo, à Normalidade — contrapondo-se ao que seria então a Mentira, o Demônio, o Bandido, o Dissidente. Em nossa práxis, o patriarcado precisa ser mais freqüentemente apontado como componente básico tanto de nossas culturas quanto de nosso "militantismo socialista." É isso aí: vivemos afogados na militância, que implica num **fazer militarizado,** através do qual procuramos vender nosso peixe, impor nossas idéias "novas" e com isso chegar aos centros decisórios do poder. Pois é: vivemos como soldados que lutam em favor de Causas Santas, de Verdades.

Ora, se consideramos que somos os herejes da ordem consagrada, conclui-se que dessa maneira estamos apenas transformando nossas heresias em novos dogmas, em nova ortodoxia, e utilizando os modelos de opressão sofrida por nós, para continuar oprimindo. Lembro o exemplo americano: as bichas de San Francisco expulsaram os negros e chicanos dos seus bairros que se tornaram chiques, com aluguéis proibitivos. Só evitaremos reproduzir o gesto do opressor se nossa práxis deixar de lado um ativismo que, por ser mecânico e compulsivo, acaba sendo conformista. Quer dizer: se nossa práxis deixar de ser uma forma de sublimar nossos desejos. E se deixar o desejo homossexual aflorar com seu potencial subversor.

Para questionar o militantismo sizudo, temos nas mãos, ao menos potencialmente, fatores inegáveis como a cama e suas variantes, esse espaço para o nosso desejo. E entenda-se por cama tudo o que esteja relacionado com prazer, corpo, sexualidade, quotidiano, nível pessoal, etc. Por ser lúdica, gratuita, irresponsável e farta em invenções, a cama pode relativizar o poder. É verdade que freqüentemente o poder relativiza a cama, sempre que esquecemos nossa sexualidade em favor da militância sobre sexualidade. E no entanto, a melhor maneira de afirmar nosso direito ao prazer é fazendo boa cama, contra a chatice de nossos discursos militantes. Não poderia ser essa uma das nossas contribuições, em termos de práxis política? Uma forma subversora e herética, na medida que estaremos misturando elementos desconcertantes e criando misturas novas? Subverter: colocar no lugar "errado" as coisas certas, evitando a recuperação ideológica da cama. Pois a cama tem um mistério que é exatamente aquela característica das linguagens não-discursivas; por ser imprevisível, ela

→

O LAMPIÃO não está ligado a nenhum grupo homossexual especialmente. O LAMPIÃO não tem qualquer ligação com nenhum grupo político. O LAMPIÃO está vitalmente interessado no surgimento de grupos homossexuais e, como tal, disposto a abrir espaço, em suas páginas, para todos eles. Nestes casos, no entanto, mais que o ativismo, o jornal se preocupa com o interesse jornalístico do material enviado por estes grupos. O LAMPIÃO é, acima de tudo, um jornal de minorias e não um boletim do ativismo homossexual.

Centro de Documentação
Prof. Dr. Luiz Mott

Preferimos o menor, o individual, o infinitamente *específico:* só atingiremos o todo se partirmos da partícula menor

tem uma linguagem não-codificável, a ser abraçada mais do que decifrada. De tal modo que os manuais de política dificilmente conseguirão penetrar esse recanto onde as individualidades se cruzam melhor, sem justificativas nem receitas.

O MAIS ABRANGENTE SERÁ O MAIS ESPECÍFICO

Ao relativizar dessa maneira o poder, estaremos contribuindo para destruir esquemas patriarcais substanciados na busca compulsiva da disciplina, da normalidade, do científico. E como relativizar o poder? Com a afirmação de nossa "anormalidade", ambigüidade, creatividade. Com nosso rechaço aos CENTROS decisórios onde se concentra o poder. É que nossa significação se encontra mesmo na margem. Por isso, nada é maior e prioritário para nós. Preferimos o menor, o individual, o infinitamente **específico:** só atingiremos o todo se partimos da partícula menor, a mais individualizada, onde a **espécie** está se refletindo, criando raízes (não é mesmo, Emanoel?). Isso eu chamo de POLÍTICA MENOR.

E dirão: que programa pretensioso. UTÓPICO. Sim, se quiserem saber, somos filhos de ninguém, enxotados de Cuba e dos Estados Unidos. E, como órfãos, habitamos a UTOPIA, terra dos sonhos possíveis. Porque nós os minimizados não temos outras chances. Ou escolhemos o novo, ou morremos no mesmo túmulo dos conchavos e competições. Tentar outros parâmetros, ali onde eles são inesperados e ambíguos — uma grande suruba para solucionar uma grande briga. Desconcertar para investir contra o poder que criou essa ÓRDEM. Opor-se a uma política manobrista, baseada em hegemonias, inclusive da classe proletária. Recado: a classe operária é sim um dos agentes de transformação social — no caso, ela impulsiona a transformação econômica. Mas como não aceitamos o pressuposto de que a transformação econômica seja a única, não queremos a hegemonia de uma suposta classe revolucionária. Porque inclusive trata-se aí de um conceito vago que os intelectuais, tecnocratas e cientistas políticos criaram para, dizendo-se representantes da sacralizada classe operária, legitimarem o seu poder. Não foi o que aconteceu na Revolução Soviética? Um partido se apropriou da definição de proletariado e, manipulando-a, tomou o poder e se apossou das demais definições; então, os dirigentes definem como **louco** quem divergir deles. Hoje, seus sindicatos são apenas novos instrumentos de controle social: como se supõe que a classe proletária já chegou ao paraíso, operário não pode reclamar.

Desmistificar a hegemonia transformadora do proletariado significa quebrar os limites e colocar como agentes de transformação também os loucos, os velhos, as crianças, a luta ecológica, os indios, os negros, os homossexuais, as mulheres, as putas — enfim, todos aqueles blocos de especificidades que caminham contra a corrente. Isso irá dificultar as formas hegemônicas, o controle do poder por uns poucos. Pois é mais fácil controlar uma classe revolucionária do que centralizar dezenas de blocos de transformação e apossar-se de tantas definições divergentes. Então quero desafinar, passar os parâmetros da política para a margem: ficar pelado nas reuniões sérias, destampar nossas mais recônditas fantasias, desprogramar-nos sexualmente (a promiscuidade como elemento subversor), lutar junto com as classes proletárias pelo seu direito ao prazer, e não apenas ao trabalho.

CONTRA O HERÓI, A POESIA DO INDIVÍDUO

Pensar em formas subversoras de política significa subverter a própria subversão, aquela que se institucionalizou dentro e fora de nós; chega de modernizar o discurso das esquerdas patriarcais, que buscam recuperar os homossexuais, às causas partidárias. **Exercer** a crítica aos partidos enquanto manipuladores e doutrinários, agentes de falsas promessas democráticas. Como crianças, **balbuciar** de novo as primeiras palavras, órfãos que somos. Não há salvação no herói/patrono, seja ele Lenin, Trotsky, Bakunin, Papa ou Lula. Enquanto transarmos à base de heróis, haverá dogmas; e dogmas exigem militância, cruzadas, guerras pelo poder.

Contra isso, as formas de realizar UTOPIA talvez se encontrem em nós mesmos: desenvolver portanto cada um de nós, com nossas mais profundas especificidades de seres únicos. Partir de nossas individualidades para transformar — porque só somos verdadeiramente proprietários de nós mesmos. Daí, ser o indivíduo subversão à vista: nossa infinita variedade impulsiona uma invenção contínua e exige o novo. Então estaremos colocando imaginação, mistério e ambiguidade na política, considerada terreno da ciência. E inseriremos nosso corpo, cabeça, conceitos, quotidiano, a loucura de cada um no turbilhão das transformações. E como a individualidade é o terreno do improvável, estaremos adentrando o universo da poesia onde, ao contrário da militância, tende-se a abolir a doutrina e a normalidade. Resta encontrar nossa perdida poesia: talvez num vago gesto desmunhecado ao dobrar a esquina, no bilhetinho descabelado de paixão abandônica, no traje cafona da bichita orgulhosa de estar falando em público, na peruca velha que o travesti ganhou (ou roubou?) da patroa, nos fins de semana dormindo em grupo como as lésbicas, na fantasia de trepar com o pai ou a mãe, nas tantas fantasias engolidas. Estamos misturando ingredientes pouco usuais. Nossos.

O PARAÍSO ACABOU, VIVA A UTOPIA

Direitas e esquerdas do sistema estão querendo tornar-nos consumidores de homossexualismo, e com isso recuperar-nos. Trata-se de uma forma de nos iludir com o poder e neutralizar o potencial subversor. A única maneira de garantir nossa subversão e impossibilitar essa recuperação é ser cada vez mais viado e sapatona, portanto mais malditos e menos cobiçáveis por todas as **formas de poder** (ordem), do tipo partidos, publicidade, família, mídia. Quanto mais aprofundarmos nossas diferenças com a normalidade instituída (a sociedade heterossexual compulsória), tanto mais difícil será nos digerir. E tanto maior será nossa capacidade de virar a mesa.

"A luta contra o poder é a luta da memória contra o esquecimento". Se é que nestes anos 80 aprendemos a ter memória, que se mantenha vivo nosso desencanto com os ídolos. Tentemos não recriar heróis, não copiar modelos ou inaugurar outros santos, quer sejam o Travesti Mártir, o Viado Padrão ou a Grande Sacerdotisa Lésbica. Evitar o equívoco das novas promessas em cima de objetivos antigos; desaprender os manuais que dividem o mundo em bandidos(as) e mocinhos(as). Se a sociedade de classes nos enche de contradições, não é em nome dela que manteremos promessas de paraíso. O paraíso não existe porque nele tudo está resolvido. E o mundo real é delicioso exatamente por ser inesgotável em desafios; supera sempre as teorias e exige que nossas cabeças inventem. PARAÍSO × UTOPIA. Botar a cabeça em altíssima velocidade, para inventar ao máximo o possível, a utopia.

Se for preciso terminar, introduzo o desejo contundente: Senhores Juízes, vossa mediocridade amaldiçoou as diferenças e arquitetou a loucura. Meu delírio é que sou apenas o universo do meu eu, minha única legítima propriedade. E vossa condenação não chega até lá, graças às deusas. **(João Silvério Trevisan)**

Biblioteca Universal Guei

Estes livros falam de você: suas paixões e problemas, suas alegrias e tormentos. Leia-os.

O DIGNO DO HOMEM
Paulo Hecker Filho
72 páginas, Cr$ 1.000,00
Um livro rabelaisiano, sem igual no Brasil, na sua vertigem erótico-quixotesca. Publicado em 1957, é uma antevisão das viagens psicodélicas. Edição especial do autor, em papel de luxo, de apenas 200 exemplares. Estamos vendendo os últimos exemplares.

INTERNATO
Paulo Hecker Filho
72 páginas, Cr$ 200,00
A história de um grande amor homossexual adolescente. A novela, publicada em 1951, é pioneira no tema, no Brasil, Paulo Hecker Filho, escritor gaúcho, estreou na literatura aos 22 anos. "**Internato**" é a terceira obra do autor, que escandalizou a pacata intelligentsia nacional da época.

TEOREMAMBO
Darcy Penteado
108 páginas, Cr$ 120,00
Um Papai Noel muito louco, uma bichinha sorveteira, uma fada madrinha desligada, a história do bofe a prazo fixo: muito humor e **non sense** no novo livro do autor de **A Meta e Crescilda e Espartanos.**

A META
Darcy Penteado
99 páginas, Cr$ 120,00
"Darcy Penteado ilumina detalhes do gueto que a maioria gostaria que o homossexual fosse circunscrito" (Léo Gilson Ribeiro). O livro de estréia de um escritor que é também um ativista em favor dos grupos estigmatizados.

CRESCILDA E ESPARTANOS
Darcy Penteado
189 páginas, Cr$ 140,00
"Como este, que fala tudo aberta e desafiantemente, possui a dignidade bem mais culturamente verdadeira de resistir aos bárbaros preconceitos" (Paulo Hecker Filho) — Duas novelas e cinco contos, do total **non sense** ao realismo poético.

MULHERES DA VIDA
Vários autores
77 páginas, Cr$ 100,00
Norma Bengell, Leila Míccolis, Isabel Câmara, Socorro Trindad e outras mulheres quentíssimas mostram neste livro a nova poesia das mulheres que não se conformam com a pressão machista e tenta inventar sua própria linguagem. A poesia feita nos bares, calçadas, ônibus, boates, prisões, manicômios e bordéis.

O CRIME ANTES DA FESTA
Aguinaldo Silva
136 páginas, Cr$ 100,00
Através da história de Ângela Diniz e seus amigos, que ele trata como se fosse ficção, o autor interpreta e esclarece todas as conotações de um instante dramático de nossa alta sociedade. Um libelo contra o machismo e a opressão.

PRIMEIRA CARTA AOS ANDRÓGINOS
Aguinaldo Silva
134 páginas, Cr$ 120,00
"A única maneira de obter a igualdade e o progresso nos relacionamentos humanos e amorosos consiste na expressão franca da batureza bissexual de todo homem e mulher."

NO PAÍS DAS SOMBRAS
Aguinaldo Silva
97 páginas, Cr$ 120,00
Dois soldados portugueses vivem um grande amor em pleno Brasil colonial, envolvidos numa conspiração forjada, acabam na forca. A história recontada a partir de 1968, faz um levantamento de quatro séculos de repressão.

REPÚBLICA DOS ASSASSINOS
Aguinaldo Silva
157 páginas, Cr$ 150,00
Bichas, piranhas e pivetes enfrentam o Esquadrão da Morte (e vencem!). A incrível história de um dos períodos mais conturbados da vida brasileira, de 1969 à 1975, tendo como pano de fundo, os cenários do submundo carioca.

SHIRLEY
Leopoldo Serran
95 páginas, 110,00
A história de amor entre um travesti da noite paulista e um operário de Cubatão. Waldir/Shirley é um personagem que aceita enfrentar todas as humilhações para ser fiel ao seu desejo. Dois seres humanos, coisificados pela opressão, brigam pela vida.

COMPANHEIRO
Walker Luna
100 páginas, Cr$ 150,00
"Não é bem este tipo de amor que atinge a tantos." Publicado em 1979, os poemas de Walker Luna traduzem sua vocação de poeta confessional, que tem o poder de dizer o que apenas se advinha e de advinhar o que não se ousa dizer como homem e como amante.

SEXO & PODER
Vários autores
218 páginas, Cr$ 150,00
Jean-Claude Bernadet, Aguinaldo Silva, Maria Rita Kehl, Guido Mantega, Flávio Aguiar e muitos outros discutem as relações entre sexo e poder. Dois debates: um sobre homossexualidade e repressão, com o grupo SOMOS/SP.

TESTAMENTO DE JÔNATAS DEIXADO A DAVI
João Silvério Trevisan
139 páginas, Cr$ 120,00
Uma viagem do autor em busca de si mesmo. Anos de estrada de solidão e fome assumidos num livro escrito com suor e sangue: nestes contos, a história de uma geração cujos sonhos foram queimados lentamente em praça pública.

QUEDA DE BRAÇO
Vários autores
302 páginas, Cr$ 150,00
Uma antologia de conto marginal, reunindo os autores que os editores têm medo de publicar. Gente finíssima: Benício Medeiros, Fernando Tatagiba, Glauco Mattoso, Júlio César Monteiro Martins, Nilton Maciel, Luiz Fernando Emediato, Paulo Augusto e Reinoldo Atem, entre outros.

OS SOLTEIRÕES
Gasparino Damata
213 páginas, Cr$ 140,00
Um livro que se dispõe a esmiuçar o mundo dos homossexuais e tudo o que os tolhe: a incompreensão que os cerca, o medo. Escrito sem meias palavras, ele vai buscar a linguagem dos seus personagens lá onde o autor os encontrou.

A TRAGÉDIA DA MINHA VIDA
Oscar Wilde
194 páginas, Cr$ 85,00
O famoso depoimento de Oscar Wilde sobre sua vida na prisão, onde cumpriu dois anos de pena, condenado pela justiça inglesa pelo crime de HOMOSSEXUALISMO. Um livro em que Wilde acusa e se defende, envolto pela solidão das prisões e marcado pelo sofrimento.

EXTRA/LAMPIÃO Nº 1
Entrevistas
24 páginas, Cr$ 40,00
As mais explosivas entrevistas sobre política sexual já feitas no Brasil: Fernando Gabeira, Ney Matogrosso, Leci Brandão e Clodovil falam do sexo e política. Abdias Nascimento fala de racismo, discriminação e ativismo negro. Anselmo Vasconcelos conta como criou "Eloina" do filme "República dos Assassinos". Antônio Calmon explica o seu cinema sado — masoquista — entendido, e Darlene Glória fala de Deus e do Diabo.

Escolha os que você quer ler e faça seu pedido pelo reembolso postal à Esquina — Editora de Livros, Jornais e Revistas Ltda. — Caixa Postal 41031, CEP 20400, Rio de Janeiro, RJ.

Se você pedir mais de três livros receberá como brinde, inteiramente grátis, um exemplar de EXTRA/LAMPIÃO Nº 1

Centro de Documentação
Prof. Dr. Luiz Mott

Amsterdã: Bichas Vermelhas Promovem a Festa

Homossexuais de toda a Europa e América do Norte participaram em Amsterdam, entre os dias 15 e 20 de abril passado, do **"Mannen Nietwaar"** (Homem, não é mesmo?), um festival de artes homossexuais promovido pelo mais antigo grupo de ativistas da Holanda, o **Rooie Flikkers** (Bichas Vermelhas). E um fato curioso que envolveu a realização do evento: depois de muito bate-pé e chora: ingos os organizadores receberam um auxílio de 8.500 dólares do governo holandês (17 mil florins).

Durante cinco dias, as cinco mil pessoas que tomaram parte da vasta programação — filmes, peças teatrais, recitais de poesia, performances, shows musicais — entre homossexuais e heterossexuais, colaboraram conscientemente ou não, para cumprir com o objetivo primeiro pretendido pelos **Flikkers**, ou seja, a desmistificação do termo "homossexual" sempre ligado a idéia de opressão.

Mesmo com todo o alarde feito em torno do evento — alguns jornais holandeses, como o do Partido Comunista, por exemplo, chegaram a publicar matérias de página inteira — os organizadores do evento não se deram por satisfeitos, já que algumas das metas pretendidas com a realização do **Mannen Nietwaar** não chegaram a ser concretizadas.

Ruud Ploegmakers, da comissão organizadora do evento, um holandês cortês, como todos os seus conterrâneos, e que fala fluentemente o português após três anos de estudos de nossa língua na Universidade de Amsterdam, concordou em receber o **"Lampião"** logo após o encerramento do evento, e falou sobre as idéias do grupo e a questão homossexual em seu país.

Plogmakers explicou que a promoção não teve caráter de luta política, mas sim, foi efetivada para chamar a atenção para as "não-verdades", que têm sido responsáveis pela opressão que acompanha psicologicamente individuos do mundo inteiro, e que os faz assumir a posição de "homossexual" perante a sociedade.

ARMA

Para isso, os **Flikkers** se utilizaram da síntese de um estudo, considerado "histórico", e que vem sendo desenvolvido por professores e alunos da Universidade de Amsterdam, a pedido da revista **Homologie**, e com base nas idéias de Foucault: "A homossexualidade é uma viatura, e de mais a mais, os homens rolam rapidamente...."

"É uma teoria relativista, salientou Ruud, através da qual se pretende terminar com o mito da homossexualidade eterna, comparando os criadores do termo "homossexualismo" aos engenheiros e inventores do automóvel, da lampada elétrica ou do avião."

O que os **Rooie Flikkers** querem, em outras palavras, após realizarem anos de estudos e pesquisas sobre obras de autores de várias nacionalidades — da linha de Freud à Hirschfeld, é mostrar que o termo "homossexual" é uma invenção como o automóvel, surgida no final do século passado, e cuja tendência com o decorrer dos anos é de "esvaziamento", ou desaparecimento; assim como aconteceu com o uso da "sodomia" hoje praticamente esquecido ao vocabulário corrente.

O tema "A Homossexualidade e a Invenção do Automóvel" deveria ter se constituído como a principal atração do **Mannen Nietwaar**. Entretanto, as dificuldades financeiras enfrentadas pelos **Flikkers** holandeses, obrigaram-nos a modificar a programação original, culminando com a suspensão do convite a ser efetuado à vários escritores e estudiosos europeus, que participariam de um painel espositivo sobre o assunto.

Os organizadores do evento alegaram que a principal causa desse insucesso residiu na omissão do governo holandês para uma promição de tal nível. Há um ano, desde que iniciaram os preparativos, os **Flikkers** vinham pleiteando uma considerável verba junto ao Tesouro holandês, da ordem de 100.000 dólares (200.000 florins).Entretanto, sempre alegando a existência de uma crise financeira, o governo negou e auxílio, cujo pedido já havia sido restringido a 20 mil dólares numa segunda tentativa. Talvez temendo uma desmoralização, dois dias antes do início do Festival, um alto funcionário do Ministério da Fazenda telefonou aos **Flikkers**, confirmando a última decisão do governo — dezessete mil florins (Cr$ 450 mil aproximadamente).

Nesta luta, os **Flikkers** contaram com o apoio do parlamento holandês, especialmente do líder trabalhista Voggd, que juntamente com outros deputados, foi um dos principais incentivadores do protesto feito pela delegação holandesa junto à Comissão de Direitos Humanos do Parlamento Europeu de Strasbourg, contra a discriminação da legislação da América do Norte ao ingresso de homossexuais no país como imigrantes O fato foi motivo para uma manifestação das bichas holandesas em frente à Embaixada Americana em Amsterdam, e também do Parlamento Europeu junto à sede das Nações Unidas em Genebra.

POSIÇÁO

Os **Rooie Flikkers**, a exemplo de outros grupos de homossexuais holandeses, possuem forte influência junto ao parlamento holandês. Fundado por um grupo de dez dissidentes do antigo **CC — Culture en Anspannings Centram** (Shakespeare Club, fundado em 1959), era considerado até há pouco como um dos mais radicais grupos de homossexuais da Holanda.

Eles foram os primeiros a levarem as bichas para as ruas em passeatas de protesto contra a repressão, e chegaram a ter problemas com a política, respondendo com êxito a um processo judicial numa cidade do norte do país. Também foram os responsáveis, durante dois anos; pela publicação de um jornal intitulado **"Mietje Pietje"** (tradução equivalente a Pederastas Travestidos, nome surgido a partir da forma de protesto público que promoviam, e termo pejorativo utilizado popularmente para os homo holandeses).

Segundo Plogmakers, hoje os homossexuais da Holanda estão presentes em todos os setores da sociedade, e todos os partidos políticos, incluindo-se o Liberal, que é o partido do governo, possuem suas facções homossexuais organizadas.O O Partido Comunista também possui o seu grupo homo.

Para a divulgação do **Mannen Nietwaar**, por exemplo, os **Flikkers** contaram com o apoio dos três principais jornais do país, incluindo-se o **NRC-Handelsblad** de Rotterdam, o de maior circulação, e o órgão do Partido Comunista Holandês.

PROGRAMA

Apesar do desfalque na programação, o Festival **Mannen Nietwaar** teve atrativos importantes, como a apresentação do primeiro filme gay do mundo, rodado em 1919, sob a direção de Richard Oswald e a participação, como ator, do psiquiatra e autor homossexual Magnus Hirschfeld. O empréstimo desta obra, de propriedade de um Museu de Berlim Oriental, foi possível graças ao empenho do Ministério dos Assuntos Exteriores da Holanda em favor dos **Flikkers**.

"Diferente dos Outros" (**Anders Als Die Andern**) é o título da obra. Foi rodado em Berlim, — considerado o laboratório da Europa na divulgação do homossexualismo no início do século, com o objetivo de fazer publicidade em torno da questão, e para mostrar claramente o início de um processo de repressão que nasce com o advento das idéias nazis. O filme é mudo e tem legendas em ucraniano.

Ele conta a história de um violinista homo que se apaixona por um aluno e acaba por suicidar-se, quando sua relação é descoberta por um amigo que passa a lhe fazer uma série de chantagens. Seu companheiro, desolado, tenta igualmente o suicídio, momento em que entra em cena o doutor Hirschfeld incentivando-o a usar a morte de seu companheiro como "bandeira de luta" para divulgar o homossexualismo e colaborar para a sua liberação no país.

Da programação de filmes, também foi apresentada uma obra de Derek Jarman intitulada **Sebastianne**, com narrativas em latim, e que tenta provar que São Sebastião era homossexual. O filme, de procedência inglesa, teve cenas rodadas na Sardenha e data de 1976. Juntamente com a película alemã foi um dos grandes sucessos do festival. Apareceram ainda **Nighthawks**, de Ron Peck, rodado na Inglaterra em 1978, com a participação de Paul Hallam; **Du Er Ikke Alene-Je Bent Niet Allen**, obra dinamarquesa, de 1978, dirigida por Lasse Nielsen e Ernst Johansen; **Tiergaerten**, de Lothar Lambert, rodado em Berlim e apresentado em avant-première, e **Nous Etions Un Seul Homme**, de Philippe Vallois, rodado na França em 1979.

MÚSICA, POESIA, TEATRO e LITERATUA

Na área musical, ganharam destaque os **shows** do cantor gay francês Lala, que já participara em 1978 do Festival de Filmes Gays **"Gluren in Het Donker"**, também promovido pelos **Flikkers** com a apresentação de cerca de 80 películas, e os Softies, músicos que pertencem ao grupo promotor do evento, e que apresentaram um musical teatral intitulado **"Stad Shock Mannen"**.

No Teatro, as variedades foram muitas, do sério à chanchada, com destaque para a comédia do escritor belga Conrad de Trez: **"Tante Trouth uit Beirute"**. A obra de Trez é bastante conhecida na Europa, e é num de seus livros que ele conta a descoberta de sua homossexualidade durante um carnaval no Rio. Robert Patrick, pivô do recente episódio sobre a legislação americana, dirigiu a peça **T-Shirts**.

Sobre Patrick, que hoje é naturalizado holandês, sabe-se que foi quem provocou todo o protesto do parlamento europeu junto às Nações Unidas, já citado anteriormente. Segundo conta-se, ele dirigiu-se a Embaixada Americana na Holanda, acompanhado de um grande número de repórteres dos principais jornais do país, e exigiu um visto de entrada nos Estados Unidos para visitar familiares. O visto foi concedido somente após o movimentado protesto que envolveu os políticos holandeses.

Voltando ao **Mannen Nietwaar**, bastante aplaudido ainda pelo público, que lotou sempre as salas de espetáculos, o **show** de Koos Dalstra, holandês que relaciona a existência dos porcos à dos homens; a performance do israelense Hezy Leckly, **Dear Wald**, onde ele utiliza o som como símbolo energético numa sala totalmente às escuras, e o trabalho de um grupo inglês, que utilizando-se do público como cenário, tenta mostrar a repressão policial em Londres.

Na poesia ganhou destaque a obra de Kaváfis, declamada por homossexuais holandeses. Também foi promovida una noite de autógrafos, com o lançamento da primeira coletânea de autores homossexuais holandeses, editada pela Uitgeverij Blaauw, sob a coordenação de Gert Hekma, membro dos Rooie Flikkers. A obra se intitula **Mannenmaat — Rekenboek voor jongens zonder meis jes** (Medida, Homem de Um Livro de Matemática para moços sem moças), e reúne 18 autores, entre contistas, cronistas e poetas.

Além disso, varias **Gayshopps** foram instaladas no pavilhão do **Melkweg**, onde se realizou o evento, com a venda de livros, revistas, decalcos, posters, cartões postais, distintivos, jornais, slides, enfim, todo tipo de material consumido pelos participantes.

Reduto do movimento underground na última década, o **Melkweg** se localiza no centro de Amsterdam, onde antigamente funcionava uma antiga "usina de leite", hoje transformada em várias salas de espetáculos. E o **Mennen Nietwaar**, ali realizado, serviu também como momento de confraternização para homossexuais e heterossexuais de toda a Europa e América.

No recinto desse centro de artes da Praça Leidsplein, onde viu-se todo tipo de gente — do turista alemão, ao hippei decadente ou às bichas travestidas — muita comida, bebida, dança e frescura rolou nos cinco dias de festa incessante. E o mais importante é que em nenhum momento se notou a presença de repressão policial, mesmo considerando que a Central de Polícia da capital holandesa localiza-se em frente ao prédio do teatro.

Nem mesmo na madrugada de segunda-feira, dia 21, quando após ter o público dançado o último **rock** do evento, um grupo de **punks** demolia e pichava um automóvel estacionado à porta principal do **Melkweg**, em protesto pelo final da música. (**Renato Schebela — Amsterdan**).

Centro de Documentação
Prof. Dr. Luiz Mott

Começam a nos entender. Mas é isso o que interessa?

Algumas notícias chegam ao **Lampião** por tabela. Via carta de um amigo, tomo conhecimento de um fato carioca que devidamente anotado, volta à nossa redação situada na Lapa, portanto no coração do Rio de Janeiro: dia 14 de abril, o Dr. E. Cristian Gauderer, especialista em psiquiatria do adolescente, com doutoramentos nas Universidades de Harvard, Tennessee e na Clínica Mayo, realizou palestra na Faculdade de Comunicação Estácio de Sá, sobre o tema "Homossexualidade masculina e lesbianismo". O amigo, que assistiu (e gostou da conferência), fez questão de resssaltar na carta, a imparcialidade do conferencista "apesar de ser hetero". E aqui começam os senões: — O que é isso, meu querido amigo, só porque uma pessoa é hetero deve ser contrária ao homossexualismo? Anexa à carta, recebo uma súmula da mesma com a autorização ao Lampião para transcrever tudo ou parte.

Outro senão: o **Lampião** não se vincula exclusivamente aos homossexuais e demais representantes das outras minorias, mas está longe de ser um vínculo da divulgação científica pura e simples, mesmo que o tema seja o nosso, preferindo manter-se como um jornal de atualização, participante das vivências, idéias e atividades minoritárias e, mais particularmente, um catalisador de opiniões e vivências homossexuais. Assim sendo, os conceitos científicos sobre homossexualismo, mesmo quando imparciais, bem documentados e devidamente atualizados, colocam-se de tal forma dentro de uma lógica habitual de laboratório que nós, os homo conscientizados, nunca os podemos aceitar na totalidade porque possuimos a nosso favor (e com um acréscimo indiscutível) a convivência íntima com o assunto, com a qual dialogamos de maneira aberta, coisa que nenhum cientista hetero, mesmo o mais esforçado entre os esforçados, jamais conseguiu até hoje.

Isto quer dizer então que refutamos os fatos que a tradição científica colheu durante anos e anos sobre o nosso "problema"? Positivo: refutamos, sim! E daí? Nunca pudemos e não podemos ainda hoje impedir que nos olhem do outro lado, isto é, do lado de fora da jaula; e que à maneira "deles" nos analisem. Agora, esperar que apesar disso nós nos comportemos segundo as conclusões que eles tirem de nós... ah!, isso não!

Este desabafo, uma espécie de lavagem intestinal que o Dr. Gaurderer indiretamente está recebendo da minha pessoa (sem qualquer culpa da sua parte e apesar de toda a boa vontade que tem com os homossexuais) advém do fato de que jamais se obtêm bons resultados, mesmo com ótimas intenções, quando os conceitos partem de princícipios errados. Também nesse sentido temos em São Paulo um caso típico de enganador-enganado, na pessoa do atento e respeitado estudioso da sexualidade, o Dr. Flávio Gikovate: tratando do homossexualismo, ele nega o fator congênito para desandar as culpas do "problema" sobre fatores de formação familiar e outros quantos. Não concordo nem discordo, entenda-se bem, apenas me recuso a aceitar que tratem o homossexualismo como um "problema" ou como um desvio da sexualidade.

Lendo o artigo-palestra do Dr. Gauderer, vejo logo no início o conceito de Freud de que "o homossexualismo é encontrado em pessoas que não mostram desvios de normalidade e cuja eficiência de funcionamento é completa e (que estes) muitas vezes, são indivíduos privilegiados no desenvolvimento intelectual e cultural". Ora, já dizia a minha bisavó, "nem tanto o céu, nem tanto a terra"! E logo vem o bloqueio para qualquer discussão quanto se flagra que ele "Freud", inconscientemente (Freud, inconsciente?), ao dizer isto, estava assumindo uma atitude paternalista em relação aos homossexuais, portanto protegendo os seus indefesos e frágeis **pacientes** das intempéries da sociedade opressora. Dá pra perceber a trama? Apesar desta ser sutil e plena de boas intenções, não se pode esquecer que Freud era hetero, e é bastante sabido que os heteros, principalmente os inteligentes e cultos, assumem frequentemente essas atitudes paternalistas a fim de se penitenciar pelo que a humanidade tem feito contra os homossexuais.

Ora, contesto eu como advogado do diabo, é uma besteira enorme achar que **a maioria** dos homossexuais (ou "muitas vezes", como diz Freud) seja de "indivíduos privilegiados no desenvolvimento intelectual e cultural". O que tem a ver a opção sexual com inteligência e cultura? Claro que existem bichas inteligentes e cultas, mas nem por isso elas precisam se vangloriar de ser maioria na própria classe ou em relação aos heteros: já conheci muitas e muitas que não têm jeito nem inteligência para enfiar sequer uma linha numa agulha!

Portanto, o paternalismo é um princípio igualmente comprometido, como vários outros, para um entendimento da homossexualidade, porque prevê em si um sentimento de comiseração, camuflando a eterna jogada do dominador sobre o dominado. E isto a nós, homossexuais, absolutamente não interessa mais! É preciso deixar bem claro também, que a análise científica atual feita sobre a nossa opção sexual não nos perturba nem nos acrescenta nada, **a nós homossexuais conscientizados**, porque a nossa cabeça, a partir do momento da conscientização, já superou traumas, sentimentos de culpa, auto-negações e toda aquela baboseira mental de que os psicanalistas insistem em nos curar; e já partiu igualmente para coisas bem mais sérias e práticas, como a nossa definição pessoal e coletiva como integrantes de uma sociedade, ou a conquista conseqüente do nosso espaço vivencial.

Assim sendo, os heteros é que devem finalmente começar a conjugar o verbo **assumir** (tão propalado, atualmente) e não nós, que há séculos estamos tentando a aproximação, sem resultados. Não fomos nós que inventamos os tais prefixos **hetero e homo** — foram eles os heteros que assim o fizeram para defender sabe-se lá quais princípios de sobrevivência e supremacia. Se eu fosse uma dessas muitas bichas inteligentes porém malditas que circulam por aí, diria que dormimos no ponto: essa imposição de um sistema heterossexual foi circunstancial, uma espécie de golpe político de tomada de poder, o jeito foi aceitá-lo incondicionalmente porque, como sempre acontece nesses casos, montou-se paralelamente um esquema de repressão chamado machismo, para impor, proteger e manter o poder dominante. A Bíblia está aí, contando tudo em detalhes...

Entenda-se que não é minha intenção ser proselitista, pregando a inversão dos papéis, isto é, segregando os heteros para impor padrões homossexuais no mundo. Desejo, isto sim, e bem menos pretensiosamente, fazer válida **a nossa normalidade** — mas que ela nos venha por direito, não obsequiada como numa abertura política, na forma de uma concessão piedosa ou como prêmio de bom comportamento, antecipadamente exigido como condição para a liberdade. Se assim for cumprido, estaremos de ambas as partes em boa paz e esquecidos dos tais prefixos estigmatizantes.

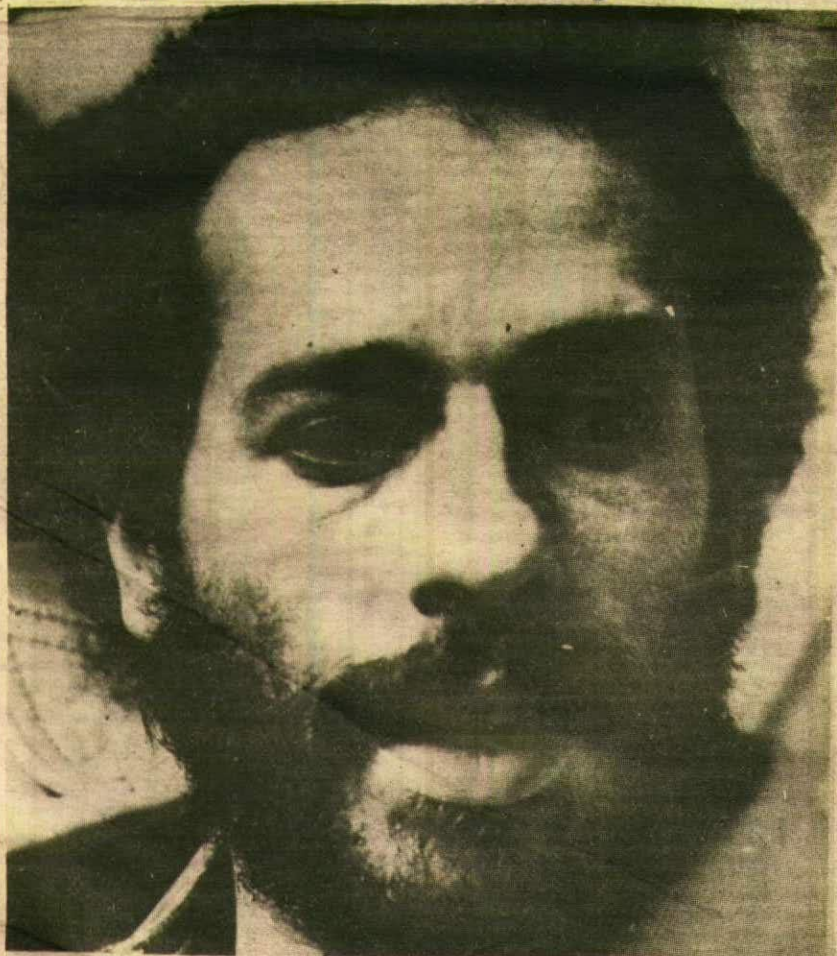
Padrões morais... Mas o que é um **padrão**, afinal de contas? Em termos de engenharia mecânica é o molde dentro do qual fundem-se as peças, todas iguaizinhas, e previstas para determinada função dentro da máquina. Acontece no entanto, que os ditos padrões, além de se desgastarem pelo uso excessivo, precisam ser modificados, renovados e modernizados em benefício da própria máquina e sob o perigo desta tornar-se antifuncional, antiquada e obsoleta.

Já fui bonzinho na vida procurando ser tolerante com a intolerância e a burrice alheias, julgando essa incompreensão como falta de informação. Em parte é, mas cansei de "panos quentes" e resolvi partir para o radicalismo mais radical: mesmo tentando ser compreensivos, os heteros jamais aceitarão como tal, a nossa opção sexual e a nossa cultura específica, enquanto tomarem como ponto de partida a **sua** conceituação de valores. Para qualquer tentativa de integração minoritária **é necessário o abandono completo dos padrões estabelecidos pelo sistema dominante,** tanto de uma parte como da outra.

Daí os comentários que eu poderia e pretendia fazer sobre a palestra do Dr. Gauderer e sobre os vários artigos de Dr. Gikovate, publicados semanalmente na "Folha de São Paulo", ficarem a priori invalidados, porque mesmo com a seriedade e possível isenção com que eles tratem o homossexualismo (o que de certo modo é relevante porque finalmente os cientistas começam a nos ver como gente, não mais como coelhinhos de laboratório), suas idéias e conceitos, todos baseados em estudos atualizados, etc., etc., continuam naquela do **de fora para dentro** e, o que é pior, subservientes aos padrões do sistema.

A nova consciência homossexual, aquela que não está plasmada nos padrões convencionais, mesmo em países mais liberados e avançados culturalmente que o nosso, fez recentemente o seu "début"? Ela está surgindo dos grupos de conscientização, dos temários discutidos nos Encontros e Congressos e dos elementos individuais que superaram as imposições do sistema tradicional. Talvez nem sejamos nós, os desta geração universal dos anos 70, ou desta geração brasileira do ano 80 que participou do I Encontro Nacional de Grupos Homossexuais, os que estarão liberados e conscientizados o suficiente para escrever a nova Bíblica. Talvez só mesmo os nossos filhos (filhos?) terão o distanciamento temporal e a experiência necessárias. Dos resultados dessa vivência os heteros poderão então, finalmente, retirar as informações mais verídicas, "dando aos bois os seus nomes verdadeiros" — porque até agora não só estes tiveram os nomes trocados, como foram confundidos com cabras, cavalos, zebras e até rinocerontes.

Nomes, prefixos, definições, classificações... Mas será isto o que interessa? O que influi no vôo de uma borboleta azul se em vez de borboleta, os estudiosos a chamarem de "Lepidóptero Morpho Anaxabia"? (**Darcy Penteado**)

O Coojornal faz a cabeça do João Bosco.

Faça como o João Bosco, compositor e cantor: assine o Coojornal, o jornal que faz a cabeça do pessoal que pensa.

12 edições por apenas Cr$ 440,00

Preencha o cupom e remeta-o, junto com vale-postal ou cheque, para a Cooperativa dos Jornalistas de Porto Alegre Ltda.
Rua Comendador Coruja, 372 - Porto Alegre - 90.000 - RS.

Cupom de assinatura Coojornal
Nome:
End.: Nº
Bairro:
Cidade: CEP
Estado:

BIFÃO CABARÉ
O dia do avesso
Show de transformação com arte e cultura: Andrea Casparelly — Chintia Levy — Laura de Vison — Mabel Luna — Ana Karina Berg — Rhoddá — Samantha e as Putotinhas. Apresentação de Fernando Moreno. Produção Adão Acosta.
Bifão — Rua Santa Luzia, 760 — Tel.: 240-7259. Aberto a partir das 22h30m. Ingressos: Cr$ 150,00, mesas a Cr$ 100,00. Com este anúncio o ingresso só custa Cr$ 100,00.
Todos os Sábados.

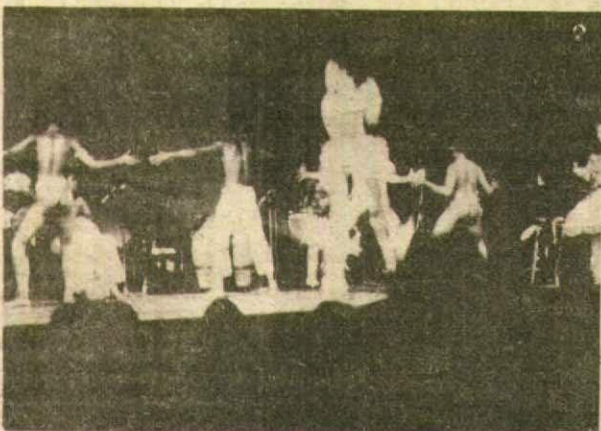
PELOS?
Livre-se dos pêlos e/ou penugens do seu rosto, queixo, buço busto, barriga, etc.,
Fazendo o tratamento de depilação definitiva por Eletrocoagulação, sem dor, sem marcas, sem cicatrizes, com pinça eletrônica.
Fone: 255-7027 — Marcar hora
A partir de 14/06/80 novo nº 521-3160

Centro de Documentação
Prof. Dr. Luiz Mott

Bixórdia II - o show

Verushka, a do Fusca

Adão Acosta, Chrysóstomo, Elke, Mário Valle...

Ficou decidido na reunião de pauta que eu escreveria a matéria sobre o **show** de aniversário do jornal; o "Bixórdia II", pelo qual os lampiônicos esperaram o ano inteiro. Mas a verdade é que eu perdi o tesão, depois de ver as ótimas fotos de Cyntia Martins, a quem coube a cobertura fotográfica do evento (cruzes!). Basta dizer que o Teatro Carlos Gomes, cheio de amigos e amigas do jornal, parecia a sala de estar de uma enorme família: todo o mundo numa boa, muitos beijos e abraços, muita gente se cruzando nos banheiros e nos desvãos mais escuros do teatro, e muita emoção no palco, dos artistas que foram lá, na base do amor e da amizade, dar uma palinha em homenagem ao LAMPIÃO. Vejam as fotos: foi O SHOW. (**Aguinaldo Silva**)

O grupo Amalá

Bittencourt e Bubby Montenegro

Duardo Dusek

Aline

Zeca e seu Trombone

Fagner e o violão

Elza Soares e Mário Valle

Emilinha Borba

Maria Leopoldina

Centro de Documentação
Prof. Dr. Luiz Mott

Notícias da Bahia

Para o turista que vem ao Brasil para passar o Carnaval e curtir o verão tropical, Salvador costuma ser apontada como a cidade mais gay do Brasil. De fato, durante o Carnaval, a Bahia se torna a capital gay não apenas do Brasil, mas do mundo inteiro. Alguém poderia indicar um local da terra (o céu não vale) onde se concentram anualmente maior número de homossexuais do que a cantada em prosa e verso Praça Castro Alves durante os quatro dias da folia? Quantos seriamos: mil, dois mil, quantos mil? Creio que nem mesmo os congressos e encontros gays nativos ou dalhures contariam com tamanha quantidade de homossexuais, e no tocante à procedência geográfica (pois como é do conhecimento geral, à "Praça do Povo" convergem, além dos baianos da capital e do interior, inúmeras caravanas de homossexuais sergipanos, alagoanos, cariocas, paulistas, gaúchos, etc., sem falar nos gringos, notadamente norte-americanos, franceses, alemães, ingleses, and so on). Passados os quatro dias onde a CARNE-VALE, dias em que as bichas tomam conta do local mais animado e desvairado da maior festa popular baiana, o que resta como saldo positivo para o movimento gay da terra de Betânia, Simone, Gil, Caetano? Assim foi a quaresma anos seguidos daquela que durante o Carnaval se torna a "Bahia de todas as Santas". Tudo voltava a ser como antes.

BICHA TAMBÉM PICHA

Salvador, aliás, como a maior parte das grandes cidades do Brasil e do mundo, foi invadida nos últimos meses por uma onda de pichações de rua, assinadas por diferentes autores: Mancha, Tirana, Min, Dr. Pênis, ML, Balde-Ação, pan, etc. O conteúdo das mensagens pintadas nos muros e paredes variando da anarquia pura e simples, à crítica social, política, existencial, ecológica, etc. Destes, o que se assinava "ML", foi sem sombra de dúvida, o mais engajado politicamente, o mais criativo, libertário e crítico. ("ML" para alguns significa "Movimento de libertação", para outros "Muito louco", para outros ainda, "Massas Livres"). Entre suas mensagens, várias vezes pintou: "viva o sexo". Por volta de setembro/79, um novo pichado aparece no cenário soteropolitano — seu nome: GAY. O palco escolhido para o seu "début" foi nada menos que os muros amarelinhos do tradicional Instituto Feminino da Bahia. Seu cartão de visita: "Cheguei: Sou GAY!" Após esta mensagem, muitas outras, em diversos locais bastante visados da cidade. Eis alguns dizeres assinados por GAY: É legal ser homossexual! Viva o Sexo! Ser viado não é pecado. Seja Gilete; aproveite os dois lados.

No Teatro Castro Alves, um dos pontos mais badalados de encontro da população gay local, além do leitmotiv "Cheguei": Sou Gay", picha um discurso mais político: "É legal ser homossexual, a história não mente: experimente!" Na entrada da Concha Acústica, Gay divulga o célebre versinho de Fernando Pessoa: "O amor é que é importante, o sexo, acidente. Pode ser igual, pode ser diferente..." Na Fazenda garcia, bairro de grande concentração de população negra, Gay assina outra pichação de teor político, unindo-se à luta maior: "Negros, bichas, índios, mulheres, pobres: estamos na mesma luta!" No porto da Barra, praia onde se concentram semanalmente centenas de homossexuais, de todos os sexos (inclusive o sexo dos anjos), num local de grande visibilidade, mais duas mensagens: "Bichas de todo o mundo, uni-vos!" "Território homossexual! Liberdade total!"

As reações não tardaram a aparecer: vários muros onde Gay deixou sua mensagem foram rapidamente pintados de branco, apagando-se do dia para a noite propaganda tão inusitada. A boca-pequena comenta-se que um pai-de-família mais esquentado chegou a atirar de revólver em Gay quando executava num muro bem alvinho, uma das suas. Nalguns lugares, outros pichadores encarregaram-se de alterar ou comentar as mensagens homossexuais. No Farol da Barra, p.ex.: um pichador anônimo (e careta) inverteu a mensagem original acrescentando simplesmente um "I" à palavra "legal", alterando portanto para "É ilegal ser homossexual". Com um pouco de mais imaginação, porém numa atitude ideológica discutível, o grupo "punk" Pan alterou várias assinaturas do GAY para Fi-Gay-redo, não bulindo porém no texto das mensagens. No Instituto Feminino da Bahia, o Grupo ML pichou ao lado do "Cheguei, sou Gay", os seguintes dizeres: "Dá-lhe 3º sexo!" No muro da Cia. de Eletricidade, o mesmo grupo acrescentou abaixo dos dizeres "É legal ser homossexual", o comentário: "Chi... que pobreza". Mais recentemente, nas imediações da Barra, surge um novo pichador intitulado: "Dr. Ku" que além de pichar nos muros que outros pichadores (como o mancha, p.ex.) eram gays, numa deslavada falta de imaginação parafraseou o gay original, escrevendo: "Cheguei, sou anti-gay, ass. Dr. Ku".

A onda de pichações parece ter-se amainado neste últimos meses. Alguns grafitis foram apagados, outros cobertos com cartazes e propagandas. Vários, entretanto, continuam indeléveis, resistindo ao tempo, prestes a completar seu primeiro aniversário de fechação. Chocando, forçando as pessoas a pensarem, suscitando polêmicas. Aliás, não teria sido inspirado exatamente nas pichações de Salvador, que a Gayfieira Palace do Cine S. José, no Rio, deu como título de seu show extamanete "Cheguei. Sou Gay"?!?! Aproveito para enviar um recadinho para o **public-relations** do show da praça Tiradentes: em recente entrevista os pichadores GAY declararam abrir mão de cobrar os direitos autorais pelo uso de seu slogan, em favor do fundo de greve dos trabalhadores do ABC. Os leitores que forem à Gayfieira Palace não deixem de lembrar à "troupe" que eles têm um compromisso com o ABC...

BICHAS BAIANAS RODAM O MIMEÓGRAFO

Muitos homossexuais baianos além de "rodar a baiana" tem-se preocupado ultimamente em conscientizar a população gay local para que entrem na luta contra todas as formas de discriminação aos homossexuais. Recém-fundado, o Grupo Gay da Bahia resolveu sair às ruas, conclamando todos os homossexuais a se organizarem em grupos que lutem em defesa de nossos direitos de pessoas humanas que não têm nem medo nem vergonha de amar pessoas do mesmo sexo, "Luta para a gente poder existir".

Distribuímos aproximadamente mil documentos, concentrando-nos sobretudo nos locais de maior badalação homossexual de Salvador: Porta do Teatro Castro Alves, Beco dos Artistas, Bar Oásis, Nildau, Boites Safari e Holmes. No domingo de manhã, no ensolarado Porto da Barra. A panfletagem, felizmente, transcreveu sem incidentes — o que era de se esperar, dado o teor legal do manifesto, e a proteção de legiões de Orixás, Santos e Santas do panteão gay do além... Favoreceu-nos, igualmente, e vivermos em "tempo de abertura"... O depoimento de mais de uma dúzia de gays que participaram da panfletagem foi unânime em revelar três aspectos: — No geral houve excelente receptividade dos homossexuais contactados ao documento. Após rápidas leituras do texto, foram diversos os homossexuais, homens e mulheres, que manifestaram de imediato sua vontade de fazer parte do grupo. — As críticas recaíram sobretudo no cabeçalho do texto, onde propositadamente, resolvemos "dar o nome aos bois", ou melhor, aos viados, enumerando vários "palavrões" classificatórios dos homossexuais: "bichas , sapatões, gays, viados, lésbicas, entendidos, bonecas, franchonas, pederastas, giletes, enrustidos, travestis, entendidas, etc." Quem chiou mais forte foram sobretudo os mais enrustidos e as bichas mais chics. Onde já se viu um "entendido ativo" (cruzes!) ser chamado de "viado", estar citado ao lado de um "travesti" ou de uma "franchona"?!? Teve bicha que deu revertério, pichou o Grupo, escomungou o documento, profetizou a chegada do fim dos tempos. Tudo isto apenas pelo choque de ver num "documento", lado a lado, termos "científicos" e "palavrões" vulgares. O objetivo do grupo foi exatamente este: provocar discussões. Mostrar para quem ainda não se deu conta, que quanto mais usarmos tais "palavrões" mais rapidamente eles envelheceriam, deixando de ser tabu. Além do mais lembramos aos esquecidos ou elitistas, que homossexual é todo aquele que gosta do mesmo sexo, seja bicha pobre da periferia, o travesti desdentado do Pelourinho, a boneca Cartier do Holmes, o entendido rançoso do La Boheme ou o "bi-sexual" (última descoberta da VEJA para pasmo do Dr. Freud!) do Porto da Barra. Achamos que a diferença no estilo de vida não deve implicar desnecessariamente em discriminações, em desigualdade de direitos. Afinal: somos ou não somos todos, sem exceção, imagem e semelhança de Deus, templos do Espírito Santo (aliás, diga-se de passagem, este último senhor tem a fama de ser a mais quente da Santíssima Trindade — imaginem que já apareceu sob a forma de língua de fogo — tá na Bíblia). — A última observação é de caráter pessoal, existencial. Veio como se fosse um prêmio a sensação de liberdade e segurança advindas do fato da gente se identificar e ser identificado como homossexual por aqueles desconhecidos que receberam o documento. Foi emocionante ouvir de vários homossexuais palavras de apoio e estímulo à nossa luta. A gente se sente — modéstia a parte — fazendo história, estimulando homens e mulheres a aceitarem já, numa boa, o que será "normal" e "geral" só daqui a umas decádas, na esperada sociedade do futuro. (Luiz Mott)

S.O.S. Argentina

"Lampião" foi talvez o primeiro órgão da imprensa, alternativa ou não, a lançar o grito de alerta sobre a trágica situação dos homossexuais argentinos. E como este jornal tem grande penetração na Argentina, "por el camino de las formiguitas", como dizem nossos irmãos do prata. Foi imensa a repercussão das nossas matérias. Por esse motivo os homossexuais argentinos resolveram lançar um "S.O.S" ao mundo através de **Lampião** (anônimo, naturalmente) , na esperança de serem ouvidos e de que se faça alguma coisa a respeito. Eis o documento:

"Este é talvez o primeiro pedido de socorro anônimo da história, que não utiliza a clássica garrafa, mas sim o meio mais moderno do correio. É que os "náufragos" são tão, tão numerosos que seria impossível enumerar um por um, mas todos estão sob um denominador comum: são argentinos e homossexuais.

"Nunca debaixo de quaquer tipo de governo civil ou militar pudemos nos locomover com liberdade, mas nunca fomos tão perseguidos como agora, nunca fomos tão vulneráveis: nos marginalizam e encurralam a tal ponto que sequer podemos sair de nossas casas. Somos vítimas permanentes do rigor policial (sem levar em conta hora ou local) , ou em sua falta, da extorsão que, dada a situação, é moeda corrente.

"Periga nosso lar, nosso trabalho, nossas carreiras; nos envolve uma neurose permanente: o medo.

"Que fazer? Como nos defender? Com quem falar? Com que armas lutar? E nem todos são bailarinos, figurinistas ou cabeleireiros, profissões que por elas mesmas determinam uma inclinação sexual diferente, mas também gente que estudou muito, se sacrificou, trabalha e trabalhou duro para consolidar uma posição e que agora não merece um mínimo de respeito: basta uma simples delação para que uma vida seja arruinada.

"Por isso, em nome de todos eles lhes pedimos que, através de sua publicação, dê a conhecer nossa situação e que organismos de países como Brasil, Estados Unidos, Holanda, Canadá, Espanha, Inglaterra, etc. nos prestem seu apoio solidário para que pelo menos não nos pisoteiem, nos respeitem como seres humanos que desejam viver tranqüilos. Nem remotamente sonhamos com uma liberdade plena, mas sim com a mínima indispensável de que um homem necessita para poder subsistir.

"Por favor, é uma súplica, vocês podem e devem nos ajudar, pois dispõem dos meios necessários. Não nos abandonem. Obrigado."

Minorias de quê?

"Frequentemente a questão da libertação da mulher é apresentada ao lado de outras, como a do negro, do homossexual, do índio, etc., sobre a classificação geral de "questão das minorias". Mesmo nos meios ditos esclarecidos da sociedade (intelectuais, pesquisadores, sociólogos, antropólogos, etc.) o uso desse termo aparece muitas vezes como tácito, legítimo, ou melhor, não tem sua legitimidade questionada, pois as pessoas nem sequer se dão conta de que se trata de uma denominação, em si mesma, discriminatória.

"Vendo a questão sob o ponto de vista das próprias "minorias", e não pelo lado dos que assim as denominam, observa-se que esses grupos podem não ser maioria em termos estritamente quantitativos, mas qualitativamente, em termos de conteúdo, sua importância é considerável. São eles que, ao se manifestarem, reivindicando um espaço social onde possam atuar, exigem da sociedade abrangente o reconhecimento de sua legitimidade, fazendo com que esta se mostre, em sua essência, contraditória e repressiva.

"A denominação de "minorias" aplicada a esses grupos é, portanto, bastante significativa, e parece esconder o seguinte jogo: ao enfatizar a variável quantitativa (são minorias apenas, não representam o povo brasileiro, o que interessa é aquilo que a maioria pensa), deixa-se de lado a questão essencial, que é o conteúdo da reivindicação desses grupos, que é capaz de fazer ver às "maiorias" (silenciosas e manipuláveis) questões nunca d'antes suscitadas. Questões que, por sua natureza, ameaçam o comportamento de avestruz típico dessa maioria — e é esse precisamente o perigo.

→

Le louar

BOITE
Shows de 3ª a Domingo
Strip-tease masculino
Raul Pompéia, 102 (Galeria)

Organização Contábil Vieira Lima Ltda.

Contabilidade em geral
Escritas avulsas
Arquitetura
Despachante
Ad. de Imóveis
LILIANE E LIMA

Estrada dos Três Rios, 90 — s/318
Tel.: 392-7324

Belco's Bar

Para Marias Bonitas
... e Lampiões
Desde 11 horas
De terça a Domingo
R. Visconde de Cairu, 26 C
Tijuca

Centro de Documentação
Prof. Dr. Luiz Mott

ESQUINA

"Melhor e mais seguro seria manter esses grupos minoritários no seu devido lugar, isto é, à margem, sem contaminação. Afinal, o negro conhece seu lugar como ninguém; os homossexuais só aparecem à noite e em locais perfeitamente delimitados; os índios, graças a Deus, estão longe e bem ignorantes, como convém ao verdadeiro silvícola. O caso das mulheres parecer ser o mais complicado, pois além de estarem em todo lugar, a qualquer hora do dia e da noite, são muitas. Estão infiltradas entre nós, penetrando nos ossos lares, impregnando a cabeça de nossas filhas de ideologias exóticas e pregando a reviravolta no mundo. Valha-me Deus! Sorte que são minorias".

É isso aí. "Minoria" é termo usado pela maioria para, menosprezando-a numericamente, ver se consegue esvaziar o conteúdo ideológico de seus questionamentos. Aliás, Lampião o usava no início. Quando percebeu ser um truque do poder, mudou para grupos oprimidos, o que é muito mais preciso. Inclusive as mulheres nem quantitativamente são minorias. Se as juntarmos aos negros e aos homossexuais então... Bom, este belíssimo texto foi retirado de "ESCRITOS" sobre o feminismo (nº 0) e feito por um grupo chamado "COSTELA DE ADÃO": Caixa Postal, 10.056 __ 90.000 __ Porto Alegre __ RS. A revista prima por excelentes artigos libertários, onde elas abordam __ em capítulo específico __ a sexualidade como importante projeto político dentro dos objetivos feministas. Peças a publicação, escrevam para elas, vamos unir forçar e lutar juntas. (Leila Miccolis).

E o 13 de Maio?

Em 13 de maio de 1888 foi assinada a lei que aboliu a escravatura no Brasil.

O que esta data representa para a comunidade? Qual a realidade do negro brasileiro?

Estas questões foram levantadas no decorrer do Ato Público convocado pelo Movimento Negro Unificado, em SP, no dia 13 __ o Dia Nacional da Denúncia contra o Racismo.

O ato público foi realizado no largo do Paissandú, diante da imagem da Mãe Preta, com a presença de aproximadamente duas mil pessoas, além de representantes da APEOESP, Movimento contra a Carestia, Grupo Somos, Atuação Feminista, Grupo Quilombola, Grupo Bologun de Ribeirão Preto, etc.

As intervenções foram, objetivos em denunciar a marginalização social, economia e política do negro brasileiro, conseqüências da discriminação racial utilizada como meio de opressão.

O manifesto do Dia Nacional de Denúncia contra o Racismo, lido em voz alta pelos presentes, denunciou "a violência policial como meio de manter a populaçao sob rigoroso controle, impedindo a reação à exploração".

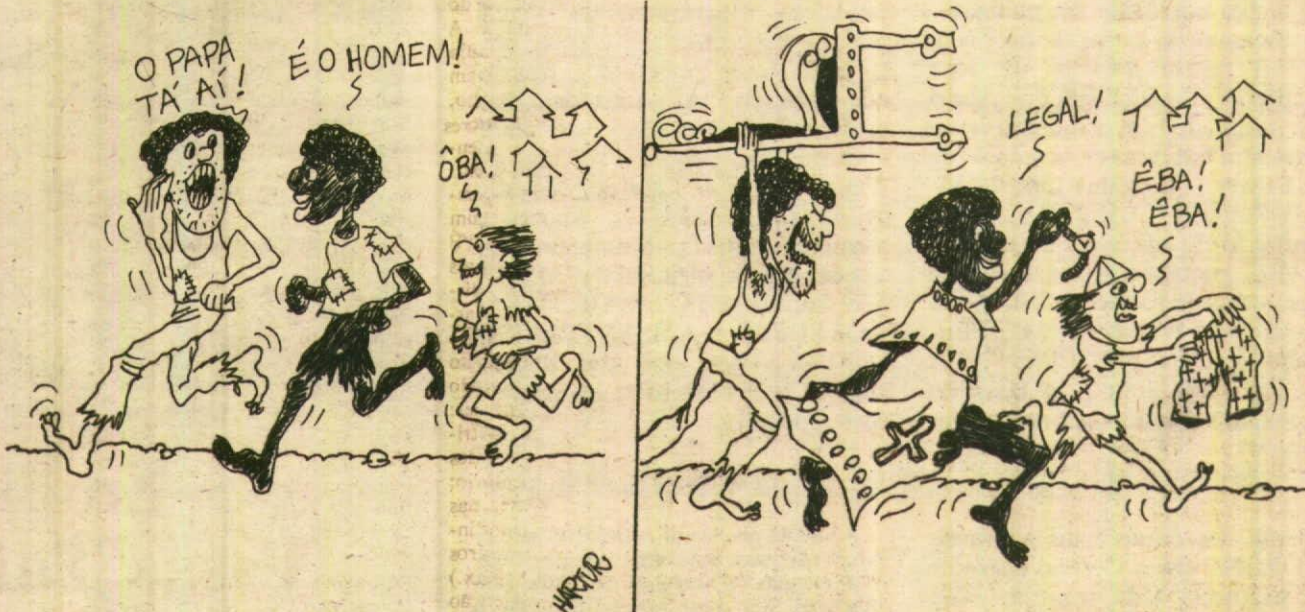
Denunciou também a "flagrante discriminação racial na admissão de empregos como prática racista que desmascara a tão falada democracia racial pregada pelo governo a fim de enganar a população negra e a opinião pública mundial". "Esta discriminação, continua o manifesto, é amparada por uma justiça que até hoje não condenou nenhum racista por negar direito ao trabalho, mas leva milhares de negros às prisões por furtos na tentativa de sobrevivência".

Os manifestos saíram em passeata em direção ao Teatro Municipal com palavras de ordem, como "Abaixo o Racismo", "Abaixo o Subemprego" e "Mais trabalhos para os negros"!.

Em Campinas, o Movimento Negro Unificado elaborou um programa especial no Centro Cultural Recreativo de Campinas.

O ponto alto foi o debate "Reflexos da Abolição no Negro Brasileiro", onde 150 pessoas discutiram sobre as conseqüências da falsa libertação, a marginalização do negro, a questão do preso comum e a exploração da mulher negra. (Lenny de Oliveira, MNU, SP).

A arte dos negros

Os negros militantes do Brasil não cultuam a data de 13 de Maio, dia da Abolição da Escravatura, que consideram uma dádiva do poder concedida apenas para evitar a falência do Império. Preferem o 20 de novembro, morte do Zumbi dos Palmares. Acontece que mal ou bem, o 13 de Maio existe e nesta data as entidades negras costumam manifestar-se. No racista e germanófilo estado de Santa Catarina, piaram protestos até de Blumenau e Itajaí. Em São Paulo, o Movimento Negro Unificado contra a Discriminação Racial fez manifestação pública no largo do Paissandu, que foi organizada como "um anti-13 de Maio, um protesto contra a hipocrisia".

No Rio de Janeiro, o Instituto de Pesquisas de Culturas Negras (IPCN), o Movimento Negro Unificado, a Sociedade de Intercâmbio Brasil-África (SINBA) e mais a Fundação patrocinaram o I PAN (Panorama da Arte Negra) entre os dias 9 e 17 de maio. Apesar da pouca divulgação nos meios tradicionais de comunicação, a afluência foi maciça em todas as atividades que compareci. Vamos por partes.

Houve uma parte musical, nos dois primeiros e no último dia. Neste último (concerto com João de Aquino) não compareci. Só nos outros, que foram ao ar livre na Cinelândia. No primeiro, cantaram Aniceto do Império, Clementina de Jesue e A Velha Guarda da Portela — todos impecáveis. No dia seguinte foi a vez, entre outros, de Elza Soares, Leci Brandão, Toninho Café. Mas quem roubou a noite foi o saxofonista, clarinetista, cantor e compositor Roberto Guima — realmente uma grande revelação que enlouqueceu o público. Ainda é um pouco influenciado demais por Paulo Moura e Johny Alf, mas o seu talento é inegável. Ainda na parte amena, exibiu-se o grupo de dança Olorum Baba Min e também o Ballet de Mercedes Batista.

Na semana seguinte, foi a vez das conferências e debates no Museu de Belas Artes. Não pude comparecer nem à do Rubem Confete sobre Música Popular nem à de Lélia Gonzales sobre a Mulher Negra — mas me disseram que foram ótimas. Fui ver Abdias Nascimento no lançamento do seu livro **Quilombismo**, editado pela Vozes. Seu discurso foi uma obra-prima da objetividade política, alertando contra divisionismos internos e também contra tentativas de apropriação por partidos políticos.

Assisti ainda ao debate entre Zózimo Bulbul, Jorge Coutinho, Procópio Mariano, Jacira Silva, Paulo Roberto, Zaqueu, José Medeiros e Alex Viany sobre **O papel do negro no cinema brasileiro**, que transbordou ainda pelo teatro e principalmente pela TV. Até professor brazilianista americano e ex-doméstica que hoje é universitária manifestaram-se. Malhou-se muito o Sindicato dos Artistas do Rio de Janeiro, por sempre omitir-se quando personagens escritos para atores negros terminam interpretados por brancos, como **Terror e Extase** do nosso cineasta amigo Antônio Calmon. Igualmente criticada foi a Embrafilme, cujo Superintendente de Comercialização teria afirmado a diversos produtores que "filme de negro não vende". A situação quase que destrambelhou só quando Zózimo Bulbul, presidente da mesa, dado à insistência da platéia em falar, insinuou que "em toda reunião da gente (leia-se: negros) sempre que o microfone vai para platéia, vira bagunça e o nível cai". Zózimo é um antigo militante, embora continue elitista. Ao ver a loucura que tinha dito, passou o microfone ao povaréu. Nem virou bagunça nem o nível caiu. Muito pelo contrário, a grande revelação do I PAN foi exatamente o alto nível político dos espectadores. (**João Carlos Rodrigues**)

Madureira surreal

Um poeirinha chamado Cine Madureira, vulgo Madureira 0, vem proibindo a entrada de homossexuais que ficavam no hall do banheiro fumando e papeando, programa bem mais animado do que os filmes de Kung Fu. Pois em 28.4.80, dois dos mais conhecidos — Luís e Paulo __ foram convidados a compareceram à gerência e lá mantiveram um papo muito surrealista __ eles de um lado, a repressão do outro __ mais ou menos assim: GERENTE __ "O que vocês fazem no hall do banheiro?" L/P __ "Conversamos e fumamos". G __ "Vocês são homossexuais?" L/P __ "Somos e assumimos". G __ "Pois saibam que aqui é lugar de homens e não de homossexuais". L/P __ "Tanto interesse nos homens só pode ser pra você transar com eles..." Depois dessa o gerente expulsou-os e tem barrado qualquer um na bilheteria: O mais engraçado é que eram os homossexuais que mantinham o cinema funcionando... Mas isto não vem ao caso. Queremos é saber como fica a igualdade de todos os cidadãos perante a Lei. Será que a Constituição foi revogada? (AUÊ/RIO __ Luizinho).

Na Universidade

Na noite de 23 de abril, a Universidade Federal Fluminense promoveu um debate sobre a **questão homossexual** (sic...), com a participação da revista **Rádice**, de psicologia, do jornal **Lampião**, e dos grupos SOMOS/RJ e AUÊRJ, de homossexuais organizados; a sessão decorreu no auditório do Instituto de Ciências Humanas e Filosóficas, em Niterói.

Apesar de, numa sala ao lado, por coincidência em que ninguém acreditou, estar se realizando um debate sobre o proletariado brasileiro e suas lutas específicas, tivemos a presença de cerca de 300 estudantes e professores, em animadíssima discussão... e com abundantíssima troca de olhares paqueradores; não foram poucos, os cariocas que passaram aquela noite do outro lado da baía. Correu tudo numa muito boa. Bicha e lésbicas saíram ganhando. Um a zero.

Dia 20 de maio, das 10 às duas da tarde, promovido pelo Centro Acadêmico de Sociologia e no âmbito da **Semana de Sociologia**, na PUC/RJ, outro debate. Desta vez, o SOMOS/RJ era o único convidado. Como a Reitoria recusou ceder um auditório, o encontro foi num sala de aula, pequena para receber mais de centena e meia de professores e alunos (o Departamento de Sociologia estava em greve, repudiando o novo diretor nomeado à sua revelia). Foram quatro horas de diálogo muito intenso e riquíssimo. E, como na Fluminense, pintaram milhares mis, muitas paqueras, almoço conjunto e, sobretudo, pintou muito **etcetera**... Bichas e lésbicas saíram ganhando. Dois a zero.

Da carta-convite do C.A., não resisto a transcrever alguns trechos significativos: (...) **A questão homossexual foi considerada prioritária. Defendemos o direito de livre expressão e manifestação de qualquer grupo social, sobretudo daqueles que não têm voz ou as têm abafadas, o direito de cada indivíduo dispor de seu próprio corpo, e por encararmos o homossexualismo não como uma anormalidade, mas sim como uma opção na busca do prazer, achamos importante a participação do grupo Somos na nossa Semana de Sociologia, e na construção de uma vida melhor, isenta de repressões. Afetuosamente, Caloy.** Eta, menino bão!!!

Neste debate puquiano, além da certeza de que a organização homossexual está trilhando o caminho certo, ficou claro o interesse crescente do povo universitário pela homossexualidade e sua discussão; o papo teve um excelente nível e, graças aos nossos orixás, foram impedidas quaisquer tentativas de falar **sociologuês**. Mas, por que os professores tiveram tanto medo de falar, ali?

Dolores, já batizada de **La Pasionária**, pintou e bordou, se afirmando como a **mulher-forte** que estava faltando ao SOMOS/RJ; beijão, dona. E, estamos cobrando tua promessa; queremos você no Lampião, logo. Todos os outros **somistas** e **sometes**, na mesa e no salão, se conportaram maravilhosamente, deixando uma imagem tão boa, que estão chovendo inscrições de novos membros.

Para junho ou julho, está pintando um convite da Medicina da UFRJ, lá no Fundão. Novo debate. Claro que as **bichas organizadas** aceitarão e não vão faltar. Bichas e lésbicas sairão ganhando. Três a zero.

Finalmente, a universidade se vê obrigada a abrir suas portas aos homossexuais. Não se trata de uma concessão, de um terreno cedido, não. Ao contrário, é um espaço conquistado por nós, com muita luta, muita briga, algumas lágrimas... e muito suor.

Decisivamente, definitivamente, a viadagem e a sapataria passam ao ataque também na universidade, nesta cidade que leva o nome do mais fresco e desmunhecado dos santos católicos. Ou, como um certo hetero gritava na PUC, inflamadíssimo: **o coito anal destrói o capital!?** (J C).

Centro de Documentação
Prof. Dr. Luiz Mott

Bixórdia

Walmir Ayala? Viva!

Parece que a Academia Brasileira de Letras abandona, pouco a pouco, a sua postura conservadora: depois da admissão de mulheres, aceitou agora a inscrição do poeta Walmir Ayala à vaga de José Américo de Almeida. Em que pese o forte conteúdo político-literário de outras candidaturas — como a de José Sarney — à mesma vaga, LAMPIÃO fica com Walmir Ayala, pelo significado de sua eventual entrada na ABL: poeta de primeira água é autor, dentre outros títulos, de "Nosso Filho Vai Ser Mãe", "Enquanto a Pena Não Chega", "A Salamanca do Jarau", "A Beira do Corpo", além de dois apetitosíssimos volumes de "Diário Íntimo". Se houvesse, na literatura contemporânea, algum autor a quem o caudaloso (literariamente) Ayala pudesse ser comparado, seria certamente Roger Peyrefitte, o francês que escreveu "As Amizades Particulares", franco elogio ao amor uranista. Seria a glória a presença de Walmir Ayala na Casa de Machado de Assis. LAMPIÃO já colocou a hermosa Rafaela Mambaba em franca cabala eleitoral: WALMIR NA ACADEMIA! MARCHAREMOS SOBRE A ABL, SE PRECISO FOR! — estes, dois dos slogans bolados pela Mambaba em prol do nosso poetinha.

Uma das coisas mais adoráveis do I EGHO foi o Correio Elegante que acontecia toda vez que havia mais de 20 pessoas reunidas. Os pombinhos Reinaldo e Maestro quase desmaiaram com o impossível movimento de bilhetinhos de amor com telefones, endereços, galanteios e cantadas de todos os gêneros. Havia troca-troca assim: "Quer ir para casa? Tenho até KY." Resposta: "Você tem KY e eu tenho o alfabeto inteiro à sua espera. Beijos ansiosos." Ou então: "Tenho um telefone CVV, Centro de Valorização de Viado. Valorize-se. Toque pra lá." Resposta: "Você tem CVV e eu um SL, SEXO-LOUCO, que além de safado é anarquista." Havia bilhetinhos mais audaciosos: "Topas escrever um poema nas entranhas do meu ser?" Ou modestamente politizados: "Você é um doce. Viva a subversão." Ou pudorosamente melodramáticos: "Olho para você e fico com as calcinhas molhadas." Ou francamente descarados: "Quero sofrer é com a sensação infinita de ser uma garrafa de champanhe francesa (safra 52) sendo arrolhada."

• A sexualidade está na ordem do dia. Ela saiu às ruas como se pode ver na matéria deste número sobre as pichações de caráter homossexual nos muros de Salvador. Também em Brasília as paredes das passagens subterrâneas dos eixos monumentais estão tomadas de dizeres em spray vermelho falando de liberação sexual e Reich. Foi em Porto Alegre, porém, que pintou a coisa mais singela e concisa que se pode desejar sobre o assunto. Num muro de uma demolição, na Av. Oswaldo Aranha, alguém muito inspirado escreveu: "João ama Pedro. Por que não?"

Atenção, bichas e sapatões: vale a pena ir dar uma olhada na peça "Queridos Monstrinhos", que está estreiando neste começo de junho no Teatro Casa Grande, aqui no Rio. O autor é Paulo César Coutinho; no elenco tem uma amiga nossa, Márcia Vasconcelos; e os figurinos são do lampiônico Mário Valle.

• De 393 candidatos, o Departamento de Polícia selecionou nove bichas e sete sapatões, como recrutas da Academia de Polícia, para integrarem um corpo especial destinado a atuar no mundo entendido, com a finalidade de defenderem os homossexuais de violências, chantagens e outras coisas do tipo.

O projeto tem um coordenador específico, que cuida do recrutamento. Na Academia, as boas-vindas foram dadas por uma mulher major que, em seu nome e em nome do Chefe da Polícia, afirmou que o Departamento se sentia honrado com tal acontecimento, esperando ser seguido e imitado por todos os departamentos policiais do país.

Acordem: tudo isto aconteceu em São Francisco, nos Estados Unidos da América. Que é que vocês estavam pensando?

•Arqueologia gay — Nossa colaboradora Mary Juana vinha andando pela Cinelândia, quando ouviu gritos e uivos em frente do cinema Odeon. Aproximou-se pensando que era Neville de Almeida reclamando da renda de Sete Gatinhos, mas eram duas bonecas engalfinhadas. O mais engraçado é que a briga não era por causa de nenhum homem, mas pelo último exemplar de um livrinho de capa prateada na barraquinha da livraria Ler. Nome do livro? Los primeiros movimentos en favor de los derechos homosexuales (1864-1935), **de John Lauritzen e David Thorst, volume 78 da coleção Cuadernos Infimos da Editora Tusquets, de Barcelona. Mary, que já tinha lido, garante que é uma obra-prima e de fácil leitura, embora não muito barato (Cr$ 300,00).**

• Atenção, pessoal: dia 16 de junho, a partir de 20h30m, na Livraria Muro, o lançamento do livro "O Cego e a Dançarina", de João Gilberto Noll. O autor, pra quem não se lembra, publicou no LAMPIÃO/23 um canto lindíssimo: "Domingo sem Néctar". Assim, embora o livro não seja da Esquina Editora, a gente convida pro lançamento de João Gilberto: ele é dos nossos.

• Tá Boa, Santa? — Gabeira, em recente entrevista, declarou-se precursor no Brasil dos movimentos gay, negro e da liberação da maconha. Que é isso, companheiro? Quando você ainda era careta, nós aqui já estávamos pra lá de Bagdá... Isso é que dá desbundar aos quarenta. Mas antes tarde do que nunca.

Comentário melífluo de Rafaela Mambaba após ler um relatório completo sobre a participação brasileira no congresso das culturas negras no Panamá: "Hum! Tem muita nhã-nhã branca falando em nome do movimento negro... E s crioulas, quando é que vão se manifestar?"

Lecy Brandão: agora, ela é também uma intérprete firme e apaixonada

Emílio e Leci: Essas Tais Criaturas...

Quem curte o que há de mais puro e verdadeiro no nossa MPB, não deve ter perdido, neste mês de maio, dois grandes espetáculos: O de Emílio Santiago, na Sala Funarte, e o de Leci Brandão no Teatro Opinião.

Emílio Santiago, carioca de Botafogo, sagitariano e formado em Direito, é sem dúvida nenhuma um dos melhores cantores surgidos nos últimos dois anos, senão o único. Ele se propõe a apenas cantar sem dar uma de instrumentista ou de compositor, o que é muito raro atualmente na nossa música. Apesar de não sair bradando pelos quatro cantos da cidade sua homossexualidade, ele apresenta-se como sendo uma pessoa bastante assumida, inclusive usando e abusando de sua sensualidade em suas apresentações. É de dar água na boca!

No Show, **Canto Crescente**, que teve uma curta temporada na Sala Funarte, Emílio pode mostrar seu amadurecimento e sua segurança, além do já conhecido talento, que vem num crescente desde o tempo em que participava de programas de calouros e que cantava em bailes como crooner da arquestra do Maestro Formiga e do Conjunto de Ed Lincoln.

Dividido em três partes — Noite, Madrugada e Dia — o espetáculo, que teve a direção de Arthur Laranjeira e Sérgio Rocha, mostrou a harmonia natural do cotidiano, como se fossem três histórias acontecidas em três tempos distintos. Histórias que, segundo Arthur, foram vividas e acumuladas durante muitas noites, muitas madrugadas e muitos dias. Coisas comuns, que estão soltas no ar e que só marcam a todos aqueles que tenham o coração aberto para as barras do amor.

Emílio Santiago mostra seu lado romântico, o lado que normalmente não é divulgado e nem comercializado. Sem ser sentimentalóide e com um roteiro bem selecionado de autores, e compositores transando junto com Arthur, onde podemos destacar: **A Noite** de Ivan Lins e Victor Martins; **Dama da Noite** de João Nogueira e Maurício Tapajós; **Fim de Noite** de Chico Feitosa; **Mentiras** de João Donato e L. Enio; **Quase Sempre** de Edú Lobo e Cacaso; **Notícia de Jornal** de Luiz Reis e H. Barbosa; **Nascente** de Flávio Venturini e Murilo Antunes, Emílio mostra toda sua garra.

O sucesso do Show na Sala Funarte foi tão grande que a turma que organiza a série Noturno (que acontece de quarta à sábado, às 21h, na rua Araújo Porto Alegre, 80 — Centro), resolveu fazer uma nova temporada que irá de 7 de junho. Se você não conseguir ver o show, o que vai ser uma pena, não deixe de escutar o último LP **"O Canto Crescente de Emílio Santiago"**, onde além de incluir autores como Cartola, Chico Buarque e Aldir Blanc, ele mostra o que é ser realmente um cantor, e de forma bem natural.

Como não podia deixar de ser, o show de Leci Brandão da Silva, no Teatro Opinião, mais uma vez fez o maior sucesso. Muito mais descontraída e solta, e transando o espaço e o corpo harmonicamente, Leci mostra sua nova fase.

Desde os tempos dos Festivais Ginasianos e do começo de sua participação na ala dos compositores da Mangueira, nos idos de 70, Leci sempre deixou patente seu talento, que a cada dia que passa aumenta consideravelmente, ampliando assim seu público, ainda pequeno. Mas Leci não se importa com números e insiste na qualidade.

Emílio: afinal, um cantor

Com seu show ela lança o terceiro LP **"Essa Tal Criatura"**, que marca uma nova fase no seu trabalho e onde ela acrescenta ao seu repertório compositores e autores como: Zé Ramalho, Ivan Lins e Angela RO RO (segundo ela, a louca lúcida). Como nos seus dois trabalhos anteriores, **"Coisas do Meu Pessoal"** e **"Questão de Gosto"**, a abordagem homossexual se faz presente em seu novo LP. Leci não tem medo de se mostrar como lésbica e faz questão de afirmar que encara seu trabalho como uma militância, através do qual procura transmitir uma força, uma segurança, para as pessoas, que como ela, são oprimidas e marginalizadas por essa sociedade hipócrita, que não permitem que os indivíduos tenham uma opção de vida e cultivem o seu jeito de ser.

O show do Teatro Opinião, que também teve uma temporada curtíssima, foi dirigido pelo incrível Otoniel Serra. A arena do Teatro transformou-se numa verdadeira **"Vereda Tropical"**, com muitas folhas secas, frutas e uma pinga deliciosa, daquelas de se guardar em adega, e que foi distribuída entre o pessoal presente. Deu para fazer a cabeça. Na platéia se encontrava Emílio Santiago, que curte muito o trabalho de Leci, por sinal fazia-se muito bem acompanhado por cinco gostosos garotões, um dos quais merecia particular atenção do cantor.

Do roteiro constavam músicas como: **Margot** de Edil Pacheco e Paulo Dinis, que conta a história de um travesti; **Chantagem** de Leci dirigida aos mau caráter que se aproveitam de situações onde assumir a homossexualidade é algo danoso, para assumir o papel do opressor; **Me Acalmo Danando** de Angela RO RO e finalizando **Essa Tal Criatura** de Leci, que voca a busca do prazer, seja como for e qual for, pelos seres humanos — Corra no campo/Leva um tombo/ Rala o joelho/ Mata esta sede/Durma na rede/sonha com a lua/Grita na Praça/Picha as paredes/Ama na maior liberdade...abra,/escancara esse peito

Recentemente, numa homenagem feita pela produção do Show do **Bifão Cabaré**, Leci mais uma vez afirmou que seu trabalho tem sido feito com muito sacrifício, e que as barras e as batalhas ganhas foram estimuladas não só pela confiança em seu trabalho, que considera conseqüente, mas principalmente por acreditar nas pessoas iguais a ela e para as quais dedica todo seu esforço, os homossexuais, essas tais criatuas! (Antônio Carlos Moreira)

Centro de Documentação
Prof. Dr. Luiz Mott

Bisso, toujours Bisso

Neste momento em que todos os fazedores de humor se condicionam aos padrões de baixo astral da televisão, ou apelam para os palavrões, cujo baixo astral é idêntico, surge em cena mais uma vez Patricio Bisso. Talvez seja um benefício para nós, que ainda sabemos diferenciar e exigir qualidade, que Patricio Bisso não tenha atingido aquela popularidade massificada e massificante dos ídolos da tevê. Porque ele é um comediante muito especial, e por isso único. Sua "verve" se apóia num patético que dispõe como meio básico de expresão, da máscara branca e impessoal dos clássicos da mímica, como Barrault, Marceau, ou um tristonho comediante do cinema mudo, cujo nome não me ocorre agora. Porém ele não fica só nisso: outro dos seus elementos de cena é a nostalgia das antigas divas cinematográficas, desde a ingênua Mary Pickford até as glamurosas dos anos 50.

Patricio Bisso nunca fez travesti no sentido comum — é ator transformista, o que ainda é pouco para explicar a sua incrível versatilidade e seu talento incomum. Seu humor é criativo e limpo, inteligente e erudito, coisa rara nestes dias de apelação imediatistas... Sozinho em cena, a sua presença estática sob um refletor, com um dos trajes propositadamente "kitsch" que ele mesmo constrói (construir é bem o termo para definir o ato de criar tão estranhas vestimentas com tão estranhos acessórios), já é suficiente para que ele segure o público que permanece magnetizado e à sua disposição.

Este show "Caprichos do Coração" (Teatro Brigadeiro, São Paulo, somente às quintas e sextas à meia-noite) é tão perfeito que fica difícil destacar o que se considere melhor. Cabe porém uma referência especial a sua magnífica Gioconda, a Mona Lisa do enigmático sorriso, pela excepcional criatividade plástica.

Patricio Bisso merece uma vinda a São Paulo, dos que morem em outras cidades. Para os daqui, Patricio é programa obrigatório. Mais que isso; é vacina contra a burrice e a vulgaridade vigentes. (**Darcy Penteado**).

Patrício Bisso

Quem tortura quem?

"Este é um texto sobre o escravo, contado do lado do chicote". É nesta linha de idéias que se desenvolve a história de torturadores que apelam a uma autoridade mais graduada __ uma mulher paradoxalmente chamada Piedade e colocada na peça como homossexual __ para resolver o caso da morte de um torturado, o operário insuflador de greves na "FABRICA DE CHOCOLATE". Interrompendo sua partida de tênis, ela planeja um golpe duplo: antes do prisioneiro se "suicidar", ele primeiro mataria seu carcereiro: o policial mais temeroso de todos, portanto o menos preparado para suas funções.

Os destaques vão para Ruth Escobar e José Dumont. Também muito boa atuação de Milani e João José Pompeu. Mário Prata __ o autor __ tem o bom-senso de não cair num sentimentalismo piegas; ao contrário, coloca o torturador como uma espécie de profissional competente, com gosto e vida comuns, falando o tempo todo de seu trabalho, como se fosse tão gratificante quanto os demais.

No entanto, há soluções bastante precárias. Por exemplo: a morte do jovem policial despreparado. Quem quisesse se descartar rapidamente de um colega assustado não optaria por aqueles métodos indiretos, perigosos e de êxito duvidoso.

Também papel insólito __ igual ao do torturador louco __ é o do dono da fábrica, patrão que dedura o empregado, o morto. Ele só entra em cena para ouvir um discurso ideológico, onde a burguesia estaria em ligação direta com o aparelho policial: o sustentaria com seu dinheiro, mas a polícia faria para ele o serviço dos lixeiros, arrecadando os marginais que sujassem suas empresas. A própria referência à mulher da torturadora, como sendo pertencente à alta sociedade, é mais um lance que confirmaria a tese de que a burguesia, em todos os níveis, inclusive através da cama, conviveria (e estaria compromissada) íntima e silenciosamente com o sistema repressor e torturante.

Enquanto a falha fica só ao nível da gratuidade dos personagens, tudo bem. Mas no caso de Piedade, o problema torna-se mais grave por conter forte dose de estereótipo: na concepção do autor, como uma mulher feminina não se encaixaria no papel de torturadora implacável, o homossexualismo justifica o autoritarismo dela, bem como sua forma de agir. Portanto, além de ser detalhe prescindível, ainda é preconceituoso, ao tentar "explicar" o comportamento de Piedade por ser ela um "tremendo sapatão", como comentam os colegas torturadores na sua ausência.

As mulheres autoritárias não precisam necessariamente ser homossexuais do tipo machas. Por apresentar capacidade de comando,, de planejamento, inteligência, decisão, energia, raciocínio lógico, sangue-frio na execução das tarefas ou seja, qualidades ditas "masculinas" , teve de ser masculinizada para poder ser igual ou mesmo superior aos seus colegas.

Numa sociedade patriarcal é o homem quem manda, ordena, brilha, executa, decide, delibera. É nisso que dá a reprodução de papéis: uma mulher bem sucedida na vida tem de ser "como um homem"; mas, paradoxalmente, já que isso não pode ser conseguido dentro da "normalidade" (onde ficam a sensibilidade e a ternura femininas?) foi forçoso igualá-la sexulmente a seus parceiros .É mais seguro acreditar em padrões estabelecidos do que aceitar que ela pode odiar e matar, como qualquer outro ser humano. A frase, válida para o torturador, também serve para a mulher: ambos são resultados e não pontos de partidas.

Enquanto a vida dos demais personagens é normalissima e identificável com a **maioria** das pessoas da classe média, o que o público fixa com relação à torturadora é que ela é "lésbica". Piedade é á única a ter duas características incomuns: "é homossexual" **(minoria)** e "macha" **(minoria da minoria).** Por ser "assim" é que ela age "assim". Que alívio: estão salvas as mulheres de família.

Se não fosse por estes furos, "FÁBRICA DE CHOCOLATE" seria excelente. Mas "uma análise das vísceras do torturador" - como a peça é definida - deveria penetrar fundo em suas entranhas, não através de julgamentos preconceituosos, mas de corajosa percepção da própria realidade, que não precisa conter nada de particular nem de estranha, quando se trata de mulher, para parecer verdadeira.(Leila Miccolis)

Teatro europeu no Brasil

Trazido pelo SNT, está no Brasil o **Teatro Experimental de Cascais**, sem dúvida, a companhia portuguesa internacionalmente mais conhecida. Posteriormente, virão **A Barraca**, também portuguesa, e o **CEDTAE** (Companhia Francesa criada e dirigida pelo brasileiro Augusto Boal). Temos que louvar o trabalho de nosso amigo Beto, do SNT, a cuja ousadia corajosa se deve muito desta realização, sabemos.

O **Teatro Experimental de Cascais**, TEC, é o grupo experimental mais badalado do teatro lusitano, com constantes excursões pela Europa, África e Ásia. Agora, eles estão no Brasil, donde seguirão para a Venezuela, primeiro, e para a Polônia, depois. Após uma exitosa mas acidentada temporada carioca, acidentada devido à escolha do Teatro Glauce Rocha, de dimensões e condições impróprias, o TEC estará em São Paulo (Gil Vicente) e Brasília (Teatro do Parque).

Dirigido pelo divino Carlos Avilez, seu fundador, o TEC trouxe ao Brasil seis dos mais importantes espetáulos dos seus mais de 15 anos de vida: **Auto da Índia e Auto da Barca do Inferno**, de Gil Vicente; **D. Quixote**, de Cervantes, em adaptação de Yves Jamiaque (Prêmio Nacional de Encenação/1968, Portugal; Oscar da Imprensa para a melhor encenação/ 1968, Portugal; Prêmio Internacional de Barcelona para a melhor realização plástica/ 1968, Espanha); **Oração e Dois Verdugos**, de Arrabal; **Fuenteovejuna**, de Lope de Vega; **Ivone, Princesa de Borgonha**, de Gombrowicz (Prêmio para o melho espetáculo do ano/ 1972, Portugal; Prêmio de Crítica pela melhor encenação do ano/ 1972, Portugal; Prêmio de Encenação da Secretaria de Estado/ 1972, Portugal); **e A Maluquinha de Arroios**, de André Brun (Prêmio Nacional de Encenação/ 1967, Portugal; Oscar da Imprensa para o melhor encenador/ 1967, Portugal).

São espetáculos belíssimos, estes, que vi em Portugal, revi em Angola e estou re-revendo no Brasil. Gente finíssima, muita charme e bom gosto, um visual chiquérrimo, excelente escola, belíssima expressão vocal-corporal.

Não me batam, se eu disser que é uma lição de Teatro, de um certo tipo de Teatro, assistir/ participar a uma exibição do TEC. É mesmo, sim senhor.

No elenco, alguns dos nomes mais respeitados, respeitáveis e queridos da cena lusitana, como Antônio Marques, Cecília Guimarães, Isabel de Castro (para mim, a melhor atriz do cinema português), João Vasco, Maria Albergaria, Zita Duarte (a favorita das marias-bonitas lusiadas), Rogério Paulo (o melhor ator da "santa terrinha"?), Ruy de Matos, Ivone Silva (a primeira-dama da Revista Alfacinha), Dona Fernanda Coimbra (quase oitenta anos de sedução e talento)... e essa coisa fofíssima que é o lindíssimo Nuno Emanuel!!!

Me parece que uma das descobertas mais fortes desta Companhia, é a de conseguir transar espetáculos de agrado geral. Todos gostam: intelectuais (sic, sic, sic...), gente de teatro, classe média e, sobretudo, bichas e sapatões, que ali encontram **coisas** lindas de morrer, com potenciais paqueras mis. É só ter coragem, tentar, insistir, e garanto que ninguém vai se dar mal. (**João Carneiro**).

Marco Antônio Chagas Guimarães
(Psicólogo — CRP 05/2550)
Consultório: Praça Saens Peña, 45/1502, Tijuca. Telefones: 284-6714 — Marcar hora das 14 às 17 horas.

Quando o certo é o avesso

A dublagem — ou **micagem**, como é chamada pelos adeptos desta suposta arte — alastrou-se como uma praga entre os travestis "artistas" nivelando-os a todos — talentosos ou não — numa mesma faixa, a da falta de imaginação. São poucos os que conseguem transcender os limites da micagem, apresentando nos palcos alguma coisa de realmente inventiva (é o caso, por exemplo, da Andréia Gasparelli, a "Gal Costa": este sim, um transformista que, quando começar a cantar, terá condições de se transformar na Rogéria dos anos 80).

Por causa dessa característica — um **show** de dublagens — é que não se esperava muito do novo espetáculo do Bifão Cabaré, que Adão Acosta, produtor da casa e lampiônico, intitulou de **Noite do Avesso.** É verdade que, no **show** anterior, um detalhe já havia sido notado — a ausência de estrelismo do elenco: pela primeira vez, sentia-se que um grupo de travestis fazia um "trabalho de equipe" — um ajudando o outro, o que já era uma novidade. É verdade também que, no **show** anterior do Bifão Cabaré, os travestis não apenas dublavam cantoras, como procuravam parecer o mais possível com elas. Além da própria Andréia (que é **Gal Costa**; a verdadeira Gal é uma imitação), Adriano (Maria Alcina), Rodá (Zezé Mota), Ana Karina Berg (Lecy Brandão) e Cyntia Levy (Shirley Bassey) eram imitações perfeitas.

Na **Noite do Avesso** eles continuam a dublar suas artistas preferidas na primera parte, que conta, ainda, com a participação de Laura de Vison e seus seios impossíveis, e de Mabel Luna, uma argentina que dubla Dalila. Mas é na segunda parte que, como diz o apresentador Fernando Moreno, "tudo se transforma", e os artistas do Bifão Cabaré parecem citar Brecht ("o que é certo não é certo; as coisas não ficam como estão"). Eles vêm "pelo avesso", ou seja, mostrando o outro lado de sua ambiguidade. E então, Mabel Luna se transforma num malandro portenho estonteante, a cantar o "tango de mi vida"; Laura de Vison consegue esconder os fartos seios para se transformar num palhaço angustiado; Cynthia Levy exacerba a dengosa frescura do baiano Gilberto Gil, cantando **Realce**; Rodá aparece de Emílio Santiago; Ana Karina Berg volta às suas origens e apresenta um genial e gingatíssimo sambista de partido alto; Adriano faz as bichitas miarem de prazer dublando um Malcom Roberts tão perfeito que tem até o detalhe da volumosa e apetitosa mala posta de lado; e, no grande final Andréia Gasparelli prova definitivamente que o certo é o avesso: entra vestida de Shirley Bassey e dublando **This is my life**; vai tirando maquilagem, adereços, roupas de mulher, fica nu, e então se transforma em Paul Anka dublando **My Way.** No dia em que eu vi o **show** tinha até bofe chorando na platéia a essa altura: é uma coisa emocionante (**Aguinaldo Silva**)

DESTERRO
Artesanato Catarinense — peças em cerâmica, madeira, plantas desidratadas, tapetes, gaiolas, peças folclóricas. Rua do Catete, 228, Loja 305, Rio.

PRA QUEM ENTENDE DE SAUNA
Sauna/vapor __ música ambiental __ bar __ TV a cores __ piscina interna __ biblioteca — private rooms
THERMAS
De 9 da manhã às 6 da manhã do dia seguinte
Rua Buarque de Macedo, 51, Flamengo, Rio
Telefone: 265-4389

Centro de Documentação
Prof. Dr. Luiz Mott

Destroca-troca

Caro Redator: O motivo pelo qual venho escrever-lhe é o de prestar esclarecimento e retificar o que foi publicado na seção Troca-Troca do n.º 23. Onde alguém mais exaltado usou e abusou de meu nome e caixa postal; dizendo que senhor de 40 anos desejaria conhecer jovens bem dotados com fins amorosos e turístico. Isso porque, 1.º tenho 18 e não 42 anos. 2.º, vou à Europa mas não consta dos meus planos levar alguém na bagagem, nas costas e muito menos às minhas custas. E como há males que vêm pro bem, aos menos avisados que por acaso vierem a escrever só me resta guardar os selos e começar a colecionar fotos de garotos bem dotados. Ficaria muito grato se esta carta fosse publicada. Sem mais, meu cordial muito obrigado.

Roberto — São Paulo

R — **Você é um homem civilizado, Roberto, que coisa rara! Coleciona selos! Se soubesse o que eu coleciono, certamente cairia para trás. Não te digo por ser impublicável. Mas a vida é assim, não é mesmo? Cada um coleciona o que pode, o que quer, o que lhe dá prazer. A malandragem que fizeram com você no Troca-Troca deve ter sido brincadeira de amigo seu. A gente não tem como se preservar dessas coisas. Em todo o caso, obrigado pela maneira (mais uma vez) civilizada de sua reação. Que pelo menos possa fazer um belo álbum de selos e de garotões "bem dotados".**

Todos Sexuais

Caros Lampiônicos. Acompanho Lampião desde sua tenra infância e tenho o maior carinho pelo jornal e pelo pessoal que trabalha nele. Além de estar do lado da causa que defendem (a defesa de todos os oprimidos e marginalizados pelos Sistemas), me entusiasma a linguagem apaixonada de vocês e a briga constante pelo direito ao prazer amplo e integral que todo o ser humano tem, constantemente mascarado, não apenas pela direita, como é óbvio e sua função, como também pela esquerda (só brasileira?). Acho especialmente importante essa luta na medida em que, no Brasil, tudo está por ser feito e acredito que possamos encontrar um modelo de sociedade, tenha que nome tiver, em que os preconceitos de toda espécie possam ser banidos, sem que isso implique em traição à causa do proletariado. Dito isso, vamos ao que interessa: umas das minhas preocupações é que Lampião venha a se tornar um Pasquim da vida, de triste memória. Olha que eu também acompanhei e saudei com entusiasmo o nascimento do Pasquim e vejo o jornalzinho agora tomar posições imbecis frente a problemas sérios (vide lesbianismo, etc.). Nada mais irritante do que o liberalismo de esquerda: não fode nem sai de cima. Isso porque venho notando, aqui e ali, certos sectarismos que não sei onde vão levar. E eu não discordo da posição de João Carneiro em relação à inserção dos homossexuais na luta mais ampla. Acho mesmo que a tendência agora é a manipulação e os homo têm que tomar o maior cuidado (Obs.: também não achei machismo em sua matéria...). Só acho também que o caráter manipulatório, a despeito da especificidade em relação às "minorias", é geral na politicagem brasileira. Portanto, são dois engodos: um que visa especialmente a aliciar um segmento marginalizado e o outro que acena com uma sociedade justa, igualitária, etc... etc... — desmascarados, ambos, pela prática e por toda a história dos movimentos de esquerda, no Brasil (só?) discricionários, autoritários e preconceituosos... Outra coisa: Peter Fry fez uma matéria no último Lampião (Novocabulário Guei) e lá pelas tantas ele define "bissexual": algo que não existe; quem se diz bissexual é apenas uma bicha não assumida" etc. Aproveitando, vou citar também o artigo de James Lindsay (Heterossexualidade: perversão ou doença?) Peraí, Peter e James: eu acho que todos têm direito de usar sua sexualidade da forma que lhe dê mais prazer (oh coisa batida, meu Deus!). Eu concordo mesmo em que a organização familiar, da forma como está estabelecida, foi e é determinada por relações de poder, como toda a organização social de Leste a Oeste. Até aí tudo bem. Agora, me parece é que negar que o prazer possa ser encontrado com parceiros tanto femininos quanto masculinos, é sectarizar e usar o mesmo discurso autoritário vigente: só é pleno o sexo feito com parceiros do mesmo sexo! James me vem com o mesmo discurso que a sociedade hetero usa pra discriminar o homo: o heterossexualismo é uma "perversão", etc... Parece que já ouvimos isso em algum lugar... De resto, apesar de todo o entusiasmo com que foi saudado, não se atentou muito às sábias palavras daquele travesti do 1.º EBHO: "nós somos todos **sexuais!**". Dá para sacar? **Sexuais**, ampla, geral e irrestritamente!

Beijocas.

Vera Maria de Queiroz — Rio

R — **Olha Vera Maria, o nosso maior cuidado tem sido sempre não cair nas afirmações dogmáticas nem nos fanatismos, sejam sexuais ou políticos. Estamos sempre em estado de autocrítica dentro do jornal e achamos, como você, que muitos projetos que foram saudados em seu início como libertários estão hoje a serviço da opressão das "minorias". Acreditamos que não vamos cair nessa esparrela: o Lampião continua sendo feito por pessoas que estão atentas para as armadilhas colocadas no meio do caminho, à direita e à esquerda. Não serviremos de bucha de canhão e massa de manobra de nenhum partido ou grupo político. Somos, como diz um lampiônico, da "divergência socialista" e estamos aqui para subverter as regras do jogo tanto dos que estão no poder como dos que aspiram a ele. Parece que você não sacou bem, mas o artigo de James Lindsay é apenas uma tremenda gozação, o ponto de vista irônico de uma bicha inteligentíssima do mundo hetero. O glossário do Peter Fry, é um dos momentos mais brilhantes do Lampião n.º 24; ele também está gozando tudo e todos, inclusive as bichas "sérias" do 1.º EBHO. Quanto ao prazer de cada um, ele deve ser livre, geral e irrestrito. Beijos.**

Memória guei

De alguns anos para cá, a Imprensa brasileira tem dado um destaque a Questão Homossexual. Notícias, ensaios, entrevistas, matérias e contos, tem sido publicados em jornais e revistas de norte a sul do país. Para que todo esse material não se perca no tempo e no espaço, o Jornal **Lampião** resolveu organizar uma **Memória** de tudo que tenha sido ou venha ser publicado sobre homossexualismo. Para isto, pedimos a colaboração dos leitores, que enviem-nos o original ou xerox desse material.

* * * * *

Lampião da Esquina: Caixa Postal 41.031, Rio de Janeiro — RJ — CEP 20.400

* * * * * *

Terceiro Ato

Caros Amigos. Por meio desta comunicamos a formação de mais um grupo Homo, situado em Belo Horizonte—M.G. Após um longo período de opressão, de cativeiro — neo-fascista — a sociedade brasileira está vivendo o momento de "redemocratização", não vamos discutir o significado ou realidade desse fato; vamos sim aproveitar o momento, o espaço conquistado, para contestar a ideologia vigente, independente de suas origens e bases sobre as quais se assentam. O sistema é anti-humano, antinatural e queremos contribuir para a mudança. Reivindicamos o direito de crítica sobre toda a estrutura social vigente, seja sobre a problemática econômica relacionada às formas de produção — exploradores × explorados —, seja ao nosso condicionamento comportamental. Nos organizamos para lutar contra todo o tipo de segregação, em particular pelo nosso direito de "ser", nós que somos chamados de homossexuais, "doentes", "bichas", "sapatões", etc., vítimas das ditaduras da direita ou da esquerda. Não nos colocamos contra as "ideologias progressitas", nosso movimento faz parte delas, mas contestamos a moral burguesa das esquerdas, assunto que discutiremos posteriormente. Nosso grupo é o TERCEIRO ATO. Está relacionado ao ato do questionamento, enquanto o primeiro ato está relacionado ao ato instintivo e o segundo ao ato condicionado. Somos o Terceiro Ato e é o questionamento dos valores que nos levou a apoiar os movimentos reivindicatórios dos direitos humanos das mulheres, negros, pessoas com problemas físicos, índios, a massa de trabalhadores e outros explorados e marginalizados deste nosso país. Acreditamos que a verdadeira democracia está relacionada com a melhoria das condições de vida do trabalhador, garantindo-lhe o fim da marginalidade. Nos posicionamos contra qualquer forma de machismo, chamamos a atenção dos trabalhadores, sindicatos, intelectuais, estudantes e todos os militantes progressistas para os preconceitos que fazem com que mulheres, negros, homossexuais, índios, etc. fiquem alijados ou vistos de forma paternalista pelos "Homens Brancos". Não basta modificar a ordem econômica de uma sociedade se não é realizado paralelamente um trabalho de questionamento da ordem moral vigente. Se até o momento o homem foi levado a se adaptar a "normas e leis" preestabelecidas e a situação não melhorou nada, acreditamos que estas "normas e leis" podem ser mudadas e adaptadas às realidades emanentes do homem. Nos posicionamos contra a separação entre homossexuais masculinos e femininos. Acreditamos que este antagonismo é o resultado de uma sociedade onde predomina o individualismo e, que por sua vez serve para garantir a desunião e o enfraquecimento dos grupos marginais. Somos uma força, devemos estar unidos e conscientes. Alertas contra o falso liberalismo que nos mantém como doentes ou segregados em guetos. Em Belo Horizonte é grande o número de homo conscientes, é grande o número de heteros que nos estão apoiando e sabemos que os Hitlers ou Stalins terão mais trabalho para nos destruir. Aos nossos amigos do Lampião comunicamos que nossa Caixa Postal é n.º 1720. Gostaríamos que o Jornal transasse uma coluna onde os vários grupos de todo o Brasil pudessem manter uma correspondência. Ainda estamos nos organizando, mas para o futuro pretendemos garantir a representação do "Lampa" em B.H., por aqui temos muito trabalho, mas também muita gente disposta.

Grupo Terceiro Ato — BH

R — **Nosso jornal é de vocês, amigos e amigas do Terceiro Ato. Façam dele a tribuna de congraçamento com os demais grupos oprimidos que estão surgindo em todo o Brasil. Lampião precisa da cooperação de vocês todos, da crítica constante e do auxílio também, como leitores atentos e, principalmente, como ASSINANTES. E não tenham dúvidas: nós, juntos, é que estamos fazendo a História. (Batucávamos tranqüilamente estas linhas quando La Mambaba surge na redação. Na sua curiosidade animal, veio direto na minha direção, leu o que eu escrevia e apostrofou: "Apanhado outra vez pecando contra a modéstia! A grandiloqüência é um vício essencialmente fascista. Põe isso na tua cachola, bicha obtusa: quem se diz oprimido não pode falar como os donos do poder.")**

Venham Todos! ! !

Turma do Lampa, Rafaelinha, minhas senhoras, meus senhores, ui!!!. acho que entrei em discurso errado. Culpada é a emoção que eu sinto em escrever, desta vez como leitora (troquei de papéis, viu?). Afinal, colaboradora também tem seu dia de mingau... Então, atrevo-me a dar um "ultimatum" ao pessoal assíduo que lê o jornal. A Yone (alô alô Luca do n.º 24, ela existe sim, não é jogada comercial não) falou e eu abono: os grupos organizados do Rio estão precisando de homens, mulheres, de todos que estejam numa de agir e não de esperar cair do céu. E não é por falta de caixas postais que vocês vão deixar de escrever pra gente. O AUÊ tem três, anotem: 16218, 25029 e 65022. Nosso grupo está crescendo e o pessoal da ala das mulheres é animadíssimo... (é só se chegar pra comprovar...) Vamos dar até brindes especiais — Tchan tchan tchan tchan...) pras cento e cinqüenta primeiras cartas que recebermos — viu como somos dadivosas?... Portanto, aproveitem a oportunidade: ao lado da campanha do Lampião pra conseguir mil assinaturas até agosto, a gente está lançando a nossa, pra conseguir, até lá, mais mil membros pro nosso grupo, heim, heim?... Afinal AUÊ precisa de VOCÊ. Venham...

Leila Míccolis — Rio

R — **É isso aí Leila, vamos batalhar pra que o Lampa, o Auê e os outros grupos alcancem os mil, cem mil, um milhão de homossexuais. Vamos transformar a quantidade em qualidade. A nossa chamada deu certo, e o pessoal já começou a fazer as assinaturas, mas ainda não chegamos lá. Milhões de beijos lampiônicos pra você!**

Encontre um amigo. Visite

THERMAS DANNY

SAUNA E MASSAGEM

Rua Jaguaribe, nº 484
Fone 66-7101
São Paulo

HÉLIO J. DALEFI — médico homeopata — clínico geral. Rua José das Neves, 89. Fone 521-0999 — planalto Marajoara (pela Avenida Interlagos, até frente Café Solúvel Dominium), São Paulo — Capital.

Depilação definitiva
STELA
Rosto e variadas partes do corpo
Tratamento. Método: eletrocoagulação, com aparelhos importados, os mais modernos dos Estados Unidos. Não deixa manchas nem cicatrizes. Ambos os sexos.
Rio: Largo do Machado, 29/808 — Fone 265-0130 — São Paulo: Alameda Franca, 616, s/01 — Fone 288-5163

SALVEMOS A AMAZÔNIA

Psicoterapia Existencial — Terapia cognitivo-sexual
Aristóteles Rodrigues — Psicólogo CRP. 05.2512
Fones 286-9561 e 226-7147
Rua Barão de Lucena 28 e 28-A — Botafogo

Praça Saens Peña, 45, lo. 204

Centro de Documentação
Prof. Dr. Luiz Mott

"Bobos da Corte"

Acompanho vocês desde o primeiro nº. Parabéns pelo excelente jornal que vocês fazem. Quero parabenizar, aplaudir mesmo o Sr. Antônio Carlos Moreira, por sua matéria "Bichices na TV! Plim, Plim!" (Lampião 23). Em um bate papo com amigos homossexuais a discussão se tornou um tanto "quente" quando um deles disse que não via nada de mais nessa bichice toda, e que chega a ser até "bonitinho" ver no vídeo, nos anúncios, out-doors e tudo mais, aquela desmunhecação toda. E que tudo isso é resultado de uma "abertura" que estamos tendo agora, pois há pouco tempo atrás isto seria um escândalo, blá, blá, blá... Pô!!! Disse eu. Que abertura é essa? Só se for uma certa abertura que permitiu teatrólogos, escritores, publicitários, etc..., que com medo ou incapacidade para assumirem seu homossexualismo, descarregam no seu trabalho a imagem daquilo que gostariam de ser. Mas é uma imagem distorcida do homossexual. É o "bobo da corte" realmente. O que é mais incrível: virou moda. É até chique dizer que se tem um "amigo" homossexual. É lamentável saber que atores, como os citados na matéria e outros tantos (assumidos ou não) se prestam a tais coisas. Mas é ainda a nossa realidade. Não pensem que sou contra a desmunhecação, a bichice, o "frescor", sou contra o uso que fazem disso, que distorce cada vez mais a imagem do homossexual. Concordo com o autor quando se refere ao episódio "O Crime do Castiçal" como sendo um marco no sentido de mostrar o homossexualismo com pureza e realismo, sem toda essa "fantasia" que **todos** os textos para teatro mostram, exploram. É sempre a mesma coisa: uma ou várias bichinhas fazendo palhaçadas no grande circo. É isso aí. Parabéns mais uma vez e espero que essa, assim como outras tantas matérias do nosso Lampa possa "abrir" um pouco a mentalidade dos nossos companheiros. Um abração a todos pelo 2º aniversário e continuem assim, firmes, iluminando-nos.

César Roberto Tank — São Paulo.

R — **Em primeiro lugar César, ficamos emocionados, com o carinhoso abração de aniversário, vamos brigar para chegar aos 48 com a mesma garra de sempre. Quanto as bichinhas que entram numa de achar que é muito bonitinho ver os viados desmunhecarem na TV, feito "bobos da Corte" e idiotas, baixe o pau nelas, pois é isso que elas merecem. O Lampiônico que escreveu a matéria se encheu todo, ficou todo bobo com seus elogios e agradece fazendo uma ressalva, pois se considera muito jovem, ainda, para ser chamado de Sr. Senhorita lhe cabe melhor.**

Pezinho Bonito

Oi gente nova, dizer que eu curto o "Lampião" até excede, né :: (senão eu não estaria aqui nessa carta querendo papo). Pra botar uns reforços aí nas afetividades de vocês lá vai: o jornal e vocês são um barato, uma luz (não fosse Lampião). O que vocês já devem ter feito de bem pela cuca de um bando de gente como a gente e outras gentes não dever dar p'ra contabilizar. E ir p'ra frente, de cabeça erguida e muita força p'ra espantar os medos; estar unidos ajuda pacas. Graças a Deus (deus?) que estamos perto do ano 2.000, perto de 2.001 (A Odisséia do Corpo). Passemos ao papo. Eu ja notei que um assunto que o pessoal parece evitar por aí é o da família do homo. Qual é? Vocês acham que ainda não chegou o dia de enfrentar as nossas casas, de entrar no sacrosanto recinto dos lares heteros? (!?) onde nascemos, somos criados e colocados p'ra vida? De vez em quando vocês falam de heteros, (ai que eu disse a palavra no lugar errado) quero dizer homos, que são arrastados a tratamentos psiquiátricos "corretivos"; vocês falam em que somos pessoas afetivas que procuram dar uns aos outros o carinho que não tivemos em nossos lares... Tudo bem. Evidente que a gente lê o revide a sociedade machista. Mas que tal uma palavrinha sobre as peças que arrastam nossos irmãos p'ros tratamentos p'ra filho de peixe deixar de ser peixinho? Que tal falar das peças que nos tornam tão carentes e na maioria das vezes cometem a abominação de nos rejeitar porque somos o reflexo de uma das facetas do casal hetero que nos gera, faceta que o dito casal avestruzmente rejeita, só p'ra ficar bem com parentes e vizinhos. É... A discriminação parece que começa em casa, né? Eu acho que seria uma boa a gente lembrar a esse pessoal que a gente não é filho de chocadeira. Não, mesmo! Somos filhos de casais Macho vs. Fêmea, como é inevitável só que esses machos e fêmeas que discriminam a gente parecem querer ignorar isso, enquanto trocam beijinhos e respeito com os pobrezitos de nuestros papás (é, na casa da gente parece que tende a pintar dois papás, ou duas mamãs, apesar do sexo dos integrantes da parceria ser diferente um do outro), pobrezitos que por alguma hipocrisia que hteros caretas devem saber explicar direitinho, aceitam esses beijinhos e respeitos junto com a intolerância com que seus rebentos são tratados. Isso é assunto, Ou não é? Ou será que tamos numa de "roupa suja se lava em casa". Esse ditadinho é da laia do "Nego quando não borra na entrada, borra na saída", ou seja: é ditadinho pra encurralar mesmo. Eta avestruzada braba. Qual é? O pessoal não gosta de ver no espelho o reflexo de seus lados ocultos? Esse pessoal tá precisando é de coragem e humildade p'ra se deparar com outras possibilidades de ser do bicho humano e transar elas respeitosamente que nem a gente andou fazendo com "os outros" por esses séculos afora de discriminação. Como é que é? Será que a gente não pode dar uma transada crítica nesses heteros que geram, educam e fazem a gente p'ra depois ficar emburrado porque deu viado na cabeça? Não queria, não jogasse no 24. O problema da gente não é de ser. O problema da gente é güentar esses chatos que ficam a se masturbar mentalmente acreditando que a gente é algum fenômeno da natureza ou então uma vítima das más companhias. Favor ler essa última frase com a dose de ironia que ela merece. Abraços e beijos fraternos p'ra vocês todos, especialmente p'ra quem tiver pezinho bonito, beijoca sensual no dedão do pé direito. Isso p'ra não dizer que eu não falei de flores. À da gente. Tim! Tim!

G. de Castro — Rio

R — **Sua carta tocou fundo no problema mais sério das bonecas e que mais gera neuras na praça: o sentimento de rejeição pela família. Olha, boneco, são poucas as bichas que conseguem se libertar dessa terrível sensação de solidão e sofrimento resultante da rejeição familiar, e são poucos, os que, como você, conseguem vencer esse sentimento a ponto de poder falar tão clara e debochadamente sobre ele. É isso aí. O movimento de desopressão do homossexual deve ter esse tema como um dos primeiros para os debates futuros. Temos que limpar a nossa cuca da maldita sensação de doença imposta pela sociedade falorática judaico-cristã. Não nos aceitam como somos? Pior para eles, pois terão de engolir um nabo gigantesco. E agora passemos ao que é bom: Você faz gênero gatão ou gatinho? Porque tem gente aqui que para todos os tipos... E esse negócio de pé bonito botou em rebordosa a redação, podes crer. A gente curte adoidado todos os prazeres requintados.**

Cacá Sumiu

Oi Lampião. Tudo bem? Não sei se essa é a melhor maneira de tantar encontrar alguém, mas é a única que me restou. Talvez nem todos, ou melhor, quase ninguém vai lembrar, mas no Lampião nº 14 havia uma carta intitulada "O drama do Cacá", eu li, me emocionei e entrei em contato com essa pessoa. Daí passei a me corresponder com Cacá, desde aquele mês de Julho, minha vida se transformou. Cacá é a pessoa mais maravilhosa desse mundo, ela conseguiu me devolver toda esperança de viver, sim, porque a vida ia me levando e aprontando coisas que eu não conseguia entender porque era tudo ruim mas pintou essa pessoinha linda que me ergueu, só que agora estou novamente no chão, no mais baixo chão possível, tudo porque Cacá sumiu faz um mês e alguns dias. Nunca pensei que eu fosse amar alguém de longe (S.P.), não imaginei ser possível, porque nós não nos conhecemos pessoalmente o que não foi barreira para o amor tomar conta de mim, eu me dei ao máximo possível numa relação entre pessoas distantes e ela também, digo isso por causa das cartas que trocamos e não me deixa pensar que foi um sonho. Hoje restam cartas, dois retratos, um cachorrinho de pelúcia, a lembrança de alguns telefonemas e uma angústia imensa. Não sei o que as pessoas irão pensar mas gostaria de ter essa carta publicada como uma esperança de saber alguma coisa sobre ela, uma garota de uma força incrivelmente estranha e imensa, me fez renascer de um passado triste, me devolveu a vontade de amar e me entregar a esse amor. Agora nesse momento sinto que nada mais é importante, tudo perdeu a lógica, estou completamente sem ação, atônita e o coração está todo machucado. Eu ficaria grata por qualquer notícia recebida porque isso ia me fazer muito bem.

Beth — Rio

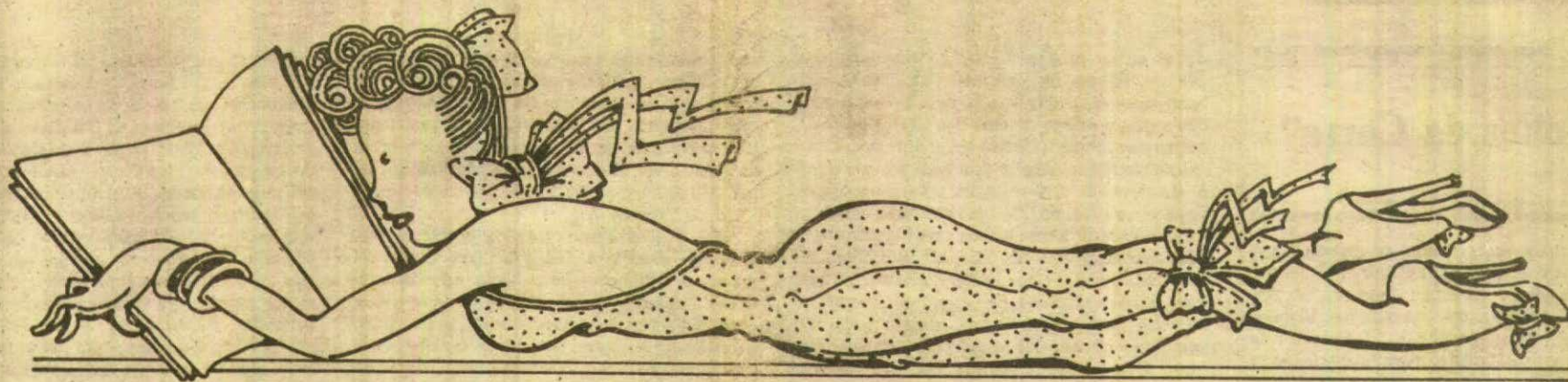
R — **Beth querida, não se desespera que Cacá vai reaparecer. Nós, daqui, fazemos um apelo a Cacá para que lhe telefone ou escreva imediatamente.**

Centro de Documentação
Prof. Dr. Luiz Mott

LITERATURA

Internato

PAULO HECKER FILHO

"Internato" é a história de um grande amor homossexual adolescente. A novela, publicada em 1951, é pioneira no tema, no Brasil, só tendo atrás de si "O Bom Crioulo" de Adolfo Caminha, escrita no século passado. Paulo Hecker Filho é um escritor gaúcho que estreou na literatura aos 22 anos com um "Diário" que abismou a crítica brasileira e portuguesa por sua enorme cultura literária e humanística. "Internato" é a terceira obra do Autor e desta vez serviu para escandalizar de vez a pacata "Intelligentsia" nacional. Hoje, "Lampião" entrega outra vez ao público brasileiro essa pequena obra-prima de delicadeza e de confiança na vida tanto tempo escamoteada das prateleiras das livrarias.

Ao primeiro chofer, Jorge indaga:

— Você sabe um randevu aqui por perto?

— Sei. Tem a Luiza, se querem gastar.

— Não, coisa barata.

— Só mais longe. Pode-se ver. Hoje, sábado, está tudo cheio, vocês sabem.

— Está bem então.

Embarcaram os dois atrás. Afoito, Jorge circunda o pescoço de Eli e o beija com ruído. O chofer vira-se e seus olhinhos lampejam no escuro:

— Ué? .... —ri.

Aceitando a malícia do chofer, Eli ri também, a demonstrar que era o ativo e se distraía. Jorge fica a ponto de cair em pranto de ressentimento. Mas apenas retira o braço, olhando à frente. Com a mão nas coxas de Eli, excita-o. O outro permite e só o aplaca quando as carícias se intensificam, machucando-o.

— Aqui tem um — avisa o chofer.

Descem. Jorge fala: Vamos ver se tem lugar, fique esperando.

Na casa custam a abrir. Vem a madame.

— O que é? Não têm mais meninas. Todas ocupadas.

— Queríamos um quarto.

— Só tem um, um se arranja. O outro vai ter que procurar noutra pensão.

— Um. Um chega.

— Mas as meninas que vocês trazem são de maior idade? Nada de virgem pra cá.

Não trazemos.

— Então pra que o quarto?

— Quanto é?

— Mas não tem, filho.

— Quanto é? Você disse que tinha um.

— Não tem. Já foi tudo embora. Vou fechar — e ia mesmo, se Jorge não entrasse.

— Me arranje, por favor, me arranje.

— Pra dois homens, não, não.

— Eu lhe pago da mesma maneira.

— Na minha casa não. Aqui não.

— Vá, me arranje.

Mas negando-se sempre, a mulher empurra Jorge para fora, até conseguir trancar a porta.

Ele põe o dedo na campainha, sem trégua, e ela desliga o registro. Algum tempo ainda chama, sequeando a madeira inutilmente. Desespera-se. Eli sugere que tentem noutra parte, e consegue trazê-lo ao carro, dando ordem para seguir.

O chofer divertia-se. Ouvia a discussão com a mulher, pois descera do carro por curiosidade, e divertia-se. Não suportando, Jorge interpela-o:

— Do que é que está rindo? Para com isto!

Sem responder, ele continua. Jorge vai lhe dar um sopapo na nuca, quando a presença de Eli capacita-o de que pode estragar tudo, perdendo aquela oportunidade. Deixa-se cair para trás, vencido, esforçando-se para dominar o pranto que quer lavar aquela ira impotente. E o chofer ria.

No terceiro randevu, havia um quarto, mas a dona, pelo modo já suplicante com que Jorge o pede, resolve cobrar cem cruzeiros pela noite, em vez dos regulares trinta.

Audaciosamente Jorge concorda e vai pagar o carro, enquanto Eli entra, sob a inspecção curiosa, mas não reprovadora da madame.

— Cinqüenta?!

— É. — E pelos olhos, com a crueldade dos que se julgam normais, continuava: — Sei bem quem tu és, não me enganas.

Jorge lhe espatifaria com gosto a cara. Tal é, porém, o seu desprezo que não pronuncia uma palavra. Teria cortado de si um pedaço para se ver livre daquele sujeito. Mete a mão no bolso e entrega-lhe a sua única nota.

O chofer examina-a, não crendo na facilidade com que o golpe pegara. Mas como são sem dúvida cinqüenta, alegre-se:

— Precisando, já sabe....

Ao voltar, a mulher conduz os dois ao quarto, abrindo as janelas. E já se retirava, com grande alívio de Jorge por nada ter exigido adiantado, quando o chama discretamente: — O senhor pode vir aqui um momento?

Jorge vai, sabendo do que se trata, na aflição de que tudo se desfaça.

— Se não se incomoda, pode me pagar agora.

— Depois, não é? — atreve-se a contestar, dada a delicadeza com que o pedido fora feito. Mas uma negativa seca corta-lhe a respiração.

— Depois...

— Não, agora.

— A verdade.... é que não tenho os cem cruzeiros. Dei o que tinha ao chofer. Mas se a senhora...

— Não pode ser, meu caro.

— ...quiser aceitar este relógio de garantia, — desatando-o do pulso — tome, tome. Vale setecentos, e a senhora pode ficar com ele se amanhã, amanhã mesmo, eu não vier trazer o dinheiro.

— Não. Não estou habituada a esses negócios, e se já deixei o quarto a vocês foi por concessão.

— Fique, fique com ele — quase a obriga a pegá-lo. Lhe peço que nos deixe aqui esta noite, esta noite, por amor de Deus.

Sem poder se contrapor àquela urgência, ignorando porque cedia, a mulher resolve ir-se, ainda a reclamar e levando o relógio.

Jorge volta ao quarto. Enfim, livre do mundo! do mundo contra o qual lutara tanto aquela noite, que de certo modo era o resumo de sua vida, livre, livre de amar! (excerto)

Um Caso de Amor

MARIA LÚCIA DE BARROS MOTT

Recebemos de Maria Lúcia este conto inédito e o publicamos sem mais demora porque achamos que esta é a hora da mulher falar. Nascida em 1948, escrevendo desde adolescente, Maria Lúcia é hoje, além de escritora, pesquisadora em história. Diz ela que seu principal projeto de vida é resgatar a história do oprimido — as minorias raciais, sexuais, mulheres e homossexuais. Foi também ceramista e pintora, mas por este belo conto temos certeza de que é como escritora que ela se exprime melhor.

Tinha acabado de me levantar. Saí correndo, meio sonada com a cara amassada e o olho empapuçado. O cheiro dela me envolvia toda que resolvi não tomar banho e guardá-lo mais um pouquinho. Meu cheiro, o cheiro dela, a preguiça, o calor... foi difícil sair do aconchego dos abraços na cama mas saí, tomei café na padaria e, acordei.

Coloco anúncio no jornal, vou à imobiliária, pago o aluguel, falo com o proprietário, faço outra proposta e daí, não mudo. Outra casa, outro bairro... e se fosse outra cidade?

O corpo esguio e o andar desenvolto das pernas que atravessavam a rua fizeram que eu acelerasse o passo e olhasse de frente. Olhos tensos traços duros e marcados. Corpo leve, ágil.

Ela me olhou, riu (achei que do meu espanto. Mais tarde contou que foi do meu jeito de andar, de equilibrista) e disse para eu ter cuidado com o ônibus na contramão. Do outro lado da calçada falou da greve dos motoristas, da liquidação do Mappin. Em frente à Light reclamou da conta de luz.

Corpo e rosto passaram a não me intrigar mais. O riso tinha um ar maroto, as frases eram irônicas e o olhar curioso. Faziam um todo harmônico com os cabelos vigorosos, os dentes bonitos, os seios pouco marcados e o perfume gosto (que não consegui identificar).

Quantos anos teria? Perto de cinqüenta.

Na esquina, parou no ponto de ônibus, ia para as Perdizes. Achei que poderia começar procurando uma casa por lá.

E o bairro, como é o bairro?

Soube dos dias de feira, das ruas de comércio e dos estudantes da PUC. Contei que era bailarina e que procurava uma casa para abrir uma escola de dança. Foi como uma senha, o nosso abracadabra:

BAILARINA!

Pois é, bailarina.

Falou-me então do marido que tinha proibido seguir dançando. Proibiu dançar, fumar, se pintar. Reclamava dos joelhos que apareciam por debaixo da saia ou no divã da sala. Não gostava da mania que tinha, que dizia que ela tinha, de conversar com qualquer um na rua, na feira, na padaria. Não queria que fosse ao cinema sozinha. Lia tudo que via, pois, isso ele não se importava, por que não sabia, não conhecia, o valor das palavras. Não entendia nem os gestos. Resolveu escrever poesias, mas só quando ele não estava em casa por que se estivesse, achava que aquilo era bobagem, pedia torta de chocolate, um copo d'água ou pra comprar cigarros. Nunca teve filhos. Aprendeu com a mãe a aceitar o pai, o irmão, depois o marido e foi o que fez, achando que não podia ser de outra forma.

Ela desceu do ônibus prometendo me procurar, um desses dias, quem sabe até voltar a dançar, afinal o marido andava um pouco mais calmo ultimamente.

Fui eu quem buscou seu olhar. Não havia esquecido do corpo, nem do rosto. Sua imagem estava muito presente, tinha me visitado duas vezes em sonho. No primeiro oferecia-me a boca, o seio e o sexo em troca do prazer que não conhecia. No outro, chamava-me para que juntasse meu corpo ao dela e sentisse as pulsações do seu coração e as vibrações do seu corpo.

Lembrou-se de mim como bailarina, havia esquecido meu nome. Eu estava de casa nova e ela, de marido morto. Trocamos endereços (dessa vez ela me deu o dela), tomamos um suco, e na despedida, fizemos promessas de um novo encontro.

Na segunda-feira, apareceu na escola, querendo se matricular, começar a dançar, naquela hora mesmo, já tinha comprado a malha, era só mudar a roupa. Pediu para escolher a música, mexeu nos discos, remexeu as fitas, aflita. Queria todas, mas não encontrava aquela.

Qual? Tchaikovsky, Ravel?

Não, não. Alguma coisa persa, do oriente.

Dança do ventre?

Não, música guerreira, de libertação.

Capoeira?

Dançou para Xangô, Ogum e Iansã. Quando tocou para Iemanjá, parecia que tinha saído do transe, perdeu o ritmo, me chamou para mostrar o passo. Coloquei-me na frente dela, tentou seguir minha cadência, segurou minha cintura e nossos movimentos se harmonizaram. Segurou-me mais forte, seus seios roçaram minhas costas, as pulsações de seu corpo lembraram-me o sonho, estimularam meu desejo (ou o nosso?) e frente a frente nos beijamos. Primeiro beijo de amor em boca de mulher.

Centro de Documentação
Prof. Dr. Luiz Mott